

www.harmonianet.org

FACES DA PROJEÇÃO ASTRAL

Artigos e relatos selecionados

2ª Edição – 2014 – Revisada e ampliada



PABLO DE SALAMANCA

2012

SOBRE O AUTOR

Pablo de Salamanca nasceu no Rio de Janeiro em 1968. Possui formação de nível superior em engenharia, graduando-se em 1991. Realizou mestrado a partir de 1992, defendendo sua tese em 1994. Ainda na sua área original de atuação profissional, iniciou doutoramento em 1995, finalizando sua tese no ano de 2000. Começou seu desenvolvimento mediúnico em 1993, psicografando a partir de 1994. Até 2012, onze livros foram concretizados pelas mãos de Pablo: *Sabedoria em versos* (2001), *Depoimentos do Além* (2005), *Vidas em versos* (2005), *O Trabalhador do Umbral* (2007), *Experiências extrafísicas* (2008), *Fundamentos de Psicoterapia Reencarnacionista e um estudo de caso* (2009), *Reflexões* (2009), *Experiências extrafísicas II* (2010), *Percepções* (2011), *Sonetos para refletir* (2011) e *Espiritualismo em foco* (2012). O livro em tela, “Faces da projeção astral”, foi terminado no final de 2012, sendo o décimo segundo livro de Pablo de Salamanca. Este trabalho é resultante de uma seleção de vários artigos do autor sobre viagem astral, com experiências práticas correlatas aos temas abordados. Em futuro breve, outros livros que já estão em execução, serão divulgados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos bons mentores espirituais pelo amparo e proteção. Pai e mãe, muito obrigado pelo amor e sacrifício desinteressados. Sou profundamente grato, também, aos diversos amigos materiais que de forma indireta contribuíram para a execução desta obra. Estes são tantos, que prefiro não citá-los, para evitar cometer injustiça com alguém. Agradeço especialmente a Terezinha S. do Carmo, pois colaborou diretamente para o término deste livro.

DIREITOS AUTORAIS

Atenção!

Esta obra possui direitos autorais devidamente registrados, e não será comercializada de forma alguma. Embora o livro seja oferecido gratuitamente, através de *download*, pelo *site* **www.harmonianet.org**, ele só poderá ser reproduzido com a autorização do autor, após contato através do *e-mail* **contato@harmonianet.org**, quando será permitido citá-lo em parte ou no todo, desde que denominando o autor e a *home page* responsável pela sua manutenção na internet.

CAPA

A capa é a fotografia **Amethyst Geode**, de **Matt Metzinger**, retirada do *site* **http://freerangestock.com** (acesso em 16/08/2012), e, conforme o mesmo, de uso inteiramente livre para usuários registrados no referido *site*.

ÍNDICE

<u>INTRODUÇÃO</u>	1
<u>CAPÍTULOS</u>	2
<u>Capítulo 1</u>	3
Artigo <i>“Projeção astral consciente”</i>	4
Relato <i>“A viagem pioneira”</i>	7
<u>Capítulo 2</u>	10
Artigo <i>“Projeção astral: utilidades e descaminhos”</i>	11
Relato <i>“Aprisionamento de entidades”</i>	14
<u>Capítulo 3</u>	17
Artigo <i>“A projeção astral em diversas religiões”</i>	18
Relato <i>“Campo Santo de Moisés”</i>	23
<u>Capítulo 4</u>	25
Artigo <i>“Os problemas de uma viagem astral”</i>	26
Relato <i>“Luta no Astral”</i>	30
<u>Capítulo 5</u>	33
Artigo <i>“Descontinuidades da projeção astral”</i>	34
Relato <i>“Sonhando no Astral”</i>	36
<u>Capítulo 6</u>	38
Artigo <i>“Amparadores e projeção astral”</i>	39
Relato <i>“O médico espiritual”</i>	41
<u>Capítulo 7</u>	43
Artigo <i>“Viagem astral: evidências”</i>	44
Relato <i>“Confirmação de experiência”</i>	46
<u>Capítulo 8</u>	48
Artigo <i>“Projeção astral e mediunidade”</i>	49
Relato <i>“Atividade mediúnica no Astral”</i>	51
<u>Capítulo 9</u>	53
Artigo <i>“Aspectos sobre rememoração de viagens astrais”</i>	54
Relato <i>“Teste espiritual e reencontro”</i>	57
<u>Capítulo 10</u>	59
Artigo <i>“Viagem astral e atividade mediúnica”</i>	60
Relato <i>“Projeções conectadas”</i>	61
<u>Capítulo 11</u>	64
Artigo <i>“Fatores interferentes na rememoração das viagens astrais”</i>	65
Relato <i>“Endometriose”</i>	67

<u>Capítulo 12</u>	70
Artigo “Projeção astral e nível de espiritualidade”	71
Relato “Área de sexo livre”	72
<u>Capítulo 13</u>	76
Artigo “Sempre lúcidos no Astral?”	77
Relato “Despertando um amigo”	78
<u>Capítulo 14</u>	81
Artigo “Projeção astral e uso de drogas”	82
Relato “Viagem perturbada por remédio”	85
<u>Capítulo 15</u>	87
Artigo “Viagem astral é psicoterapia?”	88
Relato “Projeção com retrocognição”	90
<u>Capítulo 16</u>	92
Artigo “Viagem astral e mudança perispiritual”	93
Relato “Percepções de voo”	96
<u>Capítulo 17</u>	98
Artigo “Lucidez extrafísica”	99
Relato “Auxílio e sonolência no Astral”	100
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O LIVRO</u>	102

INTRODUÇÃO

Este livro, “Faces da projeção astral”, agrupa uma série de artigos que escrevi entre 2005 e 2013 sobre a temática. Estes textos, que totalizam 17 artigos, demonstram bem como a questão das experiências fora do corpo têm aspectos bastante diversos. Não tive a pretensão de produzir um panorama completo, pois considero isso uma tarefa praticamente impossível, sobretudo num campo do conhecimento que ainda está nos seus primórdios, e, portanto, em plena expansão. Alguns desses artigos vieram à publico, originalmente, através do *site* www.espiritualistas.org. Outros, os mais recentes, estavam disponíveis no www.harmonianet.org. Alguns, por sua vez, estão vindo à lume somente agora, através desta obra. A colocação de cada artigo neste *e-book* respeitou a ordem cronológica de elaboração, desde o mais antigo para o mais recente.

No entanto, a presente obra não é composta apenas pelos citados textos, mas também por experiências próprias que colecionei ao longo do tempo, em incursões variadas pelo Mundo Astral. Assim, selecionei criteriosamente algumas viagens astrais que vivenciei, para, ao final de cada artigo, apresentá-la como complementação ou exemplificação sobre o assunto específico abordado. Aliás, os leitores poderão perceber, a medida que avançam na leitura do livro, como o tema “Projeção astral” realmente possui aspectos e nuances variados, que constituem-se em múltiplas faces. A depender do ângulo que se observa a questão, se poderá notar algo particular e especial.

Esperamos que a forma como este trabalho foi montado seja bastante útil a todo tipo de pessoa, desde aquele que é cético quanto ao fenômeno, passando por aqueles que desejam ter esta experiência, até os que já tiveram suas próprias saídas lúcidas do corpo.

CAPÍTULOS

CAPÍTULO 1

Artigo “Projeção astral consciente”

Escrito originalmente em 29 de setembro de 2005, e revisado em 18 de setembro de 2011.

Relato “A viagem pioneira”

Data da experiência: 1998.

Artigo “Projeção astral consciente”

Caros amigos, sair do corpo físico de forma inconsciente não é útil para se absorver conhecimentos na Espiritualidade. Projetar-se de maneira semiconsciente já é melhor, pois nos períodos de consciência, ainda que relativa em certos momentos, pode se aprender importantes lições e se praticar o bem ao semelhante. Mas, o grande objetivo de quem deseja realizar uma projeção astral é projetar-se conscientemente, isto é, com um despertar total de seu raciocínio e habilidades. Porém, um fator muito importante é o da rememoração dos fatos. Muitos de nós se projeta para o Mundo Extrafísico, agindo conscientemente, participando de trabalhos espirituais, estudando em escolas do Astral Superior, mas, infelizmente, não consegue trazer para a mente objetiva o conteúdo destas experiências, que ficam armazenadas apenas em nível inconsciente. Então conclui-se, facilmente, que o ideal é fazermos uma projeção astral consciente, associada a uma elevada capacidade de recordação das atividades nas dimensões imateriais. Desta maneira, temos duas questões importantes: 1- Como fazer uma projeção astral consciente; e 2- Como ter uma grande capacidade de lembrar-se de experiências astrais.

Inicialmente, é fundamental caracterizar uma projeção consciente. Nela, vemos cores nas paisagens, coisas e pessoas. O raciocínio é claro e lógico, sendo os fatos vivenciados com sequência também lógica (início, meio e fim). A experiência é tão marcante que, ao despertarmos no corpo físico, ficamos surpresos, pois tudo parecia estar acontecendo no Mundo Terreno. Durante a projeção, é possível termos sensações como se estivéssemos no corpo físico, como sentir cheiros, sabores e outros. Algumas vezes, quando nos projetamos nas imediações do leito, enxergamos o próprio corpo carnal em repouso. Em outras oportunidades, utilizando o corpo astral, visitamos locais desconhecidos no Mundo Físico, que são reconhecidos quando lá chegamos com o corpo material. Às vezes, numa projeção consciente ou lúcida, o projetor descobre que algum parente ou amigo está doente, o que é confirmado posteriormente no Mundo Terreno. Outro fato que confirma uma projeção consciente, é quando dois projetores encontram-se no Mundo Extrafísico e ambos recordem-se do encontro e até do conteúdo das atividades, quando de volta ao corpo material. Além do que foi comentado, há outras maneiras de se confirmar ou caracterizar uma projeção astral consciente, contudo as que foram narradas já são suficientes para se entender o fenômeno.

Para se realizar uma projeção consciente, em grande parte das vezes, são necessários o uso de alguma técnica de indução da viagem astral e uma preparação prévia. Explicaremos uma técnica para se projetar, mais à frente, neste artigo. Quanto ao preparo prévio, é composto por vários itens. Um deles é o cuidado com a alimentação, devendo-se evitar comer muito, três horas antes de

se tentar a projeção. Sobretudo, não se deve fazer uma alimentação rica em carnes e gorduras, pois, assim, eleva-se a “densidade” do corpo astral, que estará mais afinado com o corpo físico, ficando “mais preso” a este. Deve-se ler bastante sobre projeção astral, para que a mente, recebendo esta saturação, passe a aceitar melhor a possibilidade de viajar fora do corpo, quebrando qualquer bloqueio psicológico e aumentando a lucidez durante a permanência no Mundo Extrafísico. Para se empreender uma viagem astral, o local de repouso do corpo físico deve ser o mais isento de barulhos, pois estes fazem com que o corpo astral retorne ao físico, interrompendo o processo. Como a melhor oportunidade de se fazer uma projeção é durante a noite de sono para descanso, seria interessante deitar-se sozinho, quando possível, o que reduz a possibilidade de ocorrerem barulhos e de movimentos do parceiro que perturbem o projetor. Na hora de se deitar, é muito relevante procurar entrar em contato com o seu guia espiritual (também chamado amparador), mentalmente solicitando ajuda para se desprender do corpo material, de modo que possa ser útil conscientemente do outro lado, ou para realizar aprendizados. Outro item importante é o da autotransformação, porque alimentar hábitos negativos geralmente promove um bloqueio das possibilidades projetivas. Exemplificando, para viajar no Astral com boa lucidez, contribui bastante deixar de lado o álcool, o fumo e outros vícios; saber perdoar em boa escala, evitando guardar mágoas; viver o dia a dia sem excesso de preocupações, não permitindo-se “inventar” problemas; ter alegria em servir desinteressadamente; trocar sentimentos muito intensos ou grosseiros por emoções mais brandas (deixar de ser tão “terra a terra”); etc. Há outros fatores que podem facilitar uma projeção astral consciente, porém não vamos mais nos estender sobre isto, porque os principais fatores já foram citados e, além disso, há farta literatura especializada que aborda este assunto.

Agora, comentaremos sobre uma técnica para se induzir uma viagem astral com consciência. Antes de mais nada, ressaltamos que cada um deve usar o método ao qual mais se adaptar, ou, até mesmo, criar o seu próprio. A técnica que usamos é bem conhecida e possui variações, mas indicarei somente como nós aplicamos a Técnica da Esfera Dourada. Primeiramente, devemos nos deitar de barriga para cima, em lugar confortável e silencioso. De olhos fechados, busca-se um relaxamento, respirando-se de forma profunda e suave, inspirando pelo nariz e expirando também pelo nariz. Em seguida, deve-se visualizar mentalmente o surgimento de uma esfera dourada, mais ou menos do tamanho de uma bola de futebol, no alto da cabeça, encostando-se nela. Seu brilho deve ser intenso, irradiando fagulhas douradas para todo o ambiente. Então, começa-se a visualizar que a esfera se move para baixo, contornando o corpo pelo lado esquerdo, até chegar aos pés. Uma vez nos pés, ela torna a subir pelo lado direito do corpo, até o alto da cabeça de novo. Este movimento cíclico deve ser repetido seguidamente, aumentando-se a

velocidade tanto quanto possível. Após alguns minutos de exercício, a pessoa atingirá o chamado Estado Vibracional (EV). Este estado precede a saída do corpo astral do corpo físico. E o que é este EV? Bom, ele é caracterizado por várias sensações corpóreas, como: receber pequenas e confortáveis "espetadas" por todo o corpo; sentir "formigamentos" em várias partes; sensação de que está se expandindo como um balão; impressão de que está boiando no mar; ouvir sons intracranianos estranhos (estalos, barulhos meio metálicos, etc.); pressão na testa; torpor geral; e outros tipos. E o que significa o Estado Vibracional? Ter atingido este estado, significa que a vibração do corpo astral está mais acelerada, ou seja, num padrão energético bem superior ao do corpo físico (não é necessário que todas as sensações comentadas ocorram ao mesmo tempo para se ter sucesso). Desta forma, o corpo astral está pronto para se deslocar do corpo material. Neste ponto da técnica, deve-se mentalizar que se manterá perfeitamente lúcido, e fazer força mental para sair do mundo físico. Como fazê-lo? Projete um alvo, uma localidade onde queira ir, ou visitar alguém, ou, ainda, peça de coração para ser útil, sendo levado pelo amparador para algum serviço de assistência ou aprendizado no Mundo Espiritual. O alvo projetado deverá ser fixo, para que a sua mente não se disperse através de dúvidas que bloqueariam a viagem astral. Então, bom proveito de sua experiência! Um universo novo está a sua espera. Mas, aí vem a pergunta fatal: conseguirei sucesso na primeira tentativa? É um pouco difícil ter sucesso de "bate-pronto", mas se conseguirem atingir o EV, já é uma grande vitória. Aliás, a técnica para se atingir o EV deve ser treinada todos os dias, e durante momentos diferentes do dia (de manhã, ao acordar; à tarde, depois do descanso do almoço; ao se deitar para dormir; etc.). Depois de algum tempo, que varia de pessoa para pessoa, é provável que se tenha excelentes experiências no Astral. De início, a maioria dos projetores, após atingir o EV, terá um lapso de memória durante a saída do corpo físico, despertando já em algum "lugar extrafísico". Com mais "tarimba", o projetor conseguirá, ao chegar ao EV, se deslocar do corpo material mantendo a lucidez, o que é algo fantástico e difícil de narrar com todo o conteúdo de sensações associadas. Mas, o que é mais gratificante, é perceber nitidamente que não somos o corpo material, mas sim espíritos livres, ou seja, consciências independentes da matéria.

Finalmente, chegamos à questão da lembrança dos fatos vivenciados no Mundo Astral. Muitas vezes, trabalhamos ou aprendemos lucidamente no Mundo Extrafísico, mas, ao retornarmos ao corpo carnal, apenas temos vagas lembranças das experiências ou nada recordamos. Isto ocorre porque há, logicamente, um choque entre os conhecimentos físicos e os pertencentes às dimensões sutis. A nossa mente material rejeita ou distorce vivências espirituais que contrariam a lógica terrestre. Isto é compreensível porque o cérebro material foi acostumado, desde o seu desenvolvimento infantil, a rejeitar aquilo que os sentidos do corpo físico não alcançam a contento.

Ou seja, para melhorarmos a lembrança dos fatos vividos no Astral, é preciso desprogramar a mente objetiva, isto é, retirar bloqueios psicológicos, tornando a nossa mente mais aberta a todo tipo de conhecimento. Para isso, recomendamos a leitura de livros sobre projeção astral, bem como todo tipo de assunto correlato. Após este contexto geral sobre memorização de atividades extrafísicas, há dicas interessantes para se melhorar a lembrança do que ocorre do outro lado. Uma delas, é se evitar o cansaço físico e mental antes de tentar se projetar, pois, com o cérebro físico cansado e um corpo pedindo repouso, as dificuldades de lembrança são maiores. Também é positivo, antes de se praticar o exercício projetivo, mentalizar que a lucidez será elevada e a lembrança será perfeita. Isto nada mais é que uma programação mental, onde, a partir da sua vontade, você poderá induzir a uma maior eficiência quanto à consciência no Astral e à lembrança.

Caros amigos, o assunto Projeção Astral Consciente é bastante extenso e rico em detalhes. Será mais útil abordarmos questões relacionadas, ou detalharmos mais sobre o que já foi dito aqui, em outras oportunidades. Paz a todos.

Relato “A viagem pioneira”

Através do fenômeno relatado abaixo, não será difícil compreender o que é uma projeção astral consciente, complementando o artigo exposto acima. Este relato faz parte do livro “Experiências extrafísicas”, de minha autoria.

Quando eu retornava do meu trabalho para casa, num determinado dia, tive uma intuição de que iria ter sucesso em me projetar conscientemente naquela noite. Perguntei-me interiormente se isto já seria possível, pois eu estava usando a “Técnica da Esfera Dourada” por pouco tempo (menos que uma semana). Duvidei um pouco daquela intuição, mas mantive-me aberto para a possibilidade.

Fui deitar às 10:00 horas da noite e iniciei imediatamente um relaxamento, através de algumas respirações profundas, mantendo-me deitado de barriga para cima (decúbito dorsal), completamente imóvel. Depois de cerca de três minutos, idealizei uma esfera dourada, de tamanho um pouco menor que uma bola de futebol, fazendo-a movimentar-se no contorno externo do meu corpo físico. A trajetória dela iniciava-se pelo alto da cabeça, descendo pelo braço esquerdo até os pés e, em seguida, subindo pela perna direita até o alto da cabeça novamente. Mentalizei este movimento circular por inúmeras vezes, aumentando a velocidade da

esfera, de forma a “energizar” o corpo astral e liberá-lo do veículo físico. Depois de alguns minutos praticando este exercício, comecei a sentir alguns sintomas projetivos, tais como formigamento em vários pontos da pele e sensação de flutuação, dentre outros. Contudo, após um bom tempo, não conseguia decolar. No entanto, eu já estava satisfeito por ter conseguido atingir as percepções, que eram citadas por projetores experientes que eu acessara através da Internet. Desta maneira, resolvi me mexer e ver que horas estavam marcadas no relógio da minha mesa, próxima à cama. Observei que eram 11:00 horas, ou seja, eu estivera me exercitando por uma hora seguida. Fiquei feliz pela minha persistência e resolvi dormir, para, na noite seguinte, novamente tentar sair conscientemente do corpo, através da técnica descrita.

Para minha surpresa, minutos após a desistência de fazer a viagem astral, o meu corpo ainda apresentava os sintomas projetivos mencionados. Além disso não conseguia dormir, conforme, agora, eu tencionava. Então fiquei ali parado, ainda em decúbito dorsal, esperando o sono chegar. Repentinamente, de olhos fechados, tive uma nítida visão de um braço flutuando, bem em frente ao meu rosto. Pensei: “Que braço é este? Será que é meu?” Em seguida, tentei virar aquela mão e notei que obedecia ao meu comando mental. Meu braço astral direito estava fora do corpo! Então, aproximei a mão astral um pouco mais, abrindo bem os dedos para examiná-los melhor. Notei que era meio transparente e, a seguir, percebi que surgia uma luminosidade vermelha brilhante entre os dedos, na inserção deles com a palma da mão. Fiquei maravilhado com as luzes em expansão e, de repente, perdi a lucidez. Houve um lapso de memória e, na sequência, recobrei a consciência junto a um amparador. Provavelmente ele me deu uma ajuda extra para que saísse do corpo, embora eu tivesse me esforçado bastante para fazê-lo por minha própria conta.

O amparador era um homem de porte atlético e com cerca de dois metros de altura. Era nórdico e, por isso, de pele clara e cabelos loiros. Trajava apenas uma bermuda escura e comprida, até quase os joelhos, estando descalço e sem camisa. Apresentava-se muito sério e olhava apenas para a frente. Ambos flutuávamos sobre uma estrada que ladeava uma montanha, que estava à direita. Já à esquerda da estrada, havia uma ribanceira que morria no mar. O lugar era bonito e o céu estava azul. Como eu dizia, flutuávamos, porém não de forma livre, pois estávamos de pé sobre uma rocha achatada que nos servia de base. Aquela estrutura de matéria astral, provavelmente plasmada pelo amparador, funcionava como um “veículo” e nos levava a algum lugar por aquele caminho.

No entanto, eu estava tenso. Havia algum problema ou animosidade no ar. Logo surgiram pedras e um tronco rolando pela montanha, de forma que, caindo à nossa frente,

interrompia a passagem. Expressei ao guia sobre o meu desconforto de estar ali, através de pensamentos. Ele não olhou para mim, mas senti a sua resposta mental eclodir dentro da minha cabeça: “- É necessário que prossigamos.” Com ele ainda olhando fixamente para a frente, continuamos o nosso movimento pelo ar até os obstáculos, que haviam sido empurrados por um grupo de entidades lá do alto da montanha. Não pude vê-los com detalhes, mas, com certeza, estavam bem aborrecidos com a nossa presença naquele lugar. A seguir, contornamos os entulhos que barravam a estrada e prosseguimos em nossa marcha. Mais à frente, atiraram mais pedras e paus no caminho e ouvimos uma gritaria de revolta, para nos intimidar. Mentalmente apelei para o amparador que seria melhor voltarmos. Logo após, surgiram três desencarnados que corriam desesperados pela estrada, em nossa direção, fugindo de algo. Eles estavam com as vestes rasgadas e apresentavam-se um pouco feridos. Nos pediram ajuda e se queixaram das agressões sofridas. Neste momento, o guia olhou-me de frente e emitiu uma resposta mental: “- Está entendendo agora porque devemos continuar?” Permaneci quieto, conformado com a situação.

Em seguida, prosseguimos flutuando em frente até o cerne de alguma confusão. No entanto, infelizmente não pude rememorar o que aconteceu depois. Despertei pela manhã com a nítida memória do que relatei acima, porém o desfecho da tarefa caiu no esquecimento. Contudo, fiquei muito feliz por esta primeira experiência em que colaborei, ativamente, para promover uma saída consciente do corpo material.

CAPÍTULO 2

Artigo “Projeção astral: utilidades e descaminhos”

Escrito originalmente em 06 de março de 2006, e revisado em 24 de setembro de 2011.

Relato “Aprisionamento de entidades”

Data da experiência: março de 1999.

Artigo “Projeção astral: utilidades e descaminhos”

Muitas pessoas falam sobre projeção astral como um assunto dos mais interessantes do meio espiritualista, porém, em diversos casos, enfocando questões menos importantes, que reduzem o fenômeno ao nível da mera curiosidade. Acreditamos que sair do corpo deva ter finalidades maiores, praticando-se o altruísmo e buscando-se aprendizados.

Ao nos projetarmos do corpo físico, de forma lúcida, no veículo astral, a princípio nos proporciona uma expansão da consciência, porque temos a experiência de viver fora da matéria densa enquanto encarnados. É algo muito relevante sentir como a nossa consciência é independente do corpo material. Isto é bastante marcante quando ocorre de estarmos lúcidos fora do veículo físico, por exemplo, no quarto onde dormimos habitualmente, podendo-se ver o próprio corpo em repouso na cama, enquanto se está desperto nas proximidades.

Através da viagem astral (ou desdobramento espiritual) é possível realizarmos aprendizados importantes, "patrocinados" pelos nossos guias (ou amparadores). Muitas vezes somos encaminhados a palestras de ótimo conteúdo no plano extrafísico, onde podemos absorver novos conhecimentos ou nos estimularmos a realizar transformações internas. Estes ensinamentos quando não são assimilados de forma objetiva pelo projetor, ficam armazenados em nível inconsciente, vindo à tona em algum momento na forma de uma intuição ou “lampejo”. É no Mundo Espiritual que, muitas vezes, vamos encontrar a solução para um problema sério em nossas vidas particulares. Quando o indivíduo se projeta de forma consciente e tem boa capacidade de recordar os fatos e ensinamentos, melhor condição terá de realizar aprendizados relevantes.

Em algumas oportunidades, circunstâncias da vida e o mau uso do livre-arbítrio somam-se, resultando em desgastes e sofrimentos para nós. Desta forma, quase que invariavelmente necessitamos de descanso e reequilíbrio. Isto pode ser conseguido através do encontro com amparadores, quando podemos absorver energias positivas pelo contato direto com estes seres, mas também pela influência positiva do ambiente das estâncias de cura espirituais. Aí, portanto, está mais uma utilidade em se praticar a projeção astral.

E a saudade dos parentes e amigos que retornaram à Espiritualidade? Inúmeras vezes, o sentimento de perda de um ente querido é uma ferida que não quer se fechar. Neste caso, um grande recurso é fazer o reencontro do desencarnado com o encarnado (projetado) para um diálogo esclarecedor, que é supervisionado por um ou mais guias.

O motivo mais nobre para se visitar as dimensões imateriais do planeta é a realização da

chamada assistência extrafísica. O trabalho espiritual, durante uma projeção, promove a evolução individual e coletiva. Nesta atividade, podemos auxiliar a indivíduos encarnados, conhecidos ou não, por meio de passes magnéticos de limpeza, cura e/ou energização, bem como realizar práticas de desobsessão e de esclarecimento.

Uma outra modalidade de trabalho espiritual, enquanto se está projetado, é o resgate de desencarnados. Estas pessoas que já perderam o veículo carnal, frequentemente estão presas a regiões do chamado “Umbral”, escravizadas pelos seus próprios sentimentos, e, não raras vezes, por entidades que lhes vampirizam as suas energias. Após um tempo em que sofrem, acabam por se arrepender de suas falhas e ficam ávidas por um socorro, que, em boa parte das vezes, só pode ser dado com o auxílio energético de pessoas que ainda possuem o corpo material, no caso médiuns ou projetores. Neste tipo de tarefa, são necessárias algumas atividades como a de esclarecimento, manipulação de energias diversas, dentre outras. No resgate ou retirada de espíritos sofredores de áreas umbralinas, sempre há uma programação anterior dos mentores/amparadores, que podem estar visíveis durante o trabalho ou não, utilizando-se das vibrações mais densas dos projetores. Tudo é uma questão de sintonia no universo. Por isso, nós, quando projetados, somos tão úteis num resgate espiritual, pois a entidade sofredora está mais próxima vibratoriamente dos encarnados (os projetores), do que dos amparadores.

Ainda podemos destacar uma tarefa muito útil, realizada por quem se projeta no mundo extrafísico: a cura de irmãos desencarnados. Quando alguém perde o corpo denso por motivo de acidente ou doença, nem sempre desperta no Mundo Espiritual livre de suas antigas mazelas corpóreas. É muito comum os desencarnados manifestarem, em seus corpos astrais (ou perispirituais), os desequilíbrios e sintomas desagradáveis que tinham quando vivos fisicamente. Isto ocorre por causa dos condicionamentos mentais e/ou por motivos vinculados à Lei de Ação e Reação. Desta maneira, é necessária a atuação de um projetor na doação de energias ainda carregadas pelo magnetismo material, que facilitarão e acelerarão os processos de cura. Esta atividade curativa acontece nos hospitais espirituais, com a ajuda de enfermeiros e médicos amparadores. Aqui no Plano Terreno este mesmo tipo de trabalho é realizado nos centros espíritas, onde médiuns exercem o seu labor com a ajuda de seus mentores.

Por último, citarei aqui mais uma utilidade da viagem astral, por sinal algo muito interessante. É o caso dos núcleos espíritas/espiritualistas, cujos integrantes labutam em grupo no Mundo Astral. Os médiuns, com frequência, são retirados de seus corpos pelos amparadores, para iniciarem tarefas dois ou três dias antes da sessão ocorrer no ambiente terreno. Ou seja, o trabalho espiritual dos centros inicia-se previamente nas dimensões sutis, tendo continuidade no Plano

Material na data da sessão, perdurando às vezes, nos dias seguintes, novamente no Astral. Assim, os médiuns fazem projeções e recordam-se de fatos que, quando comentados, percebe-se que vários integrantes do grupo estiveram no mesmo ambiente umbralino (por exemplo), realizando as mesmas tarefas. Inclusive, não é incomum a lembrança de que os médiuns estiveram “do outro lado” trabalhando "incorporados" com seus guias. Isto se dá porque, em dimensões extrafísicas vibratoriamente próximas à crosta terrena, a entidade manifestante se apresenta com um corpo astral menos denso que o do médium projetado, possibilitando o processo da "incorporação".

A partir de agora, falaremos um pouco sobre os descaminhos ou desvios da projeção astral, isto é, situações em que sair do corpo não é algo construtivo, positivo e sadio para quem se projeta. Sabemos que o semelhante atrai o semelhante, sendo isto uma lei universal. Assim, alguém que possua um vício qualquer se projetará a busca de ambientes em que o tal vício seja praticado. Homens e mulheres que necessitam muito exercer a sua sexualidade, tenderão a fazer viagens astrais em direção a locais de sexo livre, correndo o risco de sofrerem um assédio por parte de espíritos em desequilíbrio. Com a continuidade deste evento, pode ocorrer uma obsessão espiritual do indivíduo por essas entidades no Plano Terreno, num franco processo de vampirização. O mesmo acontece com alcoólatras ou viciados em outros tipos de droga. Ao saírem de seus corpos materiais, nos momentos de repouso, irão em busca de satisfação nas regiões do Umbral, onde habitam espíritos que desencarnaram pelo uso dos mesmos entorpecentes e que ainda estão presos às sensações de outrora. Ainda é possível destacar outros tipos de descaminhos da projeção astral, mas citaremos apenas mais o caso de pessoas com desvios de comportamento. Aqueles que mentalmente planejam vencer na vida de forma desonesta, por exemplo, ao realizar uma viagem astral se encontram com seres de mesmo teor vibratório, desencarnados ou não, trocando ideias sobre como enriquecer facilmente, como enganar ao semelhante, impor-se aos demais etc. No entanto, estes desvios da projeção dependem basicamente da intenção de quem se projeta. O problema não é a viagem astral em si, mas a falta de ética e de bons propósitos do indivíduo.

Neste momento, é relevante alertar sobre alguns ataques que o viajor astral pode sofrer, mesmo quando exerce a projeção com finalidades construtivas. Geralmente, quando um encarnado está no Mundo Extrafísico fazendo algo de bom, desagrada a alguém. Se está ajudando a resgatar a um desencarnado, que não sabia ter perdido o corpo material, e que estava sendo vampirizado por um inimigo, provavelmente sofrerá uma agressão energética, ou, no mínimo, uma intimidação. Se o projetor está no Umbral em missão de esclarecimento a irmãos sofredores, poderá passar por um assédio sexual, da parte de alguma entidade a busca de energia. O projetor, mesmo que seja relativamente equilibrado, poderá ser atacado não só no Astral, mas também no seu cotidiano físico,

pois é seguido pelos espíritos que não gostam de suas atividades extrafísicas. Desta forma, em algumas oportunidades, o viajor astral passa por assédios temporários, apresentando um ou mais dos seguintes sintomas: insônia, irritabilidade sem motivo aparente, comportamentos compulsivos, momentos melancólicos sem causa definida etc. Quando o projetor estiver neste processo, a oração/meditação em busca de auxílio superior é um bom remédio. O recurso do passe magnético num bom centro espírita ou práticas religiosas equilibradas, do gosto do indivíduo, também são recomendadas.

Por fim, é importante assinalar soluções imediatas para quando você estiver projetado e venha a ser atacado abruptamente. Se você se sentir perseguido ou “sem saída” no Astral, entrar em estado de oração é bom, pois a sua conexão com o Mundo Superior aumenta e o socorro virá de alguma forma. Se alguém se aproxima de ti com modos não amistosos, pode também utilizar-se de mantras ou praticar a circulação de energias para atingir o estado vibracional (EV). Em último caso, se for francamente agredido, você poderá projetar suas bioenergias através das suas mãos astrais ou pelo chacra frontal (o “terceiro olho”) no agressor, afastando-o. Nós encarnados, quando no Mundo Extrafísico, em muitos casos temos uma energia densa o suficiente para nos protegermos de variados ataques. Contudo, nos momentos em que nos desequilibramos por qualquer motivo, a nossa capacidade de autodefesa psíquica estará reduzida. Em caso de perda de autoconfiança, o medo geralmente toma conta do projetor, mas não se deve entrar em desespero. Você não pode desencarnar por ameaças/attitudes de obsessores no Astral, nem ser capturado de forma definitiva. Basta mentalizar seu corpo material deitado na cama, em repouso, que ele funcionará como um poderoso ímã, trazendo de volta o seu corpo astral, provocando o seu despertar no Plano Terreno.

De qualquer maneira, é possível assegurar que apesar de alguns sustos e percalços nos mundos sutis mais próximos ao nível físico, é extremamente enriquecedor trabalhar no Astral e absorver os ensinamentos dos amparadores. A projeção astral é, sem dúvida, um ótimo caminho evolutivo! Saudações a todos.

Relato “Aprisionamento de entidades”

O relato, apresentado logo em seguida, que consta no livro “Experiências extrafísicas”, é bom exemplo de um uso útil da projeção astral.

Quanto a esta experiência fora do corpo que vou relatar, de início, recordo que estava

em companhia de Tetê Souza. Ambos trajávamos roupas elegantes, mas de aspecto antigo. Eu usava um fraque negro, acompanhado de calças e cartola da mesma cor. Ela trajava um vestido longo e cheio de babados, também negro. Estávamos numa carruagem ricamente trabalhada, de cor marrom, que era dirigida por um cocheiro, do qual não lembro detalhes. Alguns cavalos movimentavam a carruagem, que internamente era toda forrada por belos tecidos até o teto. No entanto, o clima era de tensão, medo e expectativas.

Eu tinha consciência de que nós cumpríamos o papel de sermos “iscas”, para entidades desequilibradas daquela região do Astral. Invadíamos a área de atuação desses seres que eu sabia terem plasmado, em si mesmos, aquela forma cinematográfica para vampiros, que eu e Tetê Souza imitávamos no que concernia às vestimentas. O plano era fazer com que eles percebessem a nossa intromissão e viessem defender o seu “território”, ao imaginarem que eu e Tetê desejássemos ocupar o lugar deles.

Como dizia, havia grande tensão em torno de nós. No entanto, a minha amiga, que no Plano Terreno era médium experiente, estava quase entrando em desespero. Eu conversava muito com ela, tentando acalmá-la, para que aquela operação tivesse sucesso. Pedia insistentemente para que ela se acalmasse e esperasse os acontecimentos, embora eu estivesse também receoso e assustado.

Repentinamente, surgiu na estrada uma mulher de vestido longo e negro, que ria como louca. Ela mantinha uma atitude desafiadora para conosco, enquanto a observávamos por uma das janelas da carruagem. Essa situação durou poucos instantes, pois apareceram 4 ou 5 homens fortes que, agrupando-se em torno dela, como se fossem objetos metálicos agregados a um ímã, trataram de levá-la de nossas vistas muito rapidamente. Foi uma cena curiosíssima, pois após formarem uma barreira compacta em volta da entidade feminina, a levaram de forma quase instantânea (realizaram um tipo de flutuação muito veloz, carregando a mulher para longe).

Aproveitei o acontecimento e disse para a Tetê Souza: “- Viu, vai dar tudo certo!” Ela ficou quieta, mas com uma expressão ainda bastante tensa. Depois de alguns momentos rodando pela estrada, surgiu o “maioral” do lugar. Era um desencarnado vestido todo de preto (usava fraque, calças, cartola e capa), gargalhando de forma rude e agressiva, barrando a nossa passagem, no meio da estrada. Nele era possível enxergar, com maior nitidez do que na mulher, que possuía dentes caninos bem avantajados, à moda dos vampiros do cinema. Da mesma forma como antes, esta entidade também foi capturada. Entretanto, ainda pude ouvir ele gritando que se vingaria, enquanto era carregado pelos “operários espirituais” que ali trabalhavam.

Despertei um pouco agitado, observando que era uma hora e mais quinze minutos da madrugada. Depois, com mais calma, durante o dia, rememorei tudo o que havia experienciado no Astral, recordando alguns livros espíritas que eu lera no passado. Pude constatar, de forma muito vívida, a realidade de entidades em elevado grau de perturbação no Umbral. Possivelmente, elas foram levadas para instituições espirituais que funcionavam ao mesmo tempo como hospital, manicômio e prisão.

CAPÍTULO 3

Artigo “A projeção astral em diversas religiões”

Escrito originalmente em 22 de junho de 2006, e revisado em 01 de outubro de 2011.

Relato “Campo Santo de Moisés”

Data da experiência: 23 de agosto de 2003.

Artigo “A projeção astral em diversas religiões”

Nesta oportunidade, pretendemos discorrer um pouco sobre a incidência do fenômeno da viagem ou projeção astral em religiões variadas, de forma a demonstrar que a saída de nossas consciências do corpo físico é algo comum, mesmo em ambientes que cultuam a Deus de formas diversas. A projeção astral não é privilégio de ninguém em especial, nem de grupos de conhecimento hermético, nem desta ou daquela religião. Todos nós podemos nos libertar momentaneamente do plano denso, alçando voos até os mundos sutis, e ganhando novas experiências. A viagem astral é fato universal, não tem fronteiras de tipo algum, e é uma grande possibilidade para contatar dimensões superiores.

Inicialmente, vamos abordar o Judaísmo através do Velho Testamento (Bíblia Sagrada). Lá há várias passagens que demonstram, com maior ou menor clareza, que ocorreu o fenômeno da viagem astral. Citaremos apenas alguns exemplos. Primeiramente, em Ezequiel 3.14 se pode ler: “Então o Espírito me levantou, e me levou; eu fui amargurado na excitação do meu espírito; mas a mão do Senhor se fez muito forte sobre mim”. Ora, aqui é bem claro que o Espírito que o levantou e levou, era um guia espiritual e executou a tarefa através do corpo astral de Ezequiel. Este ficou surpreso com a situação, se dizendo amargurado e excitado. O detalhe que ele narra, informando que a mão do Senhor se fez muito forte sobre ele, aponta para o fato de a sua projeção ter sido induzida e patrocinada pelo guia ou amparador (ele não se projetou por conta própria). Mais à frente, em Ezequiel 8.2, observa-se: “Olhei, e eis uma figura como de fogo; desde os seus lombos, e daí para baixo, era fogo e dos seus lombos para cima como o resplendor de metal brilhante”. E em seguida, em Ezequiel 8.3: “Estendeu ela dali uma semelhança de mão e me tomou pelos cachos da cabeça; o Espírito me levantou entre a terra e o céu, e me levou a Jerusalém em visões de Deus, até à entrada da porta do pátio de dentro, que olha para o norte, onde estava colocada a imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme de Deus”. Esta sequência de Ezequiel, capítulo 8, do segundo para o terceiro versículo, é extremamente esclarecedora. De início ele narra a presença da figura de fogo, que nada mais era do que um amparador luminoso, de provável grande envergadura espiritual. Logo após, ele percebeu que o guia estendeu a mão, e, magnetizando-o, levou-o ao espaço astral (“...entre a terra e o céu...”). A seguir, chegaram a Jerusalém, o que caracteriza uma projeção astral com deslocamento geográfico definido, pois Ezequiel descreve detalhes do lugar. Já em Ezequiel 37. 1-2, a narrativa diz: “Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo Espírito e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale, e estavam sequíssimos”. É facilmente perceptível aqui, mais uma viagem astral

de Ezequiel (“...ele me levou pelo Espírito...”), promovida pela ação de um amparador, já que o projetor sentiu-se como teleguiado. Outro aspecto interessante deste relato bíblico é que o profeta Ezequiel foi levado para o Astral para receber ensinamentos, o que é muito comum nas experiências extrafísicas (quem quiser ler até o versículo 14 deste capítulo, perceberá que se trata de um tipo de aprendizado o que se passa com Ezequiel). Finalizando esta breve avaliação do Velho Testamento (religião judaica), podemos assinalar o profeta Daniel. Este profeta foi pródigo em relatos de visões (clarividência) e de sonhos simbólicos, bem como em elaborar interpretações para os mesmos através de sua intuição. Contudo, em Daniel 8.2 nota-se que ele realizou uma projeção astral típica: “Quando a visão me veio, pareceu-me estar eu na cidadela de Susã, que é província de Elão, e vi que estava junto ao rio Ulai”. Ou seja, ele estava no local! Daniel estava fora de seu corpo! A partir deste momento, ele começa a ter visões simbólicas sobre o futuro (quem se dispuser a ler perceberá que as visões são muito interessantes).

Agora, abordaremos casos de viagem astral no cristianismo primitivo, através do Novo Testamento (Bíblia Sagrada). Em II Coríntios 12.2-4, o apóstolo Paulo escreveu: “Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe. E sei que o tal homem, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe, foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”. Portanto, nesta epístola de Paulo é óbvio que se considera a possibilidade de se sair do corpo de modo a atingir outra dimensão da vida (foram citados o “paraíso” e o “terceiro céu”), isto é, o Mundo Espiritual ou o Astral etc. Mais à frente, no Apocalipse 1.10, João narra: “Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim grande voz, como de trombeta”. O apóstolo claramente estava em algum lugar “em espírito”, ou seja, projetado. Em Apocalipse 4.1-2 pode-se ler: “Depois destas cousas olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas cousas. Imediatamente eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e no trono alguém sentado”. É muito interessante e até óbvio que o apóstolo João estava fora do corpo físico, pois após ele ver a porta aberta no céu, foi lhe dito para subir, e ele “em espírito” atendeu ao chamado. Mais uma vez citando João, em Apocalipse 21.9-10, temos outra descrição de projeção astral: “Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos, e falou comigo, dizendo: vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do cordeiro; e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus”. Nesta passagem facilmente se distingue o amparador (“...um dos sete anjos...”), que auxilia o apóstolo em sua projeção. João se diz, novamente, “em espírito”. Isto

significa, mais uma vez, que ele estava com sua consciência projetada através do corpo astral (chamado perispírito no Espiritismo).

A seguir, dissertaremos sobre viagem astral no Islamismo, no único mas significativo caso que conhecemos do meio muçulmano. Trata-se de um episódio chamado “A viagem noturna até aos céus”, que é uma projeção do profeta Maomé. A narrativa conta que o profeta estava descansando na mesquita de Meca, à noite, quando o anjo Gabriel apareceu lhe trazendo um animal. Maomé montou no animal e foi a Jerusalém acompanhado do anjo (neste caso, Gabriel foi o guia ou amparador que promoveu a viagem astral). Quando chegaram na mesquita de Al Aksa, na Cidade Santa, encontraram com muitos mensageiros e rezaram juntos. Em seguida, Maomé saiu dali com o anjo, indo a sete céus (diferentes locais da Espiritualidade, possivelmente com níveis vibracionais distintos entre si), e sendo bem recebido em todos eles, onde se encontrou com diversos mensageiros e outros profetas. Na sequência, Gabriel levou Maomé a um lugar ainda mais elevado (local grandioso, descrito com algum detalhamento, e chamado de paraíso pelo profeta), deixando-o lá para receber instruções religiosas para o povo muçulmano. Após as instruções e esclarecimentos, o representante de Allah voltou à Terra, onde seu corpo físico estava repousando, em Meca. Ele, então, contou às pessoas o que viu e ouviu, porém alguns não acreditaram, desdenhando o profeta. Resolveram testá-lo, pedindo-lhe que descrevesse a mesquita de Jerusalém, pois sabiam que Maomé nunca havia viajado para lá, e entre os descrentes haviam uns que já tinham estado em Jerusalém. Para a surpresa deles, o profeta respondeu às perguntas com minúcias, descrevendo muito bem a mesquita que visitara em espírito (corpo astral). Aí temos a confirmação da veracidade da projeção da consciência de Maomé, mas, como ainda duvidassem, interrogaram-no a respeito de uma caravana que estava de regresso da Síria, em direção a Meca. O profeta descreveu a caravana com pormenores, o número de camelos e o dia que deveria chegar à Meca. Tudo isso, mais tarde, se constatou ser verdade. Isto é muito interessante para aqueles que estudam a projeção astral de forma mais crítica, pois aqui temos um relato histórico onde se buscou a confirmação dos lugares por onde passou o projetor.

Agora, falaremos um pouco sobre viagem astral no Catolicismo. No ambiente católico, se usa o termo “bilocação” para o fato de uma pessoa (santo) ser vista, ao mesmo tempo, em dois lugares diferentes. Nós entendemos este fenômeno como um tipo de projeção astral, só que com a particularidade da pessoa projetada tornar visível seu corpo astral, ou, até mesmo, materializar-se em outro local distante do seu corpo físico. Este fenômeno é perfeitamente explicável por meio de mecanismos mediúnicos que envolvem o uso abundante de ectoplasma, mas não é objetivo deste artigo detalhar esta questão. Um bom exemplo oriundo da Igreja Católica, com esta capacidade de

projeção da consciência, foi Fernando de Bulhões y Taveira de Azevedo, nascido em 15 de agosto de 1195 em Portugal, o Santo Antônio. A ele são atribuídos muitos eventos de bilocação, mas narraremos apenas um. Num domingo de Páscoa, enquanto Santo Antônio pregava numa catedral, lembrou-se de que havia sido destacado para o cântico da Aleluia, numa missa que estava ocorrendo naquela mesma hora em um convento franciscano. Então, pelo poder de sua vontade, mesmo não podendo descer do púlpito de onde pregava, parou por um instante e calou-se como se estivesse fazendo uma pausa para respirar. Neste momento, foi visto no coro do convento franciscano entoando a Aleluia. Consta que este fato foi visto e certificado por várias testemunhas. Esta ocorrência é deveras interessante e, por si só, demonstra a capacidade humana de projetar a sua consciência além do corpo material. Outro personagem ligado ao Catolicismo e detentor de habilidades projetivas foi São Martinho de Porres, nascido em 9 de dezembro de 1579, em Lima no Peru. Não era incomum ele aparecer em ambientes fechados, ultrapassando portas ou paredes, para auxiliar pessoas enfermas. Também foi visto em lugares diferentes (até mesmo em países distantes) num mesmo momento. Estas informações só nos levam a concluir que este santo era um excelente projetor. Finalizando a parte relativa ao Catolicismo, gostaríamos de citar Francesco Forgione, nascido em 25 de maio de 1887 na Itália, também conhecido por Padre Pio de Pietrelcina, ou São Pio de Pietrelcina. Ele é muito respeitado no meio católico pelas muitas curas realizadas por seu intermédio e pela capacidade da bilocação. Aqui, apenas comentaremos um episódio de viagem astral de Padre Pio, embora poderíamos descrever muitos. Uma mulher, com câncer em um dos braços, foi convencida a fazer uma cirurgia pela sua filha. O marido de sua filha enviou um telegrama para Padre Pio, pedindo orações pela sua sogra, que aguardaria mais alguns dias no hospital para ser operada. Em determinado dia, no hospital, a mulher com câncer viu entrar pela porta um monge que disse: “Eu sou Padre Pio de Pietrelcina”. Ele interrogou a ela o que o médico havia lhe contado e encorajou-a. A seguir, fez o sinal da cruz no braço dela e despediu-se. Logo após, a mulher doente chamou a filha e o genro, que estavam do lado de fora, perguntando porque haviam deixado o padre entrar sem avisá-la antes. Contudo, eles responderam que não tinham visto o Padre Pio, nem aberto a porta a ninguém. No dia seguinte, o médico ao fazer uma avaliação da paciente para prepará-la para a cirurgia, não encontrou nenhum câncer. O padre havia se projetado e auxiliou a mulher, de forma decisiva, trazendo-lhe a cura.

Com relação ao meio espírita, a viagem astral tem nuances muito especiais. O Espiritismo possui, em sua literatura, diversos casos muito bem descritos. Contudo, o termo utilizado para designar a projeção astral é “desdobramento espiritual”. Por exemplo, no livro “Devassando o Invisível” a grande médium Ivone A. Pereira narra uma experiência fora do corpo

muito interessante. Por sua vez, o médico desencarnado André Luiz, através da mediunidade de Chico Xavier, também faz menções muito esclarecedoras sobre o assunto em mais de um livro psicografado. Poderíamos citar diversos outros casos, mas isto não é fundamental no momento. O que mais importa, é destacar que no Espiritismo a viagem astral tem finalidades muito relevantes. Em reuniões de trabalho mediúnico, em certas casas espíritas, há médiuns que se projetam para auxiliar no resgate de entidades sofredoras, retidas em regiões densas do Astral (Umbral). Sem o socorro desses projetores, este tipo de auxílio seria muito mais difícil, pois nestes casos, os desencarnados perturbados precisam das bioenergias do médium projetado, para serem despertados e/ou deslocados de onde estão. Também há o uso da projeção astral com finalidade de cura. O médium se projeta e vai, por exemplo, até hospitais do plano material, onde ele pode transmitir energias curativas a doentes encarnados.

Poderíamos nos estender mais sobre viagem astral em outros agrupamentos religiosos, como no caso do Hinduísmo ou do Budismo tibetano, mas isso extrapolaria a intenção original deste artigo, que foi a de trazer um pouco de esclarecimento sobre as ocorrências históricas e práticas usuais de projeção astral em alguns ambientes diferenciados. Esse assunto, se bem explorado e aprofundado, resultaria num conteúdo que só caberia num livro. Portanto, paramos por aqui, chegando a uma conclusão sobre viagem astral: realmente é um fenômeno universal e inerente ao homem que se espiritualiza, sendo uma “porta” para experiências diretas com tudo aquilo que está além do Plano Físico. Saudações fraternas a todos.

Fontes consultadas:

- 1- A Bíblia Sagrada. Sociedade Bíblica do Brasil. Brasília-DF, 1969. Edição de 1994. Tradução de João Ferreira de Almeida.
- 2- Devassando o Invisível. Yvonne A. Pereira. Rio de Janeiro-RJ, 1963. Editora FEB. 232p.
- 3- http://www.cademeusanto.com.br/sao_martinho_porres.htm (acesso em 22/06/2006).
- 4- <http://www.catoliconet.com.br/interatividade/santo/conteudo.asp?dia=13/06> (acesso em janeiro de 2006).
- 5- <http://www.lepanto.com.br/HagSParr.html> (acesso em janeiro de 2006).
- 6- http://www.padrepio.catholicwebservices.com/PORTUGUES/PORTUGUES_index.htm (acesso em janeiro de 2006).
- 7- http://www.santododia.com.br/sao_martinho_porres.htm (acesso em 22/06/2006).

Relato “Campo Santo de Moisés”

Com o relato abaixo, extraído do livro “Experiências Extrafísicas II”, de minha autoria, complementa-se o artigo anterior, não ficando difícil compreender que algumas instituições religiosas terrenas têm vínculos com agrupamentos/organizações astrais.

Estava na casa de amigos e acabáramos de assistir a um filme. Era uma hora da madrugada. Fui deitar-me e realizei exercícios bioenergéticos para projetar-me, mas logo adormeci.

Uma vez no Astral, estava acompanhado por Tetê Souza, meu primo (que também atua no mesmo grupo espiritualista que eu) e três pessoas que não conheço no Plano Físico (uma jovem de cabelos compridos, com sua mãe, e um rapaz com idade aparente de cerca de 21 anos). Nós estávamos nos preparando para aplicar passes em algumas pessoas. Após aqueles momentos de concentração, saímos para realizar a tarefa. Subimos uma escadaria, que deu num corredor, por onde caminhamos até um ponto onde havia um cão branco, de porte médio. Ele funcionava como uma espécie de guardião daquela passagem. Nos aproximamos dele e paramos, já que ele assumiu uma postura desconfiada e um tanto agressiva, passando a rosnar para mim, que ia um pouco à frente do grupo. Estaquei um pouco temeroso, fixando o cão, e mal percebi que o meu primo havia tomado a dianteira, já havendo ultrapassado o cachorro. Assim, ele gritou do lado oposto: “- É só lembrar dos chacras!” Então eu pensei: “É isso! É preciso mentalizar harmonia entre os chacras (no caso, os centros de energia do corpo astral), evitando emanar uma energia de medo, e passaremos”. Logo em seguida, eu e o restante do grupo nos juntamos mais, formando um bloco quase compacto, passando ao lado do cão, que apresentou uma expressão de confusão, não interferindo na nossa passagem.

Mais à frente, chegamos a um lugar aberto e caminhamos por uma ponte. Abaixo era possível ver largas extensões de terra gramada e vários jardins. O rapaz que estava conosco aproximou-se de mim, informando que todo aquele local era chamado “Campo Santo de Moisés”. Um aspecto interessante, é que antes do jovem denominar a localidade, eu já sabia que o rapaz era de origem judaica. Não sei explicar o porquê, talvez por já conhecê-lo anteriormente no Astral, ou através de uma captação telepática, que é comum no Mundo Extrafísico. Quando estávamos quase no final da ponte, vimos passar, lá na frente, uma moça morena bem magra,

que trajava apenas uma tanga. Ela andava tropeçadamente ali, no Campo Santo de Moisés. O rapaz então falou-me rapidamente: “- Ela me conhece e se me ver, vai causar problemas!” Desta forma, ele correu para se esconder num jardim. Passei adiante e o perdi de vista, bem como aos demais do grupo, já que cada um parecia ter uma tarefa determinada, em pontos diferentes do local.

Passei a admirar as redondezas do lugar. O ambiente era muito bem cuidado, com grandes casas e belos jardins, talvez consistindo numa região espiritual plasmada/construída para a recuperação de desencarnados. Ou seja, não me parecia ser uma típica área umbralina, mas uma localidade que fora pensada para funcionar com alguma finalidade terapêutica. Aquelas casas, algumas verdadeiras mansões, poderiam ser como clínicas de repouso ou de reabilitação. Havia um número razoável de pessoas perambulando pelos gramados e jardins, denotando estarem um tanto confusas. Elas não tinham um aspecto plenamente saudável e equilibrado. Pareciam ser pacientes de instituição de recuperação.

Num dado momento, vi que o rapaz de origem judaica estava sendo seguido, a certa distância, por uma senhora desequilibrada, que aparentava mais ou menos 60 anos de idade. Ele passou por mim e penetrou num jardim de uma das belas construções do lugar. Na realidade, o rapaz parecia querer se ocultar da senhora. Tive uma reação instintiva de autoproteção, tentando também me evadir da presença da senhora, que vinha se aproximando. Rumei para o lado oposto daquele jardim e sentei-me numa cadeira branca (como aquelas que ficam em volta de piscinas na Terra), tentando não chamar atenção da entidade. Porém, não tive sucesso. A senhora veio direto até a mim. Aborreci-me com a abordagem iminente. Logo que parou a minha frente, ela falou: “- Quando encontro um homem, eu quero fazer isso (fez gestos para imitar a relação sexual), ou pelo menos ele tem que tomar uma cachaça comigo.” Em seguida, levantei-me irritado e olhei firme nos olhos dela. Ela se afastou um pouco, parecendo ter ficado surpresa e meio “aérea”. Então, a senhora deu alguns passos pelo lugar, arroudeou e voltou até mim, novamente com um olhar lascivo. Retornei ao corpo físico de imediato, provavelmente porque não mantive o equilíbrio emocional, permitindo-me uma forte irritação. Eram 5:30 h da madrugada.

CAPÍTULO 4

Artigo “Os problemas de uma viagem astral”

Escrito originalmente em 18 de abril de 2008, e revisado em 01 de outubro de 2011.

Relato “Luta no Astral”

Data da experiência: 06 de dezembro de 2003.

Artigo “Os problemas de uma viagem astral”

Muitas pessoas associam problemas à viagem astral, seja porque não conhecem na prática o fenômeno, seja porque nutrem preconceitos de origens diversas, sobretudo de cunho religioso. Com certeza, na raiz desses “problemas” está o medo do desconhecido. Boa parte da população humana tende a manter o *status quo*, rejeitando as inovações tanto na sociedade como no âmbito de sua própria consciência. Assim, a questão da projeção astral não poderia ficar imune às resistências naturais quanto a sua prática, criando-se, na sua órbita, “satélites” ligados ao misticismo, à periculosidade e a proibições de vários tipos.

Inicialmente, podemos abordar um assunto que traz muito receio aos candidatos a uma viagem astral ou projeção da consciência: os ataques extrafísicos. Estes ataques de fato podem ocorrer, assinalando-se, genericamente, que são de cunho sexual, intimidatórios ou agressões energéticas diretas. Serão descritos aqui estes tipos de ataque, mas é importante lembrar que tudo isso que será relatado também pode ocorrer na vida material, e com consequências muito mais drásticas do que no Mundo Astral. Ou seja, simplesmente viver a vida já traz, em si, dificuldades e desafios. Em outras palavras, crescer e se desenvolver gera alguns atritos inevitáveis, inerentes à própria vida. Caso queiramos, sistematicamente, evitar desgostos e sustos, significa ficarmos paralisados, sendo interessante lembrar que à semelhança das águas paradas que acabam por produzir doenças, o espírito que permanece na estagnação sofre e faz outros sofrerem.

Retornando aos ataques extrafísicos, primeiramente detalharemos os de cunho sexual. Estes ocorrem no Astral, geralmente quando o projetor está carente, ou porque o viajante por si só tem necessidades sexuais exacerbadas, isto é, ele mesmo tem a sua mente muito voltada para este campo. Em ambos os casos, o projetor poderá ser assediado por entidades com o mesmo tipo de vibração que ele. Estas entidades podem ser desencarnadas ou encarnadas (projetadas). Quando o assédio for por parte de desencarnados é algo mais preocupante, pois pode gerar um processo de vampirização, onde o projetor paulatinamente perde bioenergias para o espírito ainda ligado aos “prazeres da carne”, conforme os encontros no Astral se tornem mais frequentes. Na realidade, isto nada mais é do que uma obsessão em andamento, se quisermos nos utilizar de uma linguagem espírita. E qual seria o remédio para essa situação específica? Simplesmente buscar um parceiro(a) com o(a) qual possa haver uma boa complementação emocional/sexual, de forma que o projetor esteja em equilíbrio e não busque no Mundo Extrafísico aquilo que ele deve ter na dimensão terrena, pois, afinal de contas, o reencarne existe para que o espírito possa exercer suas funções naturais e se desenvolver, expandindo-se em todos os sentidos (intelectual, emocional e

espiritualmente). Assim, podemos concluir que os assédios nos mundos sutis mais próximos à Terra, ocorrem não devido ao fato de realizarmos uma projeção astral em si, mas porque o viajante não está em equilíbrio. E quanto ao assédio sexual no Astral sofrido por um projetor, devido a um outro encarnado também projetado? Ora, é a mesma situação! A carência emocional/sexual é que produz o fato. O problema não é a viagem astral. Acrescentamos, também, que assédios da mesma natureza ocorrem no Mundo Físico, sendo a origem da questão a carência já comentada e não o fato de estarmos vivos. Portanto, os ataques sexuais ocorrem tanto no Astral como na Terra, bastando, para isso, que as condições estejam favoráveis.

Com relação às intimidações que ocorrem nas dimensões extrafísicas, basicamente ocorrem por dois motivos. Um deles é por estarmos fazendo uma viagem de aprendizado em certas regiões do Astral, onde as entidades que ali habitam têm uma evolução limitada, permanecendo ainda numa atitude de desconfiança e territorialismo. Assim, qualquer “estranho” que por ali passe, será interpretado como um intruso perigoso ou bisbilhoteiro, sendo rechaçado por insultos ou gestos grosseiros. O segundo motivo comum para que ocorra uma intimidação, é quando estamos intuídos e/ou orientados por mentores/amparadores a realizar uma tarefa de auxílio no Astral Inferior (Umbral). Neste caso, os habitantes do lugar são francamente hostis e intimidatórios, pois geralmente já passaram por situações em que foram visitados por projetores e/ou amparadores que ali tentaram alterar seu modo de vida através do diálogo, ou mesmo interferiram na comunidade astral como um todo, resgatando um ou mais elementos do ambiente, por não estarem mais tão afinados com o mesmo.

Então, chegamos aos ataques extrafísicos, que se configuram como uma agressão energética de fato. Definimos uma agressão energética quando o projetor desavisado recebe energias deletérias por parte de desencarnados ou encarnados projetados. Há casos em que o agressor não tem muita intimidade em movimentar suas próprias energias e, então, parte para uma franca “briga de rua”, tentando desferir socos e pontapés. Neste caso, o efeito sobre o projetor agredido não é maior do que o susto e o retorno ao corpo físico. No entanto, quando a agressão é realizada por seres ligados à chamada magia negra, podem ocorrer desconfortos para o projetor como insônia, irritabilidade, falta de concentração no dia a dia etc. Contudo, o projetor somente terá contato com entes ligados à magia negra, caso ele participe ativamente de grupos físicos e/ou não físicos voltados à antimagia. Ou seja, projetores que estejam apenas com a intenção de buscar aprendizados no Astral e ampliar a sua consciência não serão obrigatoriamente confrontados com tal situação. No entanto, tudo no universo é uma questão de sintonia. Se alguém está sintonizado com faixas vibratórias menos elevadas, naturalmente para este campo de energias será atraído.

Então, neste ponto poderia se questionar: não seria melhor evitar a projeção astral para prevenir situações adversas? Este questionamento pode ser contraposto com o seguinte raciocínio, que é muito lógico: caso uma pessoa tenha uma sintonia com energias/pensamentos negativos, ela, de uma forma ou de outra, encontrará vazão para a manifestação do que está dentro dela! Isto quer dizer que alguém que tenha tendências não construtivas, obviamente colocará em prática a sua forma de ser e sentir no próprio Mundo Material, colhendo os resultados de suas ações/intenções. Assim, pode-se concluir que ter experiências extrafísicas em si não é prejudicial. O que é ou pode ser ruim é a intenção do “viajante astral”, bem como a intenção do “viajante terreno”.

Outro “problema” ou risco que dizem estar associado a uma viagem astral, é o de se romper o cordão de prata, causando a morte do projetor. Mas, primeiramente, é importante conceituar o que seja este cordão e, até mesmo, questionar a sua existência. Alguns projetores percebem um fio ou elo de ligação entre seus corpos astrais e os respectivos corpos físicos, denominado “cordão de prata”, durante a experiência extrafísica. Entretanto, em grande parte das vezes ele não é notado. Estaria ele mais sutil em determinadas oportunidades, a ponto de ficar invisível ao viajante projetado? Pode ser que sim, pois as viagens astrais se dão sob padrões vibratórios diversos. Por outro lado, quando o cordão de prata é percebido, ele às vezes está conectado na cabeça do viajante ou no seu peito, por exemplo. Por que a conexão não é sempre na mesma região do corpo astral? Ora, este fato já indica que há uma flexibilidade com relação ao ponto de inserção do cordão. Será que a sua presença e ponto de conexão estariam vinculados a algum condicionamento mental do projetor? Talvez, mas entendemos que o que nos liga ao corpo físico durante uma experiência extracorpórea são incontáveis elos energéticos que partem de cada célula do corpo denso para o corpo astral. Seriam milhões e milhões de “fios de prata” pequeníssimos que, em determinadas condições, se agrupam e tornam o famoso “cordão de prata” visível para o projetor (o referido cordão não é visível quando as condições da projeção não são adequadas para o fato). Assim, seguindo esta linha de raciocínio, será que é possível o rompimento do cordão somente pelo motivo de estarmos fora do corpo? Inúmeras pessoas se projetam todas as noites, mesmo que inconscientemente, e por isso estariam correndo um risco de rompimento seguido de morte? Quantas pessoas morrem durante o sono? E quantas morrem durante o sono porque já tinham alguma grave doença diagnosticada? É uma pena que não haja estatísticas para responder a essas perguntas, mas, provavelmente, o número de óbitos de indivíduos despertos é muito maior do que o de óbitos de pessoas durante o sono físico. Portanto, este tipo de temor que paira sobre experiências extrafísicas parece muito mais ser devido ao velho “medo do desconhecido”.

Então, passemos para o próximo “problema” que se relaciona às viagens astrais: a possessão do seu corpo físico, enquanto o veículo astral está projetado. Consideramos que a possessão é o último estágio de um processo obsessivo. Isto ocorre quando o indivíduo não teve equilíbrio psíquico suficiente para superar a influência do agente obsessor (desencarnado), cedendo total ou parcialmente o seu veículo material para que o obsessor se manifeste na dimensão terrena, de forma ostensiva, durante algum tempo. É importante lembrar que uma obsessão ocorre quando há afinidade (e/ou fortes elos cármicos de vidas passadas) entre o desencarnado e o encarnado. Caso isso não ocorra em grau elevado, uma obsessão jamais redundará numa possessão. Ou seja, chegar-se a uma possessão não é algo trivial. Às vezes, o assédio sobre um encarnado ocorre por anos a fio, para que possa haver uma dominação (possessão) por alguns minutos apenas. É mais comum um longo processo obsessivo resultar em desequilíbrios psíquicos de vários tipos, até chegando à loucura, do que promover uma típica possessão. É claro que este assunto é bastante complexo, não podendo ser esgotado aqui. Entretanto, com o que foi exposto, é possível compreender que uma possessão principalmente ocorre devido a uma sintonia profunda entre o encarnado e o desencarnado, não acontecendo de uma hora para outra. Isto é, alguém que esteja em projeção, muito improvavelmente sofrerá uma “possessão relâmpago”. Tem que haver um histórico de problemas com a pessoa para que isso ocorra. Aliás, alguém em desequilíbrio psíquico/espiritual primeiramente deve buscar um tratamento adequado, para, somente depois, tentar experiências no Astral, de forma que isso lhe traga crescimento interior.

Mas, falando em distúrbios psíquicos, não é incomum algumas pessoas temerem as incursões extrafísicas por correrem o risco de ficarem “lunáticas”, sem os “pés no chão”, ou seja, deixarem a vida material em segundo plano. Isto, na realidade, é um temor que só se tornará concreto se o projetor já tiver uma forte propensão natural a ser “lunático”. Pessoas impressionáveis poderão perder o contato com as suas responsabilidades mais prementes, por diversos motivos. Uns se tornam fanáticos religiosos, mesmo nunca tendo ouvido falar em viagem astral. Outros vivem “sem os pés no chão”, ignorando as necessidades de suas famílias, por serem sonhadores sem a capacidade adequada para concretizarem suas aspirações. A projeção da consciência, ao contrário, pode ser um bom instrumento para que as pessoas compreendam melhor o seu lugar e papel no mundo, já que, no Astral, muitas vezes lidamos com as nossas próprias limitações, o que contribui para que não nos iludamos tanto.

Quanto ao desgaste físico/energético devido às viagens astrais, até que ponto isto é verdade e/ou relevante? Caso o projetor mais entusiasmado se programe para despertar diversas vezes à noite, para anotar as suas experiências, de fato ficará com um certo desgaste. No entanto,

isto se dará em decorrência da programação exagerada, e não em função direta das experiências extrafísicas. Estas somente causarão perda de energia nos casos de vampirização (de cunho sexual ou não), que nada mais são que um processo obsessivo, que pode ocorrer com qualquer pessoa, sendo ela praticante ou não de projeção astral consciente. O que promove esta situação obsessiva são os pensamentos/sentimentos em desequilíbrio, isto é, a manutenção ostensiva de um baixo estado vibratório. Outra condição em que a viagem astral pode estar associada a desgaste físico/energético, é o caso em que se sai do corpo para a realização de atividades de antimagia. Isto, como já comentado anteriormente, não é “culpa” da projeção astral em si, mas da ação de antimagia, que produz entrechoques que podem afetar aos menos experientes, de forma mais evidente. Diferentemente do que muitos pensam, realizar experiências fora do corpo pode ser algo bastante revigorante. Somente para esclarecer como é possível restaurar as próprias energias através da viagem astral, passamos a citar alguns exemplos. Muitas vezes estamos cansados do dia a dia e um tanto estressados pelo ambiente da cidade grande. Nestes casos, sair do corpo e visitar áreas com florestas, montanhas ou o mar, pode ser bastante benéfico energeticamente para o corpo astral, o que se refletirá na psique e no corpo físico do viajante. Em outras situações, podemos estar saudosos de amigos distantes ou de parentes que já desencarnaram. Em ambos os casos, podemos “matar as saudades” através da projeção da consciência.

Após abordarmos tantas questões que são levantadas por pessoas mais receosas, no intuito de desestimular às viagens astrais, esperamos ter contribuído para esclarecer estes pontos. Por experiência própria, podemos concluir que a prática mais ou menos constante das projeções da consciência nos forneceu mais equilíbrio, vontade de aprender, sendo útil tanto quanto o possível.

Relato “Luta no Astral”

O episódio “Luta no Astral”, que é originário do meu livro “Experiências extrafísicas II”, retrata bem um dos tipos de “problema” associados à viagem astral, complementando o artigo expresso acima.

Fui deitar-me para dormir, naquela sexta-feira à noite, na residência de antiga amiga. Eu estava tranquilo e não tencionava projetar-me. No entanto, mais uma experiência extrafísica ocorreu.

Recordo de estar desperto numa cidade grande, com amplas ruas e avenidas, onde

havia prédios de muitos andares. O lugar não tinha veículos, o que fazia assemelhar-se ao centro comercial de uma metrópole, num dia de feriado ou de final de semana. Não sei porque estava ali, e ao ver um homem de idade aparente jovem e pele morena, aproximei-me dele. Havia algo de familiar nele, que era um sujeito com estatura pouco maior que a minha, porém sendo alguém com uma “musculatura” bem mais desenvolvida que a minha. Ele estava na beira da calçada de uma avenida, e quando cheguei perto dele, distraí-me com algumas pessoas que estavam na calçada oposta. Percebi que o homem jovem e familiar sumira, mas não dei importância ao fato, pois foquei minha atenção no grupo do outro lado da avenida. Este era composto de seis a oito pessoas, havendo homens e mulheres. Uma briga começara entre duas moças. Uma era bem magra e tinha as feições de alguém com distúrbios mentais. Esta era bastante provocativa e batia na segunda mulher, que acabara de tombar no chão. O restante do grupo assistia àquele combate, torcendo pela vitória da moça desequilibrada. Eles riam e escarneciam da mulher que estava no chão apanhando.

Eu observava a tudo, atônito, quando eles perceberam a minha presença a poucos metros de distância. A mulher semilouca acabara de fixar a sua atenção em mim, e, agora, estava atravessando a avenida em minha direção, em disparada. O restante do grupo permaneceu do outro lado da via, apenas observando. Eu mantive-me parado, aguardando a sua aproximação. Quando ela chegou e fez um gesto para me agredir com um braço, adiantei-me e dei uma espécie de encontrão nela, que foi ao chão. Ela tentava levantar-se do chão sem sucesso, e, então, pude observá-la melhor, notando que parecia bêbada. Logo em seguida, olhei para a frente e vi que os demais do grupo dela vieram em meu encalço. Corri, mas depois de um tempo, um dos homens mais rápidos estava quase me alcançando. Assim, parei para defender-me. Eu estava muito ágil e acertei vários socos nele, até derrubá-lo. Não fui atingido nem uma única vez. Ali, naquela situação, eu estava apresentando uma habilidade e força que não tenho na Terra. Na realidade, no ambiente material, nunca me envolvi em brigas de rua e detesto situações de contenda, seja física ou verbal. A única habilidade de autodefesa que aprendi no Mundo Físico foi o judô, que pratiquei como esporte durante seis anos seguidos, na minha infância/adolescência. E o curioso, é que nunca defendi-me no Astral usando o judô.

Em seguida, tornei a fugir, tentando evitar novos embates. No entanto, outro indivíduo daquela gangue alcançou-me, até porque eu tivera que parar para lutar com o anterior. O novo “adversário” era bem alto e gordo, apresentando-se com muitas correntes no pescoço, num estilo meio “punk”. Devido a sua estatura, tive que desferir socos de baixo para cima. Lembro de ter acertado, seguida e rapidamente, uma sequência de vários golpes num

mesmo olho dele, até que tombasse. Minha mão astral encaixava perfeitamente na órbita ocular do grande rosto do perseguidor. Realmente eu estava muito ágil e certo, colocando em prática uma habilidade em “briga de rua” que não tenho na vida material. Logo depois, voltei à fuga, que transcorreu com bastante intensidade. Mais dois chegaram a me alcançar, mas desferi golpes que os derrubaram, sem que eu tivesse que parar para me defender. A seguir, despertei no meu leito e registrei a experiência.

No dia seguinte, no sábado, ocorreu mais uma reunião do recém-fundado Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Durante a sessão, houve a incorporação de um Guardiã da Corrente Astral de Umbanda, através da minha pessoa. Então, ele assinalou que a vivência que eu tivera no Mundo Extrafísico, na noite imediatamente anterior, fora para servir de auxiliar na captura de alguns desencarnados, que perturbavam um integrante do nosso grupo. Ou seja, na realidade, eu fora utilizado no Astral para atrair e “abater” momentaneamente aqueles espíritos em desequilíbrio, de forma que eles fossem levados para um outro lugar. O Guardiã colocou também que eu não realizara as ações de combate, mas sim que ele executara os golpes. A seguir, chamou a atenção do jovem integrante do nosso Grupo, para que vibrasse num padrão de energia melhor, evitando atrair novamente aquele tipo de entidades que o estavam acompanhando. Depois da sessão espiritualista, contaram-me o que o Guardiã falara através da minha boca. Fiquei com aquela história na cabeça. Mais tarde, concluí que aquele homem moreno que vira no início da projeção astral, do qual me aproximara por sentir uma familiaridade por ele, e que sumira em seguida, deveria ser o Guardiã. Fazia sentido, pois ele deveria ter utilizado a sua forma astral, tornando-se invisível para poder me influenciar/mediunizar, de maneira a cumprir aquela tarefa “densa” no Mundo Extrafísico, utilizando-se de minhas bioenergias de encarnado, que são bastante relevantes nesse tipo de atividade. Depois, recordei também que já havia avisado ao integrante do Grupo Espiritualista, cerca de quinze dias atrás, de que eu intuía que ele estava acompanhado de algumas entidades que gostavam da violência gratuita. Lembro que eu havia lhe falado para tomar cuidado, pois senão ele seria induzido, paulatinamente, a ter comportamento agressivo. Naquele final de semana, portanto, mais uma vez eu constatara uma viagem astral induzida pela influência de amigos espirituais.

CAPÍTULO 5

Artigo “Descontinuidades da projeção astral”

Escrito originalmente em 12 de maio de 2008, e revisado em 15 de outubro de 2011.

Relato “Sonhando no Astral”

Data da experiência: 09 de dezembro de 2000.

Artigo “Descontinuidades da projeção astral”

É possível distinguir dois tipos de descontinuidade quanto às projeções astrais. A primeira é a descontinuidade de frequência, que nada mais é do que a incapacidade em conseguirmos experiências extrafísicas lúcidas com regularidade, por um período de tempo. Exemplificando, é difícil fazer uma viagem astral consciente todos os dias, ou sempre que desejamos (três vezes por semana, duas vezes por mês etc.). O outro tipo de descontinuidade é a de lucidez, que consiste na flutuação do grau de consciência durante uma experiência fora do corpo. Ou seja, enquanto estamos projetados, podemos estar cientes de tudo que está ocorrendo e, num dado momento, perdermos a capacidade de discernimento, podendo até entrarmos em sonolência em pleno Astral.

Primeiramente, abordaremos a descontinuidade de frequência. Quais seriam os motivos pelos quais não conseguimos produzir uma experiência extrafísica lúcida, sempre que queremos? Por quê há épocas em que as viagens astrais conscientes praticamente somem? Bom, podemos afirmar que mesmo projetores com grande experiência, não conseguem manter uma regularidade de saídas lúcidas do corpo por dois motivos básicos: o projetor não está em boas condições, ou o ambiente não está favorável. É claro que os dois motivos citados podem ocorrer simultaneamente, mas vamos examinar cada situação separadamente.

Obviamente, o projetor flutua quanto às suas condições orgânicas e psíquicas ao longo de sua vida. Daí, por mais que ele tenha uma sólida experiência pregressa, irá falhar em tentativas lúcidas de projeção quando não estiver sentindo-se bem. Por exemplo, indisposições estomacais, enxaquecas, ou qualquer problema que seja crônico por um período, poderá impedir viagens astrais conscientes. Também é relevante assinalar que há épocas em que o viajante está muito focado em interesses materiais, como a vida financeira ou sentimental, que interrompem as experiências fora do corpo ou as reduz drasticamente. Nos casos citados, mesmo que o projetor se recolha em determinado horário do dia, buscando uma viagem astral consciente, terá dificuldades em ter sucesso. Assim, suas experiências irão se tornando raras ou ausentes por um período.

Quanto a ambientes desfavoráveis para a projeção astral, às vezes isto torna a sua frequência bastante irregular, mesmo para bons projetores. Quando nos referimos a “ambientes desfavoráveis”, queremos dizer que a desfavorabilidade pode ser em nível físico e/ou astral. Sendo no nível físico, exemplificamos com situações onde o lugar é barulhento constantemente, o que dificulta o processo. Quando o ambiente não é bom em termos astrais (energeticamente), torna-se complicado conseguir projeções lúcidas. Locais “densos” vibratoriamente normalmente só

permitem saídas do corpo conscientes raras vezes, contribuindo para a irregularidade deste tipo de experiência. Exemplificando um “local denso”, é o caso de uma residência onde a família discute e briga frequentemente.

Contudo, há um fator que afeta sobremaneira a regularidade das viagens astrais de um projetor. Este fator é a interferência do amparador ou guia. Quando estes orientadores auxiliam energeticamente o viajante por um tempo, é neste período que as experiências se multiplicam, tornando-se mais constantes. Após esta fase, normalmente há um raleamento das saídas conscientes. Isto ocorre, sobretudo, no início do treinamento do indivíduo para se tornar um projetor lúcido, quando o amparador dá uma “mãozinha” por um tempo, de forma a estimular a pessoa a trilhar por este caminho. Em seguida, o amparador deixa mais por conta do indivíduo tornar-se, ou não, por seus próprios esforços, um viajante mais tarimbado. Aí é que ocorre, comumente, uma queda no número de experiências extrafísicas, pois muitas pessoas são pouco persistentes nos exercícios bioenergéticos que induzem viagens conscientes.

Agora, abordaremos a descontinuidade de lucidez. Inicialmente é possível afirmar, com relativa tranquilidade, que são raros os projetores que conseguiram realizar uma viagem astral com consciência contínua, desde a saída do corpo, até o retorno ao mesmo, sem lapsos de lucidez. A maioria, normalmente, em algum momento, perde a consciência. Por quê ocorre esta descontinuidade de lucidez? Os motivos são variados, mas antes de discorrer sobre eles, é relevante destacar uma situação em que haveria uma projeção astral com consciência contínua, mas que por falha de memorização, se perde. Explicando melhor, a capacidade de memorização das pessoas no geral, quanto a vivências no Astral, não é muito elevada. É possível que alguns projetores saiam conscientemente do corpo, atuem lucidamente no Astral por um tempo, mas ao retornar ao Mundo Físico ainda lúcidos, no último momento, não conseguem transferir para o cérebro material a lembrança total dos fatos. Ou seja, a capacidade de memorização não foi suficiente para a recordação de algum trecho da viagem consciente, provocando uma descontinuidade na experiência (isto fica exacerbado quando o viajante vai se deitar muito cansado física e/ou mentalmente).

Por outro lado, há inúmeros relatos de que projetores estão dormindo e/ou sonhando no Mundo Extrafísico e, em determinado momento, despertam, passando a agir conscientemente no Astral. A causa desta descontinuidade de lucidez é uma necessidade de descanso (ou condicionamento mental?) do projetor, mesmo fora do corpo físico. Também podemos apontar outra causa de perda de lucidez, que é o momento da saída do veículo material, que pode ser um tanto estressante. Vários indivíduos quando estão praticando técnicas para se projetarem, ao tentarem o desprendimento do corpo, sentem desconfortos como tonteiras ou pressões na cabeça. Nestes casos,

parece que o lapso de memória que ocorre no ato de desprender-se do corpo, é uma espécie de mecanismo de defesa da pessoa. Assim, após o momentâneo “apagão”, o projetor recobra a consciência já em algum outro lugar/dimensão. Por fim, gostaríamos de salientar um outro motivo de perda de lucidez durante uma viagem astral, que é a vibração do local para onde o viajante se projetou. Localidades muito “densas” energeticamente, ou seja, os submundos astrais, podem constituir uma realidade muito diferente da qual o projetor está acostumado no Plano Terreno. Nesta situação, acreditamos que pode ocorrer uma “fuga mental” do viajante, que passa a dormir e/ou sonhar no Astral, quando não retorna automaticamente ao corpo físico. Em sentido oposto, quando o projetor vai ou é levado a “regiões” muito elevadas em termos energéticos, pode também perder a lucidez, por estar fora de seu contexto ou realidade cotidiana, passando a dormir e/ou se entregar a onirismos. Considerando que, em alguns casos, tanto no Astral Superior como no Inferior, quando o viajante não é afeito a ambas vibrações, mas suporta ficar lúcido por um tempo, como se dará a transferência de sua memória sutil para o cérebro físico? Compreendemos que, como o impacto de realidades tão diversas é forte para a personalidade encarnada, muitas vezes a capacidade de rememoração é afetada, ocorrendo apenas lembranças parciais (podendo até mesmo serem distorcidas), ou ainda, ocorrendo a ausência completa de recordações.

Relato “Sonhando no Astral”

O relato apresentado a seguir, que faz parte do livro “Experiências extrafísicas”, de minha autoria, exemplifica a descontinuidade de lucidez, citada no artigo acima.

Eu fora dormir muito cansado naquele dia, de modo que nem tentei realizar um exercício projetivo. Além do cansaço, eu estava com uma significativa dor de cabeça ao deitar-me. Pela madrugada, despertei melhor e já não contava mais com a incômoda cefaleia. Assim, após beber um pouco de água, rapidamente adormeci novamente.

Em determinado momento eu estava tendo um sonho, onde me localizava numa praia. Em resumo, o enredo da história centralizava-se num menino, que brincava próximo ao mar. Então, formou-se uma grande onda ao longe e preocupei-me com a criança. Corri para pegá-la e passei-a para uma mulher que estava atrás de mim. Porém, quando olhei para o mar, a elevada onda já vinha próxima. Resolvi avançar para ela, de maneira a mergulhar por baixo, perfurando-a sem que eu fosse tragado. A seguir, todo o cenário mudou.

Agora eu estava num quarto estranho, onde havia uma cama forrada com lençóis brancos. Achei muito curiosa a presença de uma pilastra cilíndrica mais ou menos no meio do cômodo. Aquilo não tinha muita lógica! Em seguida, percebi que flutuava. Tentei organizar meus pensamentos. Raciocinei que se estava flutuando, como de fato acontecia, era porque meu corpo astral descoincidia do físico. Portanto, eu só poderia estar projetado! Na sequência, de alguma forma, pressenti que iria voltar para o veículo denso a qualquer momento. Isto acabou por se concretizar, de maneira suave, sem qualquer solavanco.

Ao abrir meus olhos físicos, sentei-me na cama e fiquei pensando. Cheguei à conclusão de que estivera projetado, mas sem lucidez alguma. Eu estava no Mundo Extrafísico completamente dominado pelo onirismo, ou seja, eu dormia e tinha sonhos no Astral. Somente no final da experiência é que eu estava recobrando a consciência, o que permitiu uma reentrada lúcida no corpo material. Recordei que eu já havia lido relato de outros projetores, que revelavam já terem constatado que, às vezes, saíam do corpo inconscientemente e permaneciam num estado onírico no Astral, até que despertassem. Agora, eu tivera essa mesma experiência. Lembrei-me, em seguida, de ter lido em mais de um livro espírita, que era comum as entidades em trabalho no Umbral e cercanias, encontrarem encarnados projetados em sonolência profunda. Achei muito interessante constatar esta realidade por mim mesmo, confirmando, na prática, a literatura disponível.

CAPÍTULO 6

Artigo “Amparadores e projeção astral”

Escrito originalmente em 26 de maio de 2008, e revisado em 15 de outubro de 2011.

Relato “O médico espiritual”

Data da experiência: 1993.

Artigo “Amparadores e projeção astral”

Quando saímos lucidamente do corpo físico e nos deparamos com o “outro lado”, muitas vezes não vemos ninguém, seja estando dentro da contraparte astral de nossa residência, ou enquanto exploramos dimensões distantes vibratoriamente do Mundo Material. Mas, será que realmente estamos sós frequentemente nas jornadas extrafísicas? Isto é um pouco difícil de responder, de forma genérica, mas nos remete à questão dos amparadores, que podem ser definidos como seres espirituais que funcionam como instrutores e/ou protetores para nós, e, por isso, são denominados guias, mentores, anjos da guarda etc.

Sendo instrutores e/ou protetores, quais seriam as atividades mais comuns dos amparadores perante um projetor? Inicialmente, é possível afirmar que eles são os responsáveis diretos por uma viagem astral consciente, sobretudo para os projetores inexperientes, que têm dificuldades em se desligarem do corpo material e de se manterem lúcidos no Mundo Extrafísico. Nestes casos, a ação energética dos amparadores é preponderante para o sucesso da experiência, e para despertar no viajante neófito o interesse em se aprofundar no assunto, tanto teoricamente como na prática. Em outras oportunidades, o amparador atua como um professor do projetor, ensinando-o a como locomover-se melhor no Astral (aulas/treinos de voo em dimensões sutis); como comunicar-se mais eficientemente (através da telepatia); como compreender melhor a Espiritualidade e as Leis Universais; etc. É importante ressaltar, também, uma atividade frequente dos amparadores, que é a assistência extrafísica. Nestas ocasiões, eles muitas vezes ensinam aos viajantes como fazer isso durante a experiência extracorpórea, e, quando pelo menos o básico já foi assimilado pelo projetor, os amparadores funcionam como “guias num local desconhecido”, levando-os até pessoas (encarnadas ou desencarnadas) que precisam de uma doação de energia e/ou outros tipos de ajuda (conversa de esclarecimento; retirada de seres em sofrimento do Astral Inferior; etc.).

Bom, sabendo-se os principais motivos de atuação de um amparador, chegamos a outra questão relevante: a sua forma de agir! Quanto a isso, o amparador pode atuar visível ao viajante, ou agir invisivelmente (quando o guia deseja estar invisível, ele mantém-se numa vibração superior a do viajante). Na primeira situação, é óbvia a ação direta do mentor, que assim é necessária quando o projetor tem pouca experiência ou em casos específicos. Na segunda situação, que é a mais corriqueira, o amparador está invisível ao seu “pupilo” projetado. O guia assim o faz, frequentemente, para que possamos adquirir autoconfiança no Mundo Extrafísico, evitando-se a criação de uma dependência excessiva do viajante com relação ao amparador. Mas, como saber de fato se estamos acompanhados ou não de um mentor, no caso dele estar oculto? Esta resposta é

obtida, durante o desenrolar de uma viagem astral, quando ficamos em algum tipo de impasse ou quando passamos por algum problema mais evidente, pois geralmente “surge” uma intuição clara que possibilita uma solução. Às vezes, percebemos também a presença invisível de um amparador, quando agimos de forma meio teleguiada ou automática, isto é, quando vamos cumprindo uma tarefa qualquer sem saber previamente o roteiro, mas podemos executá-la adequadamente.

Alguns projetores com “mais tempo de estrada”, relatam encontrarem-se com vários amparadores durante suas jornadas astrais. Outros viajantes até observam diversos amparadores em suas experiências, mas narram um ou dois como sendo os mais presentes. Isto possibilita chegar a um outro questionamento: quantos amparadores nos auxiliam em tarefas no Mundo Imaterial? Na realidade, esta pergunta não é tão importante, mas permite esclarecer aspectos interessantes. Se estamos ligados a algum grupo espiritualista, com certeza há uma egrégora ligada ao trabalho/estudo desenvolvido. Assim, quando projetados, podemos nos encontrar com várias entidades pertencentes à egrégora citada, e estas entidades podem ser chamadas de amparadores. Dependendo da atividade a ser desenvolvida, estaremos em determinada dimensão energética e, é claro, se vamos atuar no Astral Inferior, poderemos precisar da ajuda de amparadores afinados com energias mais “densas”. O mesmo é válido para ações/aprendizados no Astral Superior, quando nos assessorará um amparador mais “sutil”. Desta maneira, podemos distinguir que há diferenças entre amparadores, tanto quanto há diferenças entre os projetores, ou seja, em última análise, a diversidade é tão ampla quão grande é a humanidade. Contudo, é relevante salientar que há amparadores com recursos próprios especiais para trabalhar em áreas bem distintas do Mundo Extrafísico. Estes mentores possuem a habilidade de se densificar até níveis energéticos próximos ao físico, mas também atuam em dimensões bastante sutis. Este assunto não será aprofundado aqui, mas fica a sugestão para quem queira estudá-lo usando outras fontes. Ainda é positivo assinalar, que muitos amparadores são extremamente hábeis em mudarem de forma. Explicando melhor, eles alteram com facilidade seus corpos astrais, através de suas mentes, podendo modificar por completo a aparência e seus “trajes”. Isto é devido à plasticidade da “matéria astral”, facilmente comandada conforme a vontade do amparador. No entanto, isto é algo relativamente comum nas dimensões extrafísicas, sendo executado também por assediadores e por projetores mais tarimbados.

Por fim, vale ressaltar que de todas as nuances comentadas quanto a amparadores, talvez o mais fundamental seja que nós pratiquemos a projeção astral, evitando nos escorarmos numa possível presença/auxílio dos mentores. Entendemos que eles são muito úteis nos aprendizados do Astral, mas também que eles mesmos não desejam que dependamos de sua orientação a cada passo que damos. Precisamos desenvolver o livre-arbítrio e ampliarmos as nossas

consciências, tanto aqui no ambiente físico, como nas dimensões imateriais.

Relato “O médico espiritual”

O livro “Experiências extrafísicas” contém o relato que vivenciei e que está colocado na sequência, para complementar o artigo apresentado.

Na época da minha vinculação a dois centros espíritas, soube de uma senhora que atendia solitariamente ao público, em sua própria casa, mediunizada por um médico espiritual. Tive boas referências dela e como eu estava tendo alguns incômodos orgânicos, resolvi conhecer o seu trabalho. Fiquei gratamente surpreso com o atendimento da entidade, através da médium. Não só melhorei dos problemas físicos pelos quais estava passando, mas também recebi informações valiosas de cunho espiritual daquele mentor.

Após algumas visitas ao local de atendimento, o Dr. Aloísio revelou-me que eu tinha uma vida intensa no Plano Astral, realizando tarefas frequentes de auxílio e aprendizado “do outro lado”, inclusive fornecendo-me detalhes interessantíssimos sobre algumas atividades. Perguntei-lhe como isso era possível, se eu não me lembrava de nada ao acordar em meu quarto, no dia-a-dia (isto é característico de quem se projeta e age conscientemente no Mundo Extrafísico, mas não possui capacidade de rememoração ao retornar ao corpo). Ele respondeu que a minha mente estava fechada para estas atividades fora do corpo e que pediria permissão aos meus guias para fazer um desbloqueio, a fim de que eu recordasse alguma coisa. Fiquei muito interessado no assunto e aguardei a oportunidade com algum entusiasmo.

Alguns dias depois, tive uma experiência fora do corpo. Eu caminhava por uma rua até chegar a uma estranha edificação. Era uma casa de formato circular, construída sobre elevados pilotis (eles tinham cerca de nove metros de altura). Eu sabia onde estava indo, como se conhecesse bem aquele local do Astral. Posicionei-me, a seguir, debaixo da casa. Então, flutuei rapidamente até o seu interior. Lá encontrei-me com o médico (apenas lembro-me que tinha elevada estatura e trajava roupas claras) e várias outras pessoas. Nós estávamos no entorno de uma grande mesa oval. Ocorreria uma reunião ali para se discutir algo. No entanto, dirigi-me ao Dr. Aloísio, que estava do meu lado, e lhe disse que eu não poderia ficar ali por mais tempo, pois meu corpo precisava ir ao banheiro. Logo em seguida, despertei em minha cama e fui de imediato ao banheiro, pois precisava urinar urgentemente. Fiquei um pouco decepcionado por

não ter conseguido permanecer naquela reunião no Plano Espiritual, mas muito feliz por ter lembrado de uma atividade lúcida no Astral.

Dias mais tarde, tive outra lembrança de uma ocorrência no Mundo Extrafísico. Recordei que estava num “casarão-fortaleza” com dois andares, cercado por muros elevados. Eu observava, juntamente com outras pessoas, do andar mais alto, um panorama desagradável do lado de fora dos muros que protegiam a edificação. Eram seres humanos com deformidades que os faziam assemelharem-se a grandes macacos. Possuíam pelos escuros e compridos e suas faces lembravam fisionomias de chimpanzés. Eles vociferavam palavrões e ameaças a nós e eu não sabia o porquê. Meu sentimento predominante era o medo. Embora eu estivesse num lugar seguro, em companhia de pessoas de confiança, as entidades lá de baixo emitiam fortes vibrações de intimidação. Num dado momento adiantou-se um dos seres, que era um pouco diferenciado, pois seus pelos eram grisalhos. Ele, então, falou em nome do seu grupo que silenciara. Argumentou conosco que pelo menos dêssemos a eles ovos para alimentarem-se, pois estavam com muita fome. Infelizmente, a partir deste ponto, perdi a memória do que ocorreu após aquela barganha. Despertei assustado com o ambiente hostil onde estivera.

Quando retornei à casa da médium que recebia o Dr. Aloísio, comuniquei a ele o que recordara das duas experiências recentes no Astral. Disse-lhe que estava feliz por poder recordar algo, mas que ficara com uma sensação ruim após a visita aos homens macacóides. Ele informou-me que aquilo era necessário e que a presença de encarnados nos setores mais baixos do Mundo Espiritual era importante. Segundo ele, nós encarnados podíamos prestar um auxílio especial àqueles espíritos perturbados, ainda muito apegados ao Plano Material. O médico mostrou-se satisfeito com o que eu havia conseguido lembrar e fez-me entender que ocorreram mais atividades do que fui capaz de rememorar.

CAPÍTULO 7

Artigo “Viagem astral: evidências”

Escrito originalmente em 19 de novembro de 2008, e revisado em 22 de novembro de 2013.

Relato “Confirmação de experiência”

Data da experiência: 04 de fevereiro de 2002.

Artigo “Viagem astral: evidências”

Muitas pessoas anseiam pela comprovação das experiências extrafísicas, por motivos diversos. Há projetores, de forma individual, bem como instituições, que labutam para demonstrar a realidade das projeções da consciência. Entendo que este esforço é louvável, até porque se comprovando as experiências fora do corpo, se está também atestando que somos mais do que apenas um corpo físico. Em outras palavras, isto trata de uma ampliação do entendimento comum de boa parcela do Ocidente, ou seja, uma expansão da consciência para essas pessoas. No entanto, será possível se ter uma comprovação científica para a viagem astral? Até o momento, entendo que não porque é impossível atender a todos os postulados científicos (Cartesianismo), num sentido restrito. Contudo, será que o método científico se aplica de forma bem ajustada a experimentações psíquicas/espirituais? Afirmo, que não. Ou, pelo menos, ainda não. O método científico tem suas limitações neste campo, mas, futuramente, creio que a metodologia evoluirá, bem como suas “ferramentas de medição”. Quanto às “ferramentas”, ainda não há equipamentos aceitos pela comunidade científica tradicional, para a mensuração e análise de “energias mais sutis” (psíquicas/espirituais), embora alguns esforços envidados por admiráveis pesquisadores. Fora isso, o preconceito da ciência instituída é forte obstáculo para o estudo sistemático de tudo aquilo que foge aos padrões materialistas, que ainda têm grande força na maioria dos países. Felizmente, já é possível notar cientistas com nova mentalidade, que compreendem o universo de maneira diferente e integrada.

O objetivo, deste capítulo, é apontar evidências da viagem astral como fato real, pertencendo ao âmbito das coisas ditas naturais. Assim, o que poderia argumentar em favor da veracidade das experiências fora do corpo? Bom, facilmente me recorro das chamadas “experiências de quase morte” (EQMs), que são viagens astrais forçadas por doenças ou acidentes. No entanto as EQMs, nos últimos anos, têm sido fartamente documentadas e se tornaram até objeto de investigações científicas. Mas, não vou me ater às EQMs, já que é muito mais fácil obter uma saída do corpo físico, sem ter que passar pelo trauma de um acidente ou doença grave. Então, como se ter evidências do realismo de uma viagem astral? A resposta é relativamente simples: experimentando! Muitos que passam a realizar técnicas para sair do corpo conscientemente, acabam por convencerem a si mesmos, após terem as suas próprias experiências lúcidas. Mas, isso basta? Talvez para alguns isso não seja muito conclusivo, até porque o grau de lucidez é geralmente flutuante durante uma projeção astral, misturando-se a momentos oníricos. Por isso, a seguir, apresento as minhas comprovações pessoais, de forma a estimular que outros tentem se projetar e

tirem as suas próprias conclusões.

Algo que me trouxe grande satisfação pessoal, foi poder ter visto o meu corpo físico na cama, após projetar-me dentro do próprio quarto, alguns anos atrás. Naquela oportunidade, constatei de forma incisiva que a sede da nossa consciência não é o corpo material. Lembro-me que observei ao meu veículo físico por um tempo bastante razoável e concluí que eu estava excessivamente magro (à época, eu perdera cerca de 20 quilos devido a uma gastrite crônica).

Em uma outra vez, também obtive uma comprovação pessoal de viagem astral. Numa determinada noite, eu recebera uma ligação telefônica de uma amiga, que narrou a sua felicidade em estar na fase final da construção de sua casa. Ela enfatizou que acabara de receber os vidros de todas as janelas, detalhando o tipo de material, que não era liso, mas sim composto por pequeninos quadrados. Eu concluí que os vidros das janelas dela, deveriam ser como os da porta de entrada do meu apartamento, comentando isso com ela. Após o telefonema, esqueci-me do assunto, e, mais tarde, recolhi-me ao leito. Para minha surpresa, num dado momento da noite, descobri-me num local onde eu examinava um pedaço de vidro. E eu concluía que o vidro da minha amiga não era igual aos vidros da minha porta, pois os quadrados dos vidros dela eram realmente minúsculos. Despertei pela manhã seguinte, recordando aquilo que eu julgava ter sido um mero sonho, já que eu conversara sobre o assunto um pouco antes de dormir. Dois dias depois, por obra do acaso, fui até o bairro onde minha amiga morava, a cerca de 50 km de onde eu residia. Ela insistiu e me levou até o terreno onde estava a sua nova casa em construção. Ao entrar na residência, pude observar os vidros espalhados pelos cômodos, e, para a minha surpresa, eram exatamente como eu tinha visto no “sonho”. Eu concluía, então, que estivera projetado no local da obra, cujo endereço já conhecia desde antes, pois visitara o local quando a obra estava num estágio menos avançado.

Numa outra oportunidade, tive uma boa confirmação de experiência extracorpórea, ao conversar pela manhã com um amigo, com o qual eu trabalhava num centro espiritualista. Eu lhe disse que “sonhara” com ele e, para minha surpresa, ele falou, de supetão, que também “sonhara” comigo. Então, pedi ao meu amigo que narrasse o que lembrava. Foi algo especial! Ele disse, em resumo, que estivera em determinado local ajudando a pessoas necessitadas e que eu apareci lá para auxiliar também. Contou-me vários detalhes que correspondiam, em grande grau, a tudo que eu recordava da última noite. Concluímos que estivéramos juntos no Mundo Extrafísico, realizando uma tarefa assistencialista.

Quando nos projetamos numa dimensão bem próxima energeticamente do Mundo Terreno, é possível obter fortes indícios da veracidade de uma viagem astral. Ver o próprio corpo na cama é um caso clássico, a experiência com o vidro também se enquadra nesta categoria, mas ainda

vou assinalar três viagens deste tipo. Numa delas, quando eu retornava ao corpo físico, pude observar o céu que já clareava com o nascer do sol. Sua cor era de um azul profundo e indicava que estava no momento de eu despertar para ir trabalhar. Assim que abri os olhos materiais, corri para a janela e olhei para o céu. Notei que era o mesmo tom de azul que eu observara no Astral. De fato, estava na hora de tomar café para rumar para o trabalho. Num outro dia, estava fora do corpo, próximo ao meu leito. Recordo que vi o velho relógio, que marcava um horário nítido. Pensei que precisava ir para a minha empresa e, imediatamente, já estava no meu corpo material. Sentei-me na cama e, em seguida, mirei o relógio de cabeceira. Ele apontava exatamente a hora que eu vira no Mundo Extrafísico, instantes antes. Recentemente, estava projetado próximo à entrada de meu apartamento, quando notei uma “sombra” passar muito rápido por debaixo da porta, indo sumir na cozinha. Concluí que era uma pequena barata. Pela manhã, quando despertei, lá estava a baratinha já morta, pois eu dedetizara a residência havia pouco tempo.

Bem, com esta minha exposição, espero ter provocado uma curiosidade sadia naqueles que se interessam em experiências extrafísicas e mesmo naqueles que francamente duvidam desta possibilidade.

Relato “Confirmação de experiência”

O relato a seguir, que está no livro “Experiências extrafísicas II”, reforça a série de exemplos citados no artigo anterior. Foi um acontecimento realmente curioso, que ocorreu comigo já há muitos anos atrás.

Era um domingo e deitei-me cansado, próximo à meia-noite. Adormeci rápida e profundamente, despertando às 4:00 h da madrugada do dia seguinte. Bebi água e tornei a deitar-me, mas passei a dormir pessimamente. Eu projetava-me para a casa de uma amiga, mas logo voltava para o corpo, acordando, para voltar a projetar-me, num ciclo que se repetiu diversas vezes, até de manhã.

O que de fato percebia, cada vez que me projetava involuntariamente, é que eu chegava na casa da minha amiga, no quarto dela, onde estava seu filho, que tentava dormir com ela. Ali eu me aconchegava, num canto do quarto ao nível do chão, para adormecer também. Eu estava cansado e sonolento, mesmo estando projetado. Eu só pensava em dormir e nem questionava o que estava fazendo ali. Contudo, cada vez que tentávamos iniciar o sono, o rapaz

erguia-se de supetão e começava a falar coisas sem nexos (por exemplo, parecia estar contando piadas), despertando a todos no recinto. Cada vez que ele fazia isso, eu retornava bruscamente ao corpo material, acordando brevemente, para tornar a dormir e me projetar para lá novamente. Isto terminou às 08:00 h da manhã, quando resolvi levantar-me de vez. Não é preciso salientar, que eu estava muito cansado com aquela noite mal dormida.

Mais tarde, liguei para a minha amiga e ela me informou que no meio da madrugada o seu filho, um jovem de 20 anos à época, lhe pedira ajuda, já que estava com uma febre alta. Ela deu-lhe um remédio antifebril e chamou-o para dormir no seu próprio quarto. Então o jovem, uma vez acomodado no quarto dela, passou a delirar por grande parte da madrugada até quase pela manhã, falando, com frequência, coisas sem sentido. Esta situação foi o que presenciei, cada vez que eu me projetava para o ambiente onde eles estavam. Embora estivesse no Astral com um grau de lucidez inadequado, pude captar o contexto geral da situação, apesar de eu não ter compreendido que o rapaz estava doente.

Destaco o fato de eu ter me projetado, involuntariamente, por diversas vezes para lá. Creio que isto possa ter acontecido por dois motivos. Um deles é que, já naquela época, eu tinha fortes laços de amizade com a família citada, estando acostumado a passar muitos finais de semana junto a eles. Neste caso, posso ter me dirigido inconscientemente para lá, devido ao magnetismo criado entre nós. Por outro lado, posso ter sido levado por algum amparador para aquele recinto, naquelas circunstâncias, de modo a contribuir energeticamente para a recuperação do jovem. Por fim ressalto que, embora esta sequência de projeções tenha sido na semiconsciência, foi possível confirmá-la após considerar o que ocorreu no Plano Físico, no mesmo período em que eu me projetava.

CAPÍTULO 8

Artigo “Projeção astral e mediunidade”

Escrito originalmente em 01 de janeiro de 2009, e revisado em 15 de outubro de 2011.

Relato “Atividade mediúnica no Astral”

Data da experiência: 28 de agosto de 2001.

Artigo “Projeção astral e mediunidade”

Caros amigos, neste artigo apresentamos alguns aspectos da relação entre mediunidade e projeção astral. A princípio, é importante lembrar algumas definições sobre mediunidade, oriundas de livros que são referências. Segundo Allan Kardec, a mediunidade é uma faculdade dos médiuns, e, no Livro dos Médiuns¹, consta que a palavra *medium* vem do Latim, significando “meio” ou “intermediário”. Ou seja, médium é a pessoa que pode servir de intermediária entre as duas dimensões da vida, isto é, entre a dimensão espiritual (mundo dos espíritos) e a dimensão material (mundo terreno/encarnados). Conforme G. M. Ney², mediunidade é a faculdade dos médiuns ou sensitivos de serem “meio” aos fenômenos paranormais. De acordo com L. Palhano Júnior³, mediunidade é a faculdade que têm as pessoas (médiuns), em maior ou menor grau, de receber comunicações ou perceber os espíritos ou o Mundo Espiritual. Portanto, o que é fundamental na definição do que é mediunidade, é a questão da intermediação. Ou se intermedeia outras consciências (ideias de desencarnados ou de pessoas projetadas), ou se intermedeia informações inerentes a outras dimensões da vida (Mundo Espiritual, Plano Astral e outras denominações), trazendo para a Terra esclarecimentos de como é a vida fora da matéria, das “paisagens” encontradas, da aparência dos seres menos densos que nós etc. Quanto à projeção astral, definiremos de forma simplista, que é a capacidade que temos de sairmos do corpo físico, usando um veículo sutil de manifestação da consciência, de forma a interagir no Mundo Imaterial, com algum grau de lucidez. São as também chamadas experiências fora do corpo (EFCs).

Bom, após estas conceituações, é relevante levantar a seguinte questão: a projeção astral pode ser considerada um tipo de mediunidade? Conforme a agregação das três definições de mediunidade, pode-se concluir que esta faculdade inclui a intermediação entre o Mundo Sutil e o Plano Terreno, de forma ampla. Assim, se o projetor vai ao Mundo Extrafísico com lucidez, e traz para o Plano Material a memória de informações obtidas de outras consciências, ou sobre o que existe “do outro lado”, ele está intermediando. Ou seja, neste caso, a projeção astral pode ser considerada uma mediunidade. No entanto, se o indivíduo sai do corpo e tem lucidez no Astral, mas, ao voltar ao Plano Físico, de nada se lembra, ele não intermediou. Portanto, nesta situação em que há uma projeção astral sem rememoração, não se pode afirmar que há uma mediunidade em ação.

Por outro lado, algumas pessoas acreditam que um médium ostensivo terá maior facilidade em conseguir viagens astrais conscientes, com rememoração. Porém, a ligação entre mediunidades comuns (como a intuitiva e a de “incorporação”) e a projeção astral consciente não é

obrigatória. Nem todos bons médiuns atuantes realizam viagens astrais lúcidas com rememoração. Alguns bons projetores nunca manifestaram uma mediunidade evidente. No entanto, não há como negar que há uma correlação entre ambas capacidades, e não é nada incomum que as duas ocorram naqueles que direcionem suas energias, se dedicando tanto à mediunidade como às EFCs. Compreendo que a ligação entre mediunidade e projeção está na questão do desenvolvimento dos chacras. Se o indivíduo tem um bom desenvolvimento em alguns desses centros energéticos, estará apto a desempenhar tanto uma função, quanto a outra, conforme seus esforços conscientes e também de acordo com o que chamo de programação existencial (aquilo que os espíritos mais conscientes de sua condição evolutiva planejam, antes de reencarnar).

Um outro aspecto interessante da relação viagem astral/mediunidade, é que os médiuns, com frequência, são retirados de seus corpos pelos amparadores, para iniciarem tarefas dois ou três dias antes de uma sessão espírita/espiritualista ocorrer no ambiente terreno. Ou seja, o trabalho espiritual dos centros inicia-se previamente nas dimensões sutis, tendo continuidade no Plano Material na data da sessão, perdurando às vezes nos dias seguintes, novamente no Astral. Assim, os médiuns fazem projeções e recordam-se de fatos que, quando comentados, percebe-se que vários integrantes do grupo estiveram no mesmo lugar do Umbral (por exemplo), realizando as mesmas tarefas. Inclusive, não é tão incomum a lembrança de que os médiuns estiveram no Mundo Sutil “incorporados” com seus guias. Isto se dá porque, mesmo no Mundo Extrafísico, a entidade incorporante se apresenta com um corpo astral menos denso que o do médium projetado, possibilitando o processo da “incorporação”.

Por fim, é importante citar que ainda há, pelo menos, mais um fator digno de nota na relação entre mediunidade e projeção astral: a Apometria. Contudo, não é objetivo deste artigo tecer comentários sobre esta questão, o que deixamos para os interessados buscarem, por si mesmos, informações a contento.

Fontes consultadas:

- 1- O Livro dos Médiuns. Allan Kardec. Federação Espírita Brasileira. Rio de Janeiro, 1996. 62^a Edição.
- 2- Parapsicologia: termos e mestres. Gerardo M. Ney. Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro, 1991.
- 3- Mirabelli: um médium extraordinário. Lamartine Palhano Júnior. Edições CELD. Rio de Janeiro, 1994.

Relato “Atividade mediúnica no Astral”

O relato que coloco a seguir, disponível também no livro “Experiências extrafísicas II”, tem caráter complementar em relação ao artigo expresso imediatamente acima.

Esta experiência ocorreu sem que eu realizasse exercício projetivo. De uma forma geral a lucidez foi razoável, e há aspectos dignos de nota.

Recordo que eu estava numa construção, semelhante a um hotel, que, por sua vez, estava localizada numa extensa área ajardinada, muito bela, que possuía também árvores de grande porte. Alguém (que atuava como um amparador) me fazia companhia naquele lugar, que parecia ser um dos quartos do “hotel”. Eu admirava a paisagem pela janela daquele cômodo, quando pude ouvir parte da conversa de pessoas no quarto ao lado, por um processo estranho. Eu me sintonizara com a energia daquelas pessoas, e, em especial, com a história relacionada a um homem, que pertencia a um tipo de máfia. Compreendi que o “mafioso” cometera vários assassinatos e tinha um filho que ainda era criança. Possivelmente, o “mafioso” estava projetado como eu.

Na sequência, houve um evento (algo parecido com uma festa sóbria) no “hotel”, onde o amparador aproveitou o ensejo e me apresentou ao “mafioso”, que estava acompanhado de seu filho, um bebê no seu colo. Cumprimentei-o e passei a brincar com a criança, que correspondia alegremente. O “mafioso”, que tinha um ar desconfiado, demonstrou surpresa pelo bebê ter gostado de mim. Após o evento, retornei ao quarto. Eu estava acompanhado do amparador. Em seguida, bateu à porta do quarto um outro homem. Eu disse a este que iria apresentar-lhe alguém (“o mafioso”), mas não revelei pormenores. Eu estava confiante e nada me era estranho. Parecia que eu cumpria o roteiro de um planejamento prévio. Então fomos (eu, o amparador e este homem que batera à porta) para um outro quarto, onde já estava o “mafioso”, que nos aguardava.

Ao chegarmos no novo recinto, de fato lá estava o “mafioso”, que parecia manter alguma expectativa quanto àquele encontro. Logo que adentrei, caí num transe mediúnico, que não me tolheu a consciência por completo. Eu podia continuar observando o ambiente, mas não era mais senhor pleno dos meus atos e palavras. Aliás, naquele momento eu falava numa língua estranha e iniciava um gestual até unir minhas duas mãos “em concha”. Notei que entre elas surgira uma espécie de alimento (uma “materialização”, em nível astral, de algo). Continuei transmitindo informações numa língua desconhecida, e, através dos gestos que realizava com os

braços e mãos, indicava que daria um pouco daquele alimento para cada um dos presentes. Este gestual foi repetido por duas vezes e, na terceira vez, a entidade que se comunicava através de mim, passou a falar em português claro (pelo menos agora eu compreendia o que era transmitido): - Vou repartir este alimento em nome do Pai (e deu uma parcela para o “mafioso”), em nome do Filho (e deu um pouco para o homem que batera recentemente a minha porta) e em nome do Espírito Santo (e deu uma porção para o “amparador”). Em seguida, a entidade declarou: - Amém (e pôs um pouco do alimento em minha boca). Havia uma vibração forte no ambiente e todos estavam emocionados. Notei, apesar de estar na semiconsciência de uma atividade mediúnica, que o “mafioso” passara a chorar muito. Pude, ainda, entender que ele dizia que há muito tempo estava pedindo por um alimento, que desse conforto ao seu coração. A seguir, novamente a entidade comunicante realizou o gestual, repartindo, da mesma forma, o alimento que restava entre as minhas mãos astrais, ainda unidas “em concha”. Nesta segunda etapa de doação, pude perceber que meu rosto astral estava encharcado por uma substância gelatinosa. Esta substância, que provavelmente era ectoplasma, também estava “minando” da minha boca e pelas mãos. Rapidamente eu ficara “encharcado” com aquilo, até que houve um lapso de minha memória.

Retornei ao corpo físico atordoado pelo acontecimento. Abri os olhos materiais, procurando me localizar e notei que estava no meu quarto. Olhei de imediato para os vidros da porta da minha área de serviço, de onde provinha a claridade do dia que nascia. No entanto, não vi os normais vidros transparentes da porta. Eles estavam transformados num vitral de igreja em mosaico. Havia cores diversas, em tons pastéis, sendo que no meio havia uma imagem de Jesus crucificado. Pisquei os olhos e a visão persistia. É claro que persistia, pois estava “vendo” através do chacra frontal, mas, naquele momento, a surpresa tolheu um raciocínio mais efetivo. Então fixei meu olhar, esperando o processo de vidência terminar. Aos poucos a imagem do vitral de igreja foi sumindo, dando lugar aos vidros comuns da minha porta. Mantive-me deitado na cama por alguns minutos, aproveitando a energia boa que ficara em meu organismo, sobretudo no chacra cardíaco, até que resolvi levantar e anotar este relato.

CAPÍTULO 9

Artigo “Aspectos sobre rememoração de viagens astrais”

Escrito originalmente em 22 de agosto de 2010, e revisado em 06 de novembro de 2011.

Relato “Teste espiritual e reencontro”

Data da experiência: 31 de janeiro de 2002.

Artigo “Aspectos sobre rememoração de viagens astrais”

Raríssimos são os viajantes astrais que conseguem consciência contínua com frequência, isto é, deitam-se para fazer um exercício projetivo e saem do corpo lúcidos, para, em seguida, realizar algumas atividades conscientes e retornar ao veículo físico, sem lapsos de memória. A maioria das pessoas que realizam viagens astrais lúcidas, não trazem para a chamada "mente consciente" as lembranças de suas atividades extracorpóreas. Simplesmente não se recordam (as ações lúcidas ficam armazenadas no inconsciente), ou apresentam memórias parciais ou distorcidas. Com certeza, este é um “ponto de estrangulamento” relevante no registro consciente de experiências extrafísicas. Não raras vezes, ao nos encontrarmos lúcidos no Astral, nos preocupamos com a questão da rememoração. Então, nos perguntamos: “- será que vou lembrar de tudo que estou vendo?” Ou, em outras oportunidades, dizemos para nós mesmos: “- não posso esquecer isso!” Portanto, entre o estado de dúvida e o de desejar recordar, diversas vezes, acabamos por retornar abruptamente ao corpo denso, interrompendo experiências interessantes. Assim, o presente artigo pretende contribuir para o esclarecimento desta questão, que é parte importante para o sucesso pleno das incursões no Astral.

A princípio, colocaremos os tipos de rememoração possíveis, baseados em experiência própria, para uma projeção astral. Antes, ressalto apenas que o processo de rememoração pode se dar do início para o final das atividades exercidas, ou do final para o início, logo após o despertar do projetor em seu leito.

Num nível ideal, mas de ocorrência limitada, está a **rememoração integral**. Esta modalidade engloba todos os momentos lúcidos que a pessoa teve fora do corpo, relembando-se toda a sequência de atividades e detalhes dos fatos, com clareza completa.

A seguir apontamos a **rememoração parcial**, que é um tipo comum entre os projetores, consistindo na recordação incompleta da experiência lúcida no Astral. Neste caso, quando o viajante tem sorte, o esquecimento é relativo às partes menos importantes de suas atividades.

A terceira forma de lembrança pode ser denominada **rememoração condensada**, que é uma maneira de recordar resumida, das partes mais importantes de uma vivência lúcida fora da matéria. Neste caso se perdem alguns detalhes, mas o contexto geral fica registrado na mente. Uma experiência com este tipo de rememoração pode ser exemplificada assim: *recorda-se a ida para uma tarefa extrafísica com outros projetores e amparadores (1ª fase); em seguida, lembra-se que a tarefa foi de esclarecimento a entidades desequilibradas em zona umbralina (2ª fase); e, por fim,*

foi recordado que o retorno para o corpo físico foi difícil (3ª fase). É claro que, nesta modalidade de lembrar, podem ser captados um pouco mais de detalhes do que forneceu-se no exemplo acima.

O quarto tipo de lembrança pode ser chamada **lembrança distorcida**, que é bastante comum entre viajantes do Astral, e que, por diversos motivos, não conseguem recuperar as lembranças com nitidez. Nesta modalidade, por ser muito frequente, nos estenderemos mais, apresentando alguns exemplos. Uma situação comum de **lembrança distorcida**, com a minha pessoa, é o caso de um fenômeno que chamo de “identificação”. Exemplificando, uma vez obtive uma informação no Astral (talvez através de um amparador), de que uma pessoa perderia o pai em breve. Esta informação ficou registrada na minha mente, na forma de um sonho, em que meu pai falecia e eu ficava muito abatido. No entanto, um pouco antes e logo após ao despertar no corpo material, ponderei que meu pai já havia falecido há anos e aquilo não fazia sentido. Porém, ao longo da semana, o pai de um funcionário da minha empresa faleceu abruptamente, e pude ver, de fato, o alto grau de abatimento do rapaz. Bem, na realidade o que ocorreu, de minha parte, foi uma possível experiência extrafísica com **lembrança distorcida**, através de um fenômeno que chamo “identificação”. Explicando melhor, no Astral eu me identificara com o sofrimento por vir do meu colega de trabalho, de tal maneira que, ao trazer a memória do que estava por acontecer, assumi aquele sofrimento como se fosse meu. Ou seja, a possível viagem astral lúcida que tive, depois de um processo de distorção na lembrança, transformou-se num sonho simbólico premonitório. Numa outra oportunidade, creio que fui avisado por algum amparador, sobre os problemas que teria numa viagem a trabalho. A situação ficou registrada na minha mente, após noite conturbada de sono, na forma de um sonho, onde eu estava discutindo com pessoas, todas sentadas em cadeiras, enquanto eu estava sentado no chão. Poucos dias depois, durante uma viagem de negócios, fiquei em situação desvantajosa. Aí, compreendi que o sonho fora possivelmente algum tipo de experiência extrafísica lúcida, mas com **lembrança distorcida**, resultando num sonho simbólico premonitório. É claro que, aqui, não pretendo reduzir a questão premonitória à interferência exclusiva de amparadores. Provavelmente, premonições (simbólicas ou não) ocorram por outros mecanismos além deste, mas que não fazem parte do escopo deste artigo. Outra circunstância em que possivelmente acontece uma **lembrança distorcida**, a partir de uma viagem astral consciente, é nos casos em que ajudamos um amigo no Mundo Extrafísico, mas a lembrança do fato se dá no formato de um sonho em que, por exemplo, fornecemos uma roupa limpa a alguém que estava com uma vestimenta toda suja. Nos dias subsequentes, não raras vezes, encontramos o indivíduo amigo no Mundo Terreno, e acabamos por nos inteirar de que está ou esteve (recentemente) passando por dificuldades. Ou seja, nestes casos, é bem possível que tenhamos

realizado tarefa assistencialista à pessoa, durante uma projeção consciente, mas as recordações ficaram limitadas e distorcidas, até porque nessas situações, o teor vibratório da atividade é “denso”, o que dificulta lembranças posteriores nítidas. Um último exemplo de **rememoração distorcida**, que é relevante ser colocado, pela grande frequência com a qual acreditamos ocorrer, é a distorção na recordação da identidade de pessoas no Astral. Há indícios de que se possa estar projetado lucidamente com alguém no Mundo Extrafísico, mas, no retorno à matéria, confundimos a identidade de quem nos fazia companhia “do outro lado”. Entendemos que isso acontece, porque a nossa personalidade encarnada busca na memória, automaticamente, pessoas do nosso convívio e confiança aqui no Mundo Físico, no processo de rememoração das atividades no Astral. Assim, talvez estivéssemos projetados conscientemente com algum amparador, enquanto que, no retorno ao corpo, distorcemos o fato, só “recordando” que estivéramos fora do corpo com um parente (ou amigo) encarnado em projeção. Bom, depois de vários exemplos, de forma geral, por que ocorre a **rememoração distorcida**? A resposta está no funcionamento da mente humana. Resumida e didaticamente, ela pode ser dividida em “Inconsciente” e “Consciente”. A mente inconsciente trabalha basicamente com simbolismos, que dificultam uma interpretação mais direta e objetiva dos fenômenos. Como nos projetamos quase sempre enquanto o nosso corpo dorme, e sendo justamente durante o sono que o Inconsciente aflora e predomina, as projeções lúcidas poderão sofrer uma maior ou menor influência de símbolos e imagens oníricas, durante o momento da rememoração. Aí temos um problema adicional, que é o de como podemos diferenciar uma projeção astral com **rememoração distorcida**, de uma experiência fundamentalmente onírica (sonho). Entendemos que isso não é algo fácil, nem o mais importante, embora, às vezes, acontecimentos posteriores no Mundo Físico possam esclarecer que a prévia experiência noturna, tenha sido uma viagem astral com **rememoração distorcida**. O mais relevante, para quem deseje realizar projeções conscientes com boa rememoração, é seguir algumas condutas gerais, expressas abaixo.

Uma rememoração adequada depende de um corpo físico bem nutrido e descansado. O cérebro é um órgão que exige muitas calorias para um bom funcionamento, o que permite inferir que uma vida bem regrada e harmônica seja essencial, também, para a recordação dos fatos extrafísicos. Um outro fator que estimula a rememoração, é descondicionar-se de pensamentos e sentimentos muito materialistas. Isto pode ser feito através de leituras frequentes sobre projeção astral, bem como sobre temas espiritualistas diversos. O treinamento persistente de técnicas projetivas também pode ser útil, tanto para a lucidez no Mundo Extrafísico, como para rememoração posterior. Uma dica importante para se evitar perder um processo de lembrar, é ficar parado na cama após o despertar, buscando na memória o que se fez à noite. Se o indivíduo se

levanta e vai logo cuidar de seus afazeres, desliga-se automaticamente do que pode ter realizado no Astral. Neste caso, raramente recordará do que houve extrafísicamente, mais tarde, pois há uma tendência natural do Inconsciente “levar” tudo ou quase tudo para os seus “porões”. Por último, vamos deixar mais uma sugestão para recordar melhor, lembrando que não temos a pretensão de ter esgotado este assunto aqui. Há pessoas que, usando técnicas auto-hipnóticas, conseguem “programar” o Inconsciente para permitir lembranças mais assíduas e com maior qualidade das viagens astrais, que passam a “fluir” melhor para o Consciente. Para isso, é necessário conhecer um pouco sobre auto-hipnose e hipnose. Por fim consideramos que, quanto maior o número das condutas colocadas sejam praticadas pelas pessoas, de uma forma perseverante, melhor resultado tenderão a ter com a rememoração de atividades nos mundos sutis.

Relato “Teste espiritual e reencontro”

A vivência relatada a seguir, também disponível no livro “Experiências extrafísicas II”, exemplifica bem o aspecto da rememoração de viagens astrais.

Esta vivência no Astral foi bastante interessante e intensa emocionalmente. Posso destacar que esta experiência teve três partes distintas, onde as duas primeiras demonstram como a nossa consciência física tem dificuldade em assimilar as realidades de outros planos. O que o meu cérebro pôde decodificar, do que vivi nas duas primeiras fases da experiência, resume-se à compreensão de que eu estava passando por “testes” no Mundo Sutil. No primeiro período, apenas entendi que eu relutava em fazer uma determinada prova, por não acreditar-me preparado. Recordo que respondia a questões num papel, o que se configura numa provável imagem simbólica, que exprimia esta fase inicial da experiência. Lembro que estava tendo bastante dificuldade em dar as melhores respostas, mas acabei superando este “primeiro teste”. Em seguida, passei a participar de uma “prova prática”, numa paisagem inteiramente desconhecida por mim, onde deveria descobrir “pistas” no ambiente. Eu era ajudado por duas pessoas. Não consegui trazer detalhes mais lúcidos para a minha mente encarnada, mas trouxe a percepção de que realizara a tarefa a contento.

Na terceira etapa da experiência extrafísica, finalmente houve mais clareza do que pude rememorar. Recordo de ter chegado a um templo, onde transcorriam intensas atividades. Alguns aplicavam algo semelhante aos “passes de limpeza” das casas espíritas terrenas,

enquanto outros faziam irradiações de cura. Os trabalhadores espirituais eram muitos e trajavam roupões brancos, num amplo salão. Eu ainda estava sendo avaliado. Havia alguém a fazer anotações num papel, sobre as minhas capacidades/habilidades. Tudo era rápido e intenso demais, para a minha mente material poder registrar com um grau de detalhamento desejável. No entanto, lembro que naquele recinto fui sendo avaliado em várias etapas, por diversas características. Após esta “prova final”, apresentaram-me uma instrutora, que era uma senhora aparentemente chinesa, de estatura bem pequena. Ela ficou próxima de mim, até as atividades do templo terminarem, quando, do corredor de acesso ao salão, surgiu um cântico muito belo. A canção, que era proferida numa língua semelhante ao italiano, expressava grande alegria. Alguém me explicou que, ao final dos trabalhos espirituais, os tarefeiros sempre cantavam. O ambiente estava repleto de satisfação, por mais uma tarefa bem realizada. Compreendi que eu fora “testado”, dentro de uma espécie de sessão espiritualista. Agora, as pessoas já confraternizavam. Na sequência a instrutora, que eu perdera de vista, se aproximou de mim com um copo de alguma bebida, oferecendo-me. Várias pessoas já estavam tomando a bebida. Depois, foi-me mostrado um papel com o conjunto de minhas avaliações. Compreendi que fora bem aprovado.

Então vieram, de fora do salão, amigos que eu reconheci. Não sei em que época ou lugar convivi com eles, mas sabia que não os via há muito tempo. Era uma sensação ao mesmo tempo estranha e feliz, mas isto já havia acontecido comigo outras vezes no Astral. Eram cinco entidades masculinas, todos muito mais altos do que eu. Abracei um a um e as emoções foram fortes. Choramos todos. Um deles disse que, nos caminhos da vida, os amigos sempre se reencontram, e que eles sabiam que eu retornaria para aquela casa espiritual e me reengajaria nela. Eu sentia como se estivesse retornando para a minha família, após uma longa e demorada viagem. Meu chacra cardíaco vibrava intensamente. Logo a seguir despertei no Plano Físico, fortemente emocionado, passando a relatar o que foi possível.

CAPÍTULO 10

Artigo “Viagem astral e atividade mediúnica”

Escrito em 09 de julho de 2012.

Relato “Projeções conectadas”

Data da experiência: 1994.

Artigo “Viagem astral e atividade mediúnica”

Este artigo apresenta um aspecto importante do que ocorre nos mais variados centros espíritas/espiritualistas, que usam intensivamente a mediunidade nas suas lidas ordinárias: a correlação dos trabalhos mediúnicos com experiências fora do corpo. O objetivo fundamental é assinalar o porquê da relação entre viagem astral e atividade mediúnica. Mas, antes de entrarmos no foco da questão, é importante apontar também, neste início, que o presente texto de certa forma complementa outro artigo que escrevi há tempos atrás, que foi intitulado “Projeção astral e mediunidade” (Capítulo 8 deste livro).

A viagem astral é um fato fortemente conectado às atividades mediúnicas de um centro, quer os médiuns saibam disso ou não. Muitos médiuns têm experiências extrafísicas, mas não possuem boa capacidade de rememoração do que lhes sucedeu. Até possuem boa lucidez quando estão fora da matéria, mas, logo depois que retornam ao plano físico, não se lembram do que ocorreu, ou apresentam memórias distorcidas, chamando-as de “sonhos”.

Fundamentalmente, para que um trabalho espiritual funcione a contento, não basta apenas a realização da atividade mediúnica no dia marcado para a sessão no templo. Antes disso, no Mundo Espiritual, existem preparativos para o que precisará ser feito no plano terreno. E esta preparação prévia no Astral, muitas vezes requer a presença *in loco* de um ou mais médiuns, que são retirados de seus corpos físicos (ou atraídos) por mentores especializados. Então, uma vez no Mundo Sutil, esses médiuns recebem instruções ou mesmo já iniciam uma atividade energética preliminar, que os conecta às entidades que serão tratadas no templo terreno, no dia programado para a sessão mediúnica.

Além do que foi comentado, destaca-se que há mais duas situações de relação entre projeção astral e atividade mediúnica nos centros espíritas/espiritualistas. Uma delas é a correlação entre os fenômenos, no próprio período da sessão mediúnica. Não é tão raro que um ou mais médiuns, durante os trabalhos práticos, acabe saindo de seu corpo para cumprir tarefa no Astral, seja para atuar bioenergeticamente (de forma passiva, como doador de ectoplasma, ou de forma mais ativa, aplicando passes magnéticos em desencarnados, por exemplo), ou ainda para obter informações sobre o ambiente circundante, quando podem até receber instruções diretamente dos mentores presentes.

A outra correlação relevante entre viagem astral e atividade mediúnica é a que se dá após a sessão de trabalhos no centro, quando os médiuns já retornaram para as suas residências. É frequente que algumas tarefas só terminem posteriormente, no Astral, com o concurso direto de alguns médiuns, em desdobramento espiritual. Essas atividades posteriores à sessão

espírita/espírita podem perdurar vários dias, quando um ou mais trabalhadores encarnados serão induzidos a saírem do corpo, geralmente durante à noite.

Portanto, em resumo, assinale-se que a atividade mediúnica de vários tipos de grupos espiritualistas está intrinsecamente relacionada ao fenômeno da viagem astral. E esta correlação acontece nos momentos distintos apontados, mas para execução de um plano comum, que é o de auxiliar bioenergeticamente a desencarnados e também a encarnados. Embora grande parte dos sensitivos/médiuns não tenha boa consciência de sua atuação fora do ambiente físico, cremos que a tendência futura é de elevação desta conscientização.

Relato “Projeções conectadas”

A seguir, apresento um relato que consta no meu livro “Experiências Extrafísicas”, que exemplifica razoavelmente a ação de médiuns no Astral.

Logo no início de minhas atividades mediúnicas, ocorreu uma projeção astral muito significativa para mim. Realizei uma tarefa no Mundo Extrafísico, acompanhado pelo professor Néelson. Ele era o dirigente de um dos dois centros onde eu atuava e também lecionava na mesma universidade que eu frequentava.

Durante o início da viagem astral, eu caminhava solitariamente por uma estrada, rumo a um local desconhecido. Cheguei a uma localidade onde haviam vários prédios, como se fosse um conjunto habitacional. Numa espécie de praça estaquei, observando que a uma certa distância estavam muitas pessoas com aspecto humilde, algumas sentadas no chão, aparentemente gente sem moradia. Confesso que cheguei até o lugar sem saber bem o porquê. Talvez estivesse sendo guiado por algum amparador invisível.

Então, resolvi me aproximar de um grupo, quando, para minha surpresa, avistei o Néelson. Ele parecia estar ajudando de algum jeito aquele pessoal. Notei, agora que eu estava mais próximo, que os indivíduos ali eram todos índios. Homens, mulheres e crianças possuíam pele morena, rostos arredondados e olhos um pouco oblíquos, como os indígenas brasileiros. No entanto, eles trajavam vestuário normal de pessoas das cidades grandes. Fui retirado do meu estado de surpresa e inoperância, por alguém que exclamou: “- Puxa! Que bom! Chegou mais um para ajudar!” De imediato, passei a me integrar ao trabalho. No entanto, não me recordo ao certo o que fiz de bom para aquelas pessoas. Era algo ligado à cura, mas minha mente material não conseguiu registrar exatamente o meu papel ali. Logo em seguida, depois de um tempo impreciso no Astral, despertei no corpo material.

Fui à universidade feliz porque me encontraria com o Néelson, podendo-lhe contar que estivéramos juntos no Plano Espiritual, fazendo algo de útil a algumas entidades necessitadas. Eu concluíra que aqueles “índios” eram desencarnados que precisavam de algum aporte de bioenergia de nós, médiuns do centro espírita recém-fundado. Quando encontrei-me com o Néelson, eu lhe disse de supetão: “- Sonhei com você!” Ele, de bate-pronto, retrucou: “- Eu também sonhei com você!” Então pedi que ele contasse, primeiramente, o que “sonhara”. Néelson disse que lembrava ter ajudado a um grupo de pessoas, atuando como médico. Após um certo tempo de auxílio, ele narrou que eu havia chegado e me juntado ao trabalho. Em seguida a esta fase do serviço espiritual, segundo ele, nós saímos juntos do local e fomos para uma outra região, onde atingimos um vilarejo cheio de casas. Fomos em várias residências para verificar a saúde das pessoas. Nós éramos considerados como médicos naquele lugar. Depois ele retornou ao corpo, guardando na memória os fatos aqui relatados.

A seguir, contei ao Néelson a minha versão da viagem astral. Nós ficamos muito satisfeitos, por termos nos lembrado de alguns detalhes das experiências extrafísicas que coincidiram entre si. Pode-se verificar que estivemos no mesmo local, a princípio, pois ambos vimos inúmeras pessoas que precisavam de ajuda. No meu relato, quando eu cheguei, ele já estava lá. Na narrativa de Néelson, eu cheguei após ele já estar executando uma tarefa. Ou seja, há perfeita coerência. No entanto, ocorreu uma discordância, que foi quanto ao aspecto dos desencarnados. Eu os vi como sendo de etnia indígena, enquanto Néelson os viu como pessoas comuns de uma grande cidade brasileira, com diversas miscigenações. Acredito que a minha lembrança da projeção tenha sido de qualidade inferior a de Néelson neste ponto. Entendo que, às vezes, o nosso cérebro físico provoca algumas “distorções” quanto às experiências extracorpóreas, introduzindo ou suprimindo detalhes, ou ainda transformando algumas imagens astrais em algo ou alguém com quem estamos mais acostumados, no nosso dia a dia terreno. É importante destacar também, que eu não entendi exatamente qual era a nossa função, tendo interpretado que fora uma atuação no sentido de curar as pessoas. Já o Néelson compreendera que agíamos como médicos. Desta forma, pode-se concluir que também há boa coerência entre os relatos nesta questão. Mais à frente, o Néelson lembrou de uma segunda fase da projeção, quando fomos no vilarejo de casas. Eu, por minha parte, não recorro deste período. Minha “mente consciente” não foi capaz de reter ou registrar estes outros fatos, embora eu estivesse lá de forma lúcida e atuante, conforme a narrativa de meu amigo. Aqui, é possível notar um fenômeno comum no Astral: podemos estar acordados e agindo lucidamente, mas corremos o risco de não trazer a memória das ocorrências para o cérebro físico. Isto caracteriza o que se chama “falta de capacidade de lembrança”.

Finalizando este relato, é relevante assinalar que eu e o Néelson, naquela época, não tínhamos conhecimento de que poderíamos nos projetar pelos nossos próprios meios. Entendíamos o fenômeno exclusivamente sob a ótica do Espiritismo Cristão, que basicamente o denomina “desdobramento espiritual”. Compreendíamos que principalmente através dos guias espirituais é que poderíamos libertar os nossos perispíritos do corpo material, para que pudéssemos ir até o Plano Astral e auxiliar em alguma tarefa, através das nossas bioenergias.

CAPÍTULO 11

Artigo “Fatores interferentes na rememoração das viagens astrais”

Escrito em 15 de julho de 2012.

Relato “Endometriose”

Data da experiência: 16 de maio de 2003.

Artigo “Fatores interferentes na rememoração de viagens astrais”

Introdução

Num outro artigo (“Aspectos sobre a rememoração de viagens astrais” - Capítulo 9 deste livro) discorri basicamente sobre os tipos de recordação de uma experiência extrafísica que podem acontecer, apontando também quais as condições que favorecem uma boa lembrança de atividades astrais. No presente artigo, a intenção é apresentar alguns dos fatores que interferem numa adequada recordação de uma experiência fora do corpo. Mas, antes de entrar no assunto-alvo desse texto, é relevante assinalar que a rememoração de uma viagem astral pode ser classificada em duas modalidades, quanto ao momento de sua ocorrência (conforme as minhas percepções, baseadas em experiências particulares). A primeira é o que chamo de *rememoração instantânea* ou *on line*, na qual o projetor está no Astral e o registro de suas ações/vivências é imediato no cérebro físico. A segunda modalidade é o que denomino de *rememoração posterior*, que significa que a pessoa estava no Astral agindo/vivenciando experiências, mas que só após o seu retorno ao corpo físico é que há a transferência das memórias para o cérebro material, no nível consciente. Feita a distinção entre essas duas modalidades de rememoração, quanto ao momento da ocorrência, passemos a alguns dos fatores que interferem/atrapalham ambas modalidades.

A- Estado físico do projetor

O estado do corpo material do projetor, durante ou logo após sua atividade no Astral, pode bloquear inteiramente ou distorcer a rememoração de suas vivências extrafísicas. Vou exemplificar com ocorrências próprias. Há um tempo atrás, numa determinada noite, eu realizei uma tarefa de assistência no Mundo Sutil. Enquanto ainda dormia, estava acontecendo a recordação dos fatos com plena lógica. No entanto, o processo foi interrompido por um sonho (onirismo), onde eu acabara de descobrir um pouco de serragem no ambiente e, ao pegar um punhado com uma das mãos, coloquei na boca, tentando comer aquilo. A sensação era de extrema secura na língua e gengivas, e logo despertei na cama. Na realidade eu estava com muita sede, pois como passava por uma crise de rinite alérgica, dormia de boca aberta, o que provocou grande ressecamento. Ou seja, o meu estado físico interferiu na rememoração da assistência extrafísica, já que a sede contribuiu para induzir o sonho em que eu comia serragem. Numa outra oportunidade, eu explorava certa “localidade astral” com curiosidade, até que comecei a sentir faltar-me oxigênio em pleno Mundo Extrafísico, o que é um contra-senso, pois não respiramos “do outro lado”. Logo em seguida, despertei no meu leito. Constatei que eu estava dormindo com o rosto no travesseiro, o que me impedia de respirar adequadamente. Com o despertar abrupto, perdi quase todas as lembranças do

que fazia no Astral. Portanto, a falta de boa oxigenação durante o sono, não só interrompeu a experiência, como prejudicou a rememoração.

Além dos exemplos apresentados, lembramos que a questão do estado físico do projetor é algo bastante amplo, não sendo difícil perceber que se a fisiologia do indivíduo não estiver boa, a rememoração provavelmente será prejudicada. Assim, se o viajante estiver com algum problema orgânico, se estiver drogado ou alcoolizado, mesmo que se projete com alguma lucidez, pouco ou nada recordará.

B- Ambiente inadequado

Há casos em que o ambiente material onde o projetor repousa é inadequado, para ter boas rememorações das experiências extrafísicas. Não é difícil explicar esta situação. Por exemplo, vou contar o que ocorreu com um amigo, que me relatou estar projetado lucidamente dentro de sua casa. Ele observava atentamente os móveis e ia de cômodo em cômodo, constatando alguns detalhes e concluindo que não havia a presença de qualquer intruso. De repente ouviu que lá fora estava começando a chover. Em seguida, retornou ao corpo físico. Levantou-se e foi até a janela, para conferir a chuva que percebera enquanto estava no Astral. No entanto, o céu estava limpo e estrelado. Em seguida, saiu para o quintal, atraído por um barulho d'água. Notou, então, que a torneira do tanque estava pingando em um balde, logo abaixo, que estava enchendo aos poucos. Concluiu que aquele gotejamento havia sido captado pelo seus ouvidos, enquanto dormia, o que interferiu na sua viagem astral e no próprio registro da experiência pelo seu cérebro físico (ele focou tanto na questão da chuva, que esqueceu-se de boa parte do que fizera em casa no Astral). Ou seja, aquela chuva que ele notara no Plano Sutil, fora uma distorção de rememoração da experiência. Além desta exemplificação, assinalo os locais em que se usam despertadores barulhentos, que tiram as pessoas da cama com um belo susto, na hora de ir trabalhar ou estudar. Nesta situação, o choque de adrenalina nos indivíduos que assim acordam, os leva a focar nas atividades terrenas, impedindo praticamente por completo uma rememoração efetiva das vivências astrais. Poderia apontar outros tipos de ambiente inadequado, mas paro por aqui.

C- Cultura do projetor

Todo o conjunto de conhecimentos adquiridos pelo indivíduo que se projeta lucidamente, bem como a sua própria religião e hábitos, podem influenciar/interferir na rememoração das vivências extracorpóreas. Isso não é algo complicado para se compreender. Darei um exemplo que li num livro espírita, há muitos anos atrás, cuja referência me escapa à memória. O caso era o de um homem que, durante uma de suas noites de sono, fora induzido a sair de seu corpo

por seu mentor, pois deveria conversar com uma entidade feminina luminosa, que iria lhe passar uma mensagem importante. O fato ocorreu como planejado no Mundo Espiritual, mas, após retornar ao corpo físico, o homem despertou com a seguinte memória distorcida: ele acreditava ter encontrado com Maria, mãe de Jesus! Isto é, o projetor teve uma lembrança distorcida pela sua cultura fortemente católica. Além disso, não recordou o conteúdo de sua mensagem, que ficou retida no seu inconsciente, pois o impacto do encontro com o iluminado espírito feminino fez ele perder o objetivo principal, durante o processo de lembrança. Em resumo, lá no Astral o homem compreendeu a mensagem, mas, uma vez de volta ao plano material, não pôde registrar adequadamente o conteúdo.

Palavras finais

Não me estenderei mais sobre outros fatores que influenciam na recordação de experiências fora do corpo, pois creio que o objetivo fundamental desse artigo foi atingido. Espero que, após a leitura desse texto, projetores menos experientes possam ser beneficiados. É importante sempre termos uma boa autocrítica quanto as nossas vivências no Astral, de modo que possamos identificar, na medida do possível, o que é uma lembrança legítima e o que é uma distorção de memória.

Relato “Endometriose”

Na sequência, deixo o relato “Endometriose”, que exemplifica muito bem como os conteúdos culturais ou conhecimentos específicos de uma pessoa (no caso, a ausência de certos conhecimentos) podem distorcer/interferir na lembrança de uma atividade extracorpórea. Este relato está registrado no meu livro eletrônico “Experiências Extrafísicas II”.

A experiência que passo a relatar foi bastante interessante para mim, pois obtive uma informação da área médica no Astral, a qual desconhecia no Mundo Físico, confirmando posteriormente a sua veracidade aqui no Plano Material.

A recordação que tenho das minhas atividades extrafísicas, naquela noite, foi a partir da minha estadia num local ignorado, mas que me parecia ser um cômodo de hospital. Estavam no ambiente, um homem de elevada estatura, cuja fisionomia não lembro mais, e uma bela jovem com idade aparente entre 18 e 21 anos. Ela tinha cabelos loiros, pele branca, rosto de traços bem simétricos, relativamente magra e com altura mediana, apresentando-se com um

vestido longo de cor clara.

O homem supracitado, que mantinha uma atitude de médico, falava comigo sobre a moça, explicando-me que ela tinha uma “endometria” ou “endometriia” (não recordo exatamente o termo). Confabulei com ele por um tempo, recebendo informações mais detalhadas sobre a doença da jovem. No entanto, não consigo ter reminiscências nítidas do conteúdo, provavelmente porque sendo um assunto que não domino aqui no Mundo Terreno, deve ter contribuído para uma falha na rememoração.

Em dado momento, a moça interveio na conversa, dirigindo-se a mim: “- O que me incomoda realmente é que sou infértil.” Eu, tentando consolá-la, acabei dizendo-lhe uma inverdade: “- Isso não é importante, pois também sou infértil e vivo feliz! Isso não me atrapalha em nada!” Bem, realmente foi uma observação “esfarrapada”, já que, para a maioria das mulheres, a questão de ser fértil correlaciona-se com uma boa autoestima, sobretudo quando se é jovem.

Em seguida, nos dirigimos para um outro local. Lembro-me de chegarmos a uma casa de dois andares, com aspecto de clínica médica. Ao chegarmos neste lugar, o homem se aproximou mais de mim, passando a repetir algumas vezes, com ênfase, o nome da patologia. Compreendi que ele desejava que eu guardasse na memória, o termo técnico que designava a doença. Fiquei preocupado em esquecer e pensei que a solução seria anotar o nome, assim que me levantasse da cama (eu tinha consciência de que meu corpo repousava no meu apartamento, recém-adquirido). Desta forma, despertei de imediato no leito, com a palavra “endometria” na minha mente, em plena madrugada. Eu estava “grogue” de sono, mas consegui registrar numa folha de papel a experiência. Logo voltei a dormir.

Poucos dias depois, entrei em contato com uma médica amiga, que também se projeta lucidamente do corpo, e lhe contei a minha recente atividade extracorpórea. É claro que indaguei sobre a “endometria”. Ela corrigiu-me e disse que o termo correto é “endometriose”, que é, de fato, uma doença que pode levar à infertilidade. Ela forneceu-me algumas explicações sobre a doença e alguns aspectos de suas variações, mas que não cabe discorrer aqui. Fiquei muito satisfeito com a experiência, embora eu tenha memorado erradamente o termo que designa a doença. No entanto, para alguém que nunca havia ouvido falar sobre este assunto, a distorção na lembrança não foi importante. A coerência da experiência foi grande no geral, sendo relevante destacar, também, que a questão da possibilidade de infertilidade feminina estava correta. Assinalo ainda o evidente interesse do médico espiritual em que me lembrasse da experiência, talvez porque ele já soubesse que eu estava armazenando meus relatos de viagens

astrais, com o fim de divulgação através de “e-books”. Por fim, pelo contexto da ocorrência no Astral, compreendi que aquela jovem era uma encarnada projetada, que estava recebendo uma ajuda extrafísica, para dirimir seu problema de saúde.

CAPÍTULO 12

Artigo “Projeção astral e nível de espiritualidade”

Escrito em 22 de julho de 2012.

Relato “Área de sexo livre”

Data da experiência: 26 de setembro de 2001.

Projeção astral e nível de espiritualidade

Introdução

A motivação básica para elaborar este artigo pode ser expressa pela seguinte pergunta: *quem se projeta com frequência no Astral é, obrigatoriamente, alguém bastante espiritualizado?* Ou, de forma um pouco diferente, podemos colocar a seguinte questão como motivo fundamental desse texto: *quem conseguiu, através do uso de técnicas projetivas (ou espontaneamente) algumas experiências extrafísicas, atingiu um patamar expressivo de espiritualidade?* Bem, é o que tentaremos responder ao longo desse artigo, apenas situando, neste momento, o que entendemos ser um bom nível de espiritualidade. Compreendemos que alguém com um razoável grau de espiritualização, é uma pessoa que sabe ser humilde, sem ser submissa; entende que a Verdade possui muitas faces; faz ao próximo o que gostaria de receber; busca constantemente a harmonia em pensamentos, sentimentos e ações; que compreende que o conteúdo é mais importante que a forma; que exercita a tolerância; apresenta flexibilidade mental; dentre outros fatores relevantes.

Desenvolvimento do assunto

A princípio, assinalamos que a projeção astral é uma ferramenta de aprendizado para o indivíduo. Ela não é uma finalidade em si. Ou seja, a viagem astral é fundamentalmente uma maneira ou meio de se obter autoconhecimento, expansão da consciência e de ser útil ao semelhante. Quem obteve uma ou mais experiências fora do corpo não deve crer que atingiu um bom nível de harmonia espiritual, envaidecendo-se por isso. Nem tampouco as pessoas que leem os relatos de projetores mais experientes, precisam acreditar que esses projetores atingiram um elevado nível de espiritualidade. Mas, quais as evidências de que os indivíduos que se projetam com alguma frequência no Astral (com rememoração) não são, necessariamente, mais harmônicos do que aqueles que não se projetam? Respondemos, a seguir, apresentando alguns fatos.

Por exemplo, é observável na Internet e por meio de livros impressos, que relatos de projeção mostram que seus autores agem no Astral em conformidade com suas paixões e medos tipicamente terrenos. Eu também não escapo a esta realidade. Por diversas vezes, fora da matéria, não consegui agir de forma tão equilibrada quanto era o necessário. E, por isso, assinalo que o desdobramento espiritual é bela ferramenta de autoconhecimento, pois, através de experiências fora do corpo, somos confrontados com situações que nos põem à prova. Mas, voltemos às evidências de que pessoas que se projetam não são, obrigatoriamente, muito mais espiritualizadas. Através das publicações de opiniões, de diversos projetores, nos vários fóruns de debates na Internet, é possível notar que não deixam de expressar certos sentimentos, preconceitos e ortodoxias, revelando o lado

“terra a terra”. Além disso, conheço pessoalmente alguns bons praticantes de viagem astral, que, como eu, são bastante comuns e com diversas limitações bem humanas.

Neste ponto, é importante ressaltar que este artigo não tem como objetivo criticar a quem quer que seja, mas sim levar a uma reflexão sobre o assunto. Exemplificando, é perceptível por parte de algumas pessoas, um certo “endeusamento” a alguns projetores mais experientes, o que é uma postura um tanto imatura, que deverá ser superada mais cedo ou mais tarde. Por outro lado, há projetores que creem ser superiores aos que ainda não se projetam lucidamente (com rememoração das atividades astrais), envaidecendo-se em maior ou menor grau, o que os impedirá de prosseguir livremente em seu processo de expansão consciencial. Compreendemos, portanto, que estes extremos não são desejáveis.

Considerações finais

Finalizando este breve artigo, reafirmamos a projeção astral como ótima ferramenta (e não mais que isso!) para o autoconhecimento e expansão dos próprios horizontes. Realmente há pessoas que, utilizando adequadamente esta ferramenta, beneficiaram-se, passando a constatar e compreender que a consciência está além da materialidade. Muitos puderam confrontar-se com alguns medos próprios no Astral, aprendendo a superá-los, bem como outros puderam vivenciar suas fraquezas de caráter, sem certos disfarces possíveis no Mundo Físico, conscientizando-se delas e buscando a autotransformação. Por isso, divulgamos a projeção astral e estimulamos a sua utilização de forma equilibrada e com objetivos bem definidos. Estes objetivos variam de pessoa para pessoa, mas necessitam ser previamente esclarecidos por quem almeja experiências extrafísicas. A mera curiosidade e a satisfação de motivos menos nobres não promovem bons resultados.

Relato “Área de sexo livre”

O relato disponibilizado em seguida, correlaciona-se ao artigo acima, demonstrando como nós projetores, pelo menos ainda em grande maioria, somos bastante limitados quanto ao desenvolvimento espiritual, sendo facilmente influenciáveis por ambientes mais “densos”. Este relato encontra-se no livro “Experiências extrafísicas II”, que é de minha autoria.

Eram 11:30h da noite, quando resolvi dormir. Sentei-me na cama e tive uma intuição clara de que haveria uma tarefa a ser realizada no Astral. Como eu já estava relativamente

acostumado a esses “avisos”, momentos antes de me entregar ao sono, não dei maior importância ao fato. Apenas pensei que seria interessante recordar as atividades fora do corpo, o quanto possível. Após deitar-me de fato, não houve tempo de realizar exercício projetivo, pois adormeci rapidamente.

Então, um tempo indefinível depois de ter dormido, encontrei-me numa região tipicamente umbralina, que se assemelhava a uma área comercial terrena, só que cheia de detritos pelas ruas. Eu estava acompanhado de uma mulher alta, cabelos longos e loiros, de traços faciais muito belos e corpo escultural. Ela trajava pouca roupa: uma espécie de tanga e a parte superior de um biquíni. Andávamos lado a lado, bem próximos um do outro, e recordo com nitidez de ter prestado atenção a três lojas baixas, em sequência, que vendiam verduras, legumes e peixes. A “energia” do ambiente era “pesada”. O chão era sujo de lama e restos de produtos alimentícios. À esquerda e à frente do aglomerado de lojas citadas, havia a entrada de uma larga galeria mal iluminada, para onde eu estava indo com a mulher. Eu tinha confiança nela, pois a reconhecia (este era mais um “reconhecimento” de entidades do Astral, que fazem parte da nossa egrégora de trabalho espiritual). Na realidade, eu estava tenso com a vibração daquele lugar, mas a entidade feminina me passava segurança. Eu sabia, de alguma forma, que ela conhecia bem o local, e, assim, ela funcionava como condutora naquela excursão, que estava longe de ser agradável.

Uma vez ao passar pela entrada da galeria, notei que a mesma era um túnel em declive. Estávamos adentrando uma via, em direção “subterrânea”. Não demorou muito e chegamos a uma área de sexo livre. O lugar se caracterizava por ser um espaço comprido, onde, à direita, haviam diversas portas em sequência, que davam em quartos pequenos. Do lado de fora desses cômodos, onde eu estava com a minha companheira, haviam muitas mesas e bancos rústicos. O lugar estava cheio de pessoas, sendo muitas delas com aparência bonita, mas algumas apresentavam fortes deformidades. Naquele momento, não saberia distinguir bem se eram desencarnados ou indivíduos projetados. Provavelmente ocorriam ali tanto os primeiros, como os segundos. O ambiente tinha uma forte vibração sensual. Muitos estavam nus ou seminus. Compreendi que as pessoas que chegavam sozinhas ali, entabulavam algum tipo de conversa com alguém de interesse, e, tendo-se entendido, adentravam algum daqueles cômodos para a prática sexual. O “clima” era envolvente e fiquei um pouco perturbado com tantas imagens de sensualidade, mas, como havia uma certa hostilidade no ar, também estava temeroso. Talvez estas emoções divergentes, somadas à presença da bela amiga protetora, que de alguma forma me sustentava, impediram que eu me entregasse aos instintos, ou que eu batesse em

retirada rumo ao corpo denso.

Após um tempo junto com a minha companheira, observando o lugar, ela me conduziu a um dos quartos. Ela sabia o que fazia e eu compreendi que iríamos encenar uma espécie de “jogo”, de forma a não sermos identificados como intrusos. Havia um objetivo oculto para a nossa presença ali. Estando no reduzido cômodo, deitamo-nos numa cama de casal, e ficamos abraçados por um tempo. Agora ela trajava apenas a tanga. Quem ficou do lado de fora do quarto, acreditaria que estávamos naquele lugar para ter prazer, como qualquer um que estava ali.

Depois deste período, tive um lapso de memória. A seguir, eu já me encontrava do lado de fora do cômodo. Eu sabia que a minha amiga permanecera lá. Fiquei sentado num dos bancos daquele grande recinto, que assemelhava-se a uma “praça de encontros”. A minha frente havia uma mesa vazia, e ninguém se aproximara de mim até então. Percebi que eu funcionava como uma espécie de “isca”. Após momentos surgiu um rapaz moreno, apresentando um gestual típico da homossexualidade. Ele sentou-se num banco a minha frente, analisando-me com visível interesse. Achei curioso como o corpo dele estava todo lubrificado, ou pelo menos era isso que a minha visão astral podia perceber. Sua pele brilhava como se ele ou alguém tivesse passado um óleo por toda a superfície. Ele nada falou para mim, mas insinuava-se de forma clara, evidenciando desejar-me. Logo levantei-me para ir embora dali, mas ele me seguiu. Segurou no meu braço e pediu avidamente que eu raspasse os parcos pelos que apresentava. Eu disse ao rapaz que não queria nada com ele, e fui em direção ao quarto onde estava a minha amiga. Tinha intenção de pedir ajuda a ela. Talvez se o rapaz soubesse que eu estava acompanhado, se afastasse de vez. Então, houve novo lapso de memória.

Na sequência, após o jovem ter sumido, voltei a ficar com a minha companheira no reduzido cômodo, deitado na cama de casal. Eu estava bastante tenso com tudo o que estava acontecendo. Além do assédio de momentos antes, havia barulhos diversos como gemidos, gargalhadas, discussões, enfim, um ambiente caótico. Havia visto várias pessoas semienlouquecidas e outras com formas um tanto aberrantes do lado de fora. Na verdade, eu me sentia acuado naquele pequeno recinto, que pelo menos era melhor do que estar na área externa. Então, notei que no quarto onde eu estava, mais próximo à entrada, havia uma cama menor que aquela onde eu estava com a minha amiga. Naquele leito, dormia uma mulher muito gorda, inteiramente nua. Eu conversava baixinho com a amiga loira, expondo as minhas impressões sobre o lugar, quando ela me disse: “- O pior ainda está por vir!” Logo depois que ela me deu este aviso, entrou no recinto um homem muito robusto, nu e com os olhos arregalados,

parecendo estar num estado de automatismo. Tinha um aspecto que lembrava um sonâmbulo. Seu pênis era absurdamente grande. Assim que entrou, deitou-se sobre a mulher gorda. Ela despertou e ambos começaram a se relacionar. Após instantes, retornei ao corpo físico.

Despertei impressionado com todas as imagens e sensações daquela experiência. Não foi difícil pôr no papel a sequência dos eventos, já que estavam muito vívidos na minha memória. Fiquei tentando entender qual seria o objetivo principal daquela atividade extrafísica, e pensei em algumas hipóteses. Uma delas seria o resgate de alguma entidade que, embora ainda “presa” por sintonia às vibrações daquele ambiente, já desejasse ir para um local mais saudável, precisando, para isso, de um auxílio da Espiritualidade. Sendo isso, seria compreensível a minha presença ali, pois como encarnado eu teria uma frequência vibratória mais “ajustável” com a energia do lugar (e também o ectoplasma necessário para doar para alguma tarefa mais “densa”). Outra motivação para eu estar ali, seria basicamente para absorver algum tipo de aprendizado. Sob este ponto de vista, eu poderia estar em treinamento para atuar em áreas como aquela, em oportunidades futuras. Após pensar mais um tempo, concluí que seria difícil identificar uma causa primordial para aquela viagem astral. Provavelmente estavam envolvidas mais de uma motivação, para eu ser levado por aquela trabalhadora espiritual, àquela área de sexo livre.

CAPÍTULO 13

Artigo “Sempre lúcidos no Astral?”

Escrito em 29 de julho de 2012.

Relato “Despertando um amigo”

Data da experiência: 04 de agosto de 2006.

Artigo “Sempre lúcidos no Astral?”

Há algum tempo, leio pela Internet que uma ou outra pessoa que se projeta, declara crer que a lucidez é constante quando o indivíduo saiu de seu corpo físico. Ou seja, o projetor, quando se encontra no Astral, estaria sempre lúcido. O problema, segundo esses projetores, seria a falta de rememoração de suas atividades no Mundo Extrafísico.

Bem, de minha parte, embora concorde que existam oportunidades em que o projetor atue lucidamente no Astral e retorne ao Mundo Físico sem recordações, discordo que este fato sempre ocorra e passo a apresentar meus argumentos. Por exemplo, já fiz uma viagem astral em que realizava uma atividade bioenergética, conjuntamente com outros projetores, quando acabei adormecendo no local. Após um período despertei lá, onde ainda se encontravam os amigos projetados. Então, perguntei-lhes o que ocorreu durante o meu intervalo de sono. Recebi como resposta que um mentor estivera presente e que a tarefa fora terminada a contento. Em outras palavras, estive um certo tempo no Astral, sem consciência do que estava acontecendo. Poderia assinalar outros casos semelhantes, inclusive relatados por diferentes projetores, mas prefiro não me alongar quanto a este tipo de argumentação, pois há outra que também é relevante. Refiro-me à literatura espírita/espiritualista, que informa a ocorrência não só de pessoas projetadas no Astral, que dormem lá (ou seja, sem lucidez), mas também que aponta ocorrerem desencarnados que permanecem longos períodos em sonolência profunda, imersos em sonhos e lembranças de suas vidas terrenas. Em outras palavras, os seres humanos não permanecem lúcidos na Dimensão Astral todo o tempo.

Algumas pessoas explicam que há indivíduos que, uma vez no Astral, adormecem lá, deixando seus perispíritos (corpos astrais), para se manifestarem lucidamente numa outra dimensão energética (superior), usando um veículo ainda mais sutil. Inclusive há uma situação como esta, apresentada no caso de um desencarnado, o espírito André Luís, num livro psicografado por Chico Xavier. Mas, estes casos seriam sempre a regra? Ou seja, então sempre haveria lucidez em algum dos níveis vibracionais do Astral? Creio que não, pois isto, na minha ótica, seria incorrer num erro de generalização. Nem todos possuem um grau de desenvolvimento consciencial suficiente, para estarem plenamente lúcidos em qualquer ambiente vibracional. Cada ser está num patamar de compreensão distinto e, mesmo que seja induzido/ajudado por um mentor a manifestar-se num nível mais sutil, por algum tempo, nem tudo assimilará com perfeita clareza.

Ainda coloco o fato de alguns projetores que afirmam que o espírito nunca dorme, pois

a mente nunca se paralisa ou adormece. Isto é, eles consideram que, em algum nível, o espírito estará sempre funcionando. No entanto, assinalo que, mesmo considerando que a mente nunca para de funcionar, isto não significa lucidez constante. Simplesmente lembro que a mente pode estar trabalhando no nível inconsciente, tecendo suas elaborações de caráter subjetivo/interno.

Finalizando este artigo, apenas saliento que o escrevi com o intuito de que se evitem certas confusões, em função de generalizações que são feitas. Elas até podem prejudicar a compreensão do fenômeno da projeção astral, contribuindo negativamente no desenvolvimento de pessoas menos experientes, que interessam-se neste assunto.

Relato “Despertando um amigo”

Abaixo, deixo um relato interessante de uma experiência que ocorreu comigo, e que retrata bem a realidade de que pessoas que se projetam, nem sempre estão realmente lúcidas no Astral (sobretudo note-se o trecho onde um indivíduo projetado está no Astral como um “sonâmbulo”). Este relato foi publicado originalmente no *site* www.espiritualistas.org.

Recentemente, ocorreu o desencarne de um amigo do meu ambiente de trabalho material. Carlos tinha somente cerca de trinta anos de idade e estava conosco há quatro anos na repartição. Casara recentemente e terminara um curso de pós-graduação, podendo-se afirmar que ele estava feliz e cheio de vontade de viver. Uma vez Carlos me dissera, numa conversa particular, que não acreditava muito em “coisas espirituais”, embora fosse curioso sobre esse assunto, desde que se utilizasse de uma lógica racional ou científica para abordá-lo. Ninguém esperava que sua vida material fosse tão breve, e muito menos ele próprio. Houve consternação geral, quando chegou a notícia de que ele tivera um infarto dormindo e, embora se tenha tentado socorrê-lo, não houvera tempo hábil.

Alguns dias após o desencarne de Carlos, eu tive uma informação sobre ele, através de uma médium do Grupo Espiritualista Francisco de Assis. Ele ficaria um bom tempo agindo como se estivesse com sua vida corpórea normal, já que não estava preparado para partir ainda. Inclusive, ele continuaria indo ao seu antigo trabalho, para realizar as tarefas corriqueiras de antes.

De fato apercebi-me da correção da informação recebida, pois, semanas mais tarde,

um colega do serviço (Marcos) me procurou para comentar que havia tido um “sonho” com o Carlos. Ele narrou-me que havia se encontrado com Carlos e, surpreso, falou ao recém-desencarnado: “- Carlinhos! Você morreu!” No entanto, Carlos lhe respondeu veementemente e de forma repetida, a cada vez que Marcos afirmava que ele havia morrido: “- Eu estou vivo! Eu não morri não!” Alguns dias depois que Marcos havia me contado o seu “sonho” (uma projeção astral), eu mesmo tive uma experiência no Plano Astral, onde encontrei-me com Carlos e tive uma conversa com ele sobre a sua nova situação. Foi uma projeção em que não tive condições de rememorar bem as palavras da conversa, mas recordo que todas as minhas argumentações não faziam efeito em despertar Carlos para o fato ocorrido com ele. Algumas semanas depois, uma colega da repartição, Andréia, “sonhou” com Carlos. Ele lhe disse que apenas passara mal, mas já estava bem, completando: “- Agora está tudo bem. Foi só um susto!” Andréia era muito amiga de Carlos, mas por ser uma católica praticante tradicional, ficou assustada com a nitidez do “sonho”, desabafando o temor advindo de sua experiência com Anita, também amiga de Carlos. Esta contou o caso a mim, pois sabia que eu sou espiritualista e poderia dar uma explicação sobre este assunto. Naquele momento, apenas comentei que Carlos era uma ótima pessoa, mas por não ter uma consciência formada acerca da vida após a morte física, estava tendo dificuldades em entender seu novo estágio evolutivo. Completei que ele precisava de orações em sua intenção e bons pensamentos vibrados para ele de uma forma geral. Mais à frente, outras pessoas conhecidas tiveram “sonhos” com Carlos. Contudo, não pretendo me alongar sobre todos estes casos, que demonstravam a proximidade dele com as pessoas de seu antigo convívio.

Em 20 de julho de 2006, vários meses depois do desencarne de Carlos, tive um novo encontro com ele durante uma projeção astral. Era um lugar amplo, semelhante a um quintal de uma casa. Eu, novamente, conversava com ele tentando despertá-lo para a sua nova realidade. Num dado momento, apontei para o seu lado direito e lhe disse: “- Veja! Com este você pode falar normalmente, que ele vai lhe responder, pois é um desencarnado como você.” Então, Carlos fez um sinal para ele (um jovem de cabelos claros que estava ali de pé) com as mãos, em cumprimento, sendo que logo foi correspondido. Em seguida apontei para o lado esquerdo de Carlos, onde a cerca de três metros estava um encarnado projetado, de pé, que estava inconsciente (embora estivesse de olhos abertos, percebi que estava dormindo no Plano Astral, pois seu olhar era fixo), e eu lhe disse: “- Com esse aí você não poderá falar, pois é um encarnado.” É claro que poderia falar com um encarnado projetado, desde que este estivesse lúcido no Astral, o que não era o caso! Porém utilizei-me deste argumento, pois foi o que me veio à cabeça, naquele momento, para convencê-lo de que já não estava mais no Mundo Material.

Então, Carlos se aproximou do homem projetado e tocou-o de leve no braço, tentando chamar a sua atenção. Não teve sucesso, pois o homem continuou parado, ignorando tudo o que estava a sua volta. Percebendo que eu tinha razão, Carlos baixou a cabeça, demonstrando-se triste. Porém, eu ainda não estava satisfeito e chamei a atenção dele mais uma vez, falando: “- Carlos, veja agora uma coisa!” Eu, que estava em frente a ele, mais ou menos a uma distância de cinco metros, comecei a emitir energia através do meu chacra frontal (ou do 3º olho), fazendo movimentos circulares com minha cabeça, focando umas folhas e poeira astrais que estavam no chão, à frente dele. Logo, os resíduos que estavam inertes passaram a se movimentar, como um pequeno rodaminho, provocado por mim. Após isso, mirei nos olhos de Carlos e nada falei, embora ficasse claramente no ar uma pergunta: seria possível na vida física alguém fazer isso? Ele estava nitidamente desapontado, porque, desta vez, meus argumentos pareciam tê-lo convencido de que ele não pertencia mais ao Mundo Físico. Na sequência, não me lembro mais o que ocorreu.

Despertei no corpo, impressionado com a viagem astral, pois já há um bom tempo não pensava mais no Carlos. Provavelmente, algum amparador levou-me ao encontro dele, na tentativa de que eu, com as vibrações “mais densas” que possuo por ser encarnado, pudesse despertar a consciência de Carlos. Espero que ele tenha compreendido bem e aceite sua nova condição, evitando que fique estagnado em sua caminhada espiritual, que era o que estava ocorrendo até então, enquanto ele permanecia no Plano Terreno, próximo a parentes e amigos. No entanto, tudo também depende do livre-arbítrio de Carlos. Ele deverá fazer a sua escolha, se é insistir em estar no Mundo Físico ou seguir para um ambiente espiritual adequado ao seu padrão vibratório.

CAPÍTULO 14

Artigo “Projeção astral e uso de drogas”

Escrito em 03 de agosto de 2012.

Relato “Viagem perturbada por remédio”

Data da experiência: 17 de novembro de 1999.

Artigo “Projeção astral e uso de drogas”

Introdução

A motivação para escrever este artigo foi devida à constatação de que é relativamente comum, a ocorrência de pessoas interessadas em se projetarem para além do corpo físico com o uso de drogas. Percebo isso ao longo dos anos em que participei de diversos fóruns de discussão sobre viagem astral, na Internet. Considerando que o desejo geral das pessoas é o de se projetar com lucidez no Astral, naturalmente que o uso de drogas é um contrassenso, pois qualquer substância com características alucinógenas, para o ser humano, irá interferir na obtenção de um bom grau de lucidez. Além disso, há a questão da rememoração dos fatos vivenciados e atividades realizadas no Mundo Extrafísico. As lembranças provavelmente não ocorrerão ou, se acontecerem, terão grande probabilidade de estarem distorcidas, devido à interferência das drogas na química/fisiologia cerebral. Não devemos esquecer que o fenômeno da projeção astral, para ser registrado pelo projetor, obrigatoriamente passa pelo cérebro físico. Portanto qualquer tipo de droga, seja lícita (álcool por exemplo) ou ilícita (maconha, cocaína etc.), irá impedir ou interferir nas experiências fora do corpo.

Desenvolvimento do assunto

A partir de agora, vamos apresentar alguns argumentos, encontrados na Internet, favoráveis ao uso de drogas na indução de experiências extracorpóreas, com os devidos esclarecimentos da falta de fundamentação dos mesmos.

A- Certas drogas poderiam promover um relaxamento mais rápido, de modo que o projetor possa realizar a saída do corpo em seguida.

Este argumento/hipótese possui o problema básico já colocado na introdução deste artigo, pois, mesmo que haja um relaxamento em bom nível, para que o indivíduo se projete na sequência, com que grau de lucidez ele atingirá o Astral? E supondo que a droga utilizada não afete suficientemente o seu perispírito (também chamado “corpo astral”), havendo ainda lucidez razoável “do outro lado”, quando houver o retorno ao corpo físico, provavelmente não haverá rememoração ou ela será distorcida.

B- “Vale a pena o uso de drogas para projetar-se, pois a viagem astral é uma sensação maravilhosa”.

Esta foi a frase de um internauta que conseguiu uma experiência, após o uso de um entorpecente, com a intenção de projetar-se. Bem, mas que tipo de viagem ele conseguiu? Pode ter sido basicamente uma viagem interna, ao próprio inconsciente. Nada garante ou evidencia se o que ele viu ou vivenciou foi tão somente um fruto de sua própria mente, alterada bioquimicamente pelo uso do narcótico. Além disso, supondo-se que sua experiência tenha se dado realmente no Astral, ele simplesmente teve a sorte de não ser atacado pelos chamados “vampiros astrais”, ou simplesmente foi assediado e vampirizado mas não percebeu. E com a continuidade deste procedimento, a tendência é cada vez mais ser manipulado e desenergizado, até o esgotamento mental e físico. Fundamental para projetar-se é ter lucidez no processo! Quanto maior a lucidez, mais podemos aproveitar os benefícios da viagem astral, e também estaremos atentos quanto aos denominados obsessores/assediadores de vários tipos.

C- “As pessoas contra o uso de substâncias para realizar viagens astrais são preconceituosas, e o uso de química para se projetar não é pecado!”

Bem, esta afirmativa que colhi de alguém numa determinada rede social da Internet, carece de bons fundamentos. Com relação ao preconceito apontado, é um exagero colocado, pois é fato patente e já profundamente estudado por diversas vertentes da Ciência, que drogas prejudicam a saúde física e mental. Como é fato científico as diversas alterações cerebrais provocadas por drogas, e como o fenômeno da projeção astral só pode ser bem registrado através de um cérebro sadio, não há porque considerar, como preconceituosas, as pessoas que assinalam a inadequação do uso de entorpecentes para realizar experiências extrafísicas. Sobre o aspecto de que “o uso de química para se projetar não é pecado”, destacamos que não é necessário imiscuir esta visão religiosa do pecado na questão. Podemos contraindicar o uso de qualquer narcótico para a projeção, pelo simples fato de que a compra de drogas ilícitas traz, em sua esteira, muitas mortes geradas pelo tráfico de drogas. Além do mais, o usuário dessas substâncias, seja pensando em usar para tentar uma viagem astral ou para seu “simples prazer”, financia uma extensa rede de violência e corrupção. Portanto, não é exatamente uma questão de “pecado”, mas sim de consciência social e solidariedade humana.

D- “O uso moderado de algumas drogas pode ajudar na viagem astral.”

Quanto à afirmativa postada na Internet, é possível questionar este “uso moderado”. Quanto de

determinada droga, por dia, pode ser considerado “uso moderado”? Se houvesse uma resposta em gramas, teria que se avaliar ainda a massa corpórea do usuário e a sua tolerância individual (o metabolismo varia de pessoa para pessoa). Portanto, falar em “uso moderado” é algo muito relativo. Acrescente-se que a tendência é o indivíduo aumentar progressivamente o consumo do entorpecente, ou seja, é fato que aquele que usa droga passa do “uso moderado” para o abundante, em grande parte dos casos, seja com a intenção de projetar-se, seja para “uso recreativo”. Além disso, mesmo considerando que alguém fez um “uso moderado” e em seguida projetou-se, como saberá se suas recordações do Mundo Extrafísico não foram severamente distorcidas pelo seu cérebro, alterado por substâncias estranhas a sua fisiologia normal? Ou seja, uma séria dúvida será sua constante companheira...

E- Quem nunca fez projeção astral com uso de substâncias, não pode opinar sobre o assunto, pois lhe falta vivência com drogas.

Encontrei este tipo de argumentação em diversas oportunidades, com ligeiras variantes, na Internet. Entendo que este tipo de colocação é frágil, porque não necessariamente precisamos buscar uma experiência que, sabidamente, traz sérios prejuízos para a saúde física e mental. A esse argumento, se me fosse feito de forma direta, eu responderia que uma pessoa inteligente aprende com os próprios erros, mas quem consegue extrair aprendizados das experiências e equívocos de seus semelhantes é sábio.

Considerações finais

Bem, não me estenderei mais, evitando adicionar outros argumentos/afirmações sobre o uso de drogas para facilitar/promover projeções astrais, porque estes que selecionei da Internet, já me possibilitaram apresentar minhas contribuições sobre o tema. Apenas ressalto algo sobre o lado espiritual da questão, para que fique como uma reflexão a mais. Que tipos de entidades se aproximam de pessoas que tentam se projetar usando drogas? Considerando a lei natural das afinidades, os projetores que consomem drogas irão atrair desencarnados que foram usuários de entorpecentes em suas vidas materiais. Ou seja, estes desencarnados só vão reforçar o desejo dos projetores pelos narcóticos, aprofundando o hábito, que se tornará vício de difícil reversão. Considerando um cenário plausível e pior, os projetores que usam drogas possivelmente acabam por se tornar presas fáceis para assediadores mais especializados, que são chamados por parte da literatura espiritualista, de vampiros espirituais ou astrais.

Relato “Viagem perturbada por remédio”

Apresento, na sequência, um antigo relato de viagem astral que ocorreu comigo, e que pode servir de parâmetro de comparação com a situação central do artigo acima, guardadas as devidas proporções. Este relato consta no livro “Experiências extrafísicas”.

Antes de me recolher para repousar naquela noite, resolvi tomar um remédio a base de folhas de Passiflora (maracujá), tencionando ter uma noite de sono melhor e mais contínua. Ultimamente eu andava tenso, já que além do trabalho na empresa estar numa fase difícil, estava terminando a minha tese de doutorado, que vinha escrevendo nos horários de descanso. Como em outra oportunidade eu já havia tomado um medicamento composto, cuja predominância era de Passiflora, sem ter bons resultados quanto ao sono, desta feita ingeri dois comprimidos de uma só vez. Acreditava que aumentando a dose poderia dormir melhor.

Após pegar no sono, projetei-me no Astral não sei quanto tempo depois, despertando na rua principal do meu bairro. Eu estava desequilibrado, com a cabeça “pesada” e sentindo tonteiras. O meu estado era semelhante, talvez, a de uma pessoa bêbada. Ao invés de caminhar, eu cambaleava.

Num dado momento, comecei a ir para o meio da grande rua que corta o meu bairro, que se apresentava com um movimento intenso de carros. Isto ocorreu pela minha falta de autocontrole na locomoção. Pensei, meio irracionalmente, que poderia ser atropelado. Não tinha a exata noção de que estava projetado, mas lembrava que tomara o medicamento, e me perguntava se eu poderia estar naquele estado, devido ao “inocente remédio” que ingerira.

Quando atingi o meio da rua, o medo de ser atropelado fez-me subir até cinco ou seis metros de altura. Como o desequilíbrio era intenso, não consegui manter o voo, entrando em trajetória descendente. Cheguei, aos “trancos e barrancos” de volta à calçada e, com muita dificuldade, iniciei um retorno à rua onde moro. Eu estava a cerca de 400 metros de minha residência. Era algo impressionante a incapacidade de caminhar retilineamente.

No entanto, num dado instante enquanto me locomovia para atingir o meu prédio, ocorreu algo inesperado. Agora eu estava andando numa galeria subterrânea. Acredito que passei para uma dimensão energética mais “densa”, em decorrência do meu estado psíquico. Na referida galeria, encontrei-me com um senhor falecido que havia sido amigo de meu pai. Era o velho Delfim, antigo dono de um bar na esquina da rua onde eu morava na época. Juntamente

com ele vinha o Vítório, que trabalhara como garçom no botequim há muitos anos (não sei se o Vítório já está desencarnado). Eu, como estava bastante atordoado, pensava em pedir ajuda a alguém. O aparecimento deles foi providencial. Raciocinei que eu deveria dizer ao Vítório que estava bêbado e, assim, pedir uma ajuda para ele me levar até o meu apartamento. No fundo, eu não estava acreditando que o remédio havia me afetado tanto e, além disso, seria mais fácil convencer ao Vítório que precisava de auxílio por estar bêbado, já que ele tinha experiência em lidar com este tipo de situação. Contudo, notei que o velho Delfim fez um sinal com a mão para o Vítório, e este, em seguida, veio me ajudar sem que fosse necessário eu pedir socorro. Talvez tenham captado os meus pensamentos aflitos, ou simplesmente notaram, ao me encontrar, o meu estado de fragilidade. Assim, ele ajudou-me a subir uma escadaria, que parecia ser a saída da galeria subterrânea onde eu havia me metido. Logo depois, eu já estava despertando no corpo material.

Para minha surpresa, ao levantar-me para ir ao banheiro, constatei que o meu corpo físico detinha sensações semelhantes àquelas enquanto eu estava projetado. Realmente o remédio havia me dopado! No entanto, este “dopping” transcendera a matéria, atingindo ao meu veículo sutil. Raciocinei que eu normalmente tenho pressão arterial baixa e que, tomando um medicamento a base de maracujá (que reduz a pressão), devo ter tornado a minha pressão extremamente baixa, afetando sobremaneira o meu equilíbrio físico e energético.

CAPÍTULO 15

Artigo “Viagem astral é psicoterapia?”

Escrito em 10 de agosto de 2012.

Relato “Projeção com retrocognição”

Data da experiência: 26 de outubro de 2003.

Artigo “Viagem astral é psicoterapia?”

Após diversos anos participando de variados fóruns na Internet, notei, recorrentemente, pessoas perguntando se melhorariam de quadros depressivos, bem como de outros distúrbios psicológicos/emocionais, através da projeção astral. Este questionamento motivou-me a escrever este artigo, de modo a contribuir um pouco neste assunto.

Inicialmente, é importante trazer alguma conceituação sobre o que é psicoterapia. Embora saibamos que seu significado é amplo, e que há muitas modalidades psicoterapêuticas, é relevante colocar alguns pontos que auxiliem o leitor a se situar. Segundo o *Dicionário de Psicologia Prática*⁽¹⁾, “a psicoterapia pode ser definida como o tratamento dos problemas e transtornos psíquicos do indivíduo por meios psicológicos, ou como o conjunto de procedimentos de tratamento agudo, direto ou indireto, sobre os estados mórbidos do psiquismo segundo um processo psicológico”. Conforme a mesma fonte⁽¹⁾, qualquer definição de psicoterapia compreende dois itens fundamentais: ***a existência de um estado mórbido; e um processo psicológico, que envolve a ação do terapeuta sobre o psiquismo do doente e a reação do psiquismo a essa ação.***

Portanto, considerando a conceituação apresentada, já nota-se a incompatibilidade entre psicoterapia e projeção astral, pois na primeira há um procedimento psicológico padronizado envolvido, enquanto na segunda fundamentalmente se tem um fenômeno natural, que é a saída do projetor de seu veículo físico para uma dimensão sutil (o Astral). Além disso, ainda conforme os conceitos colocados, ficou evidente a importância da ação do terapeuta, que precisa ter uma continuidade junto à pessoa em desequilíbrio.

Bem, passemos agora para alguns argumentos realizados por vários internautas, que desejavam melhorar ou se curarem de seus problemas psíquicos/emocionais, por meio da viagem astral.

Uma argumentação era a de que, ao sair do corpo, o projetor poderia encontrar-se com o seu mentor diretamente, e, desta forma, poderia dialogar com ele, recebendo esclarecimentos e/ou bioenergias curativas. No entanto, esta situação apresenta intensa fragilidade, pois como se pode ter segurança de que realmente quem é encontrado é o guia da pessoa? Mas, considerando a hipótese de que alguém acesse seu mentor no Astral, após uma saída do corpo, nada garante que os esclarecimentos/orientações sejam rememorados pelo projetor no retorno ao Mundo Físico. Em grande parte das vezes, as comunicações recebidas durante uma viagem astral são mal rememoradas (com distorções) pelo projetor, ou basicamente ficam armazenadas em seu inconsciente.

Outra colocação de internautas no sentido de se ter ganhos terapêuticos é no caso de

poderem ir até o Astral Superior, e, uma vez lá, absorverem energias positivas, que os fariam melhorar ou curarem-se de seus distúrbios emocionais. Quanto a isso, assinalamos que alguém em desarmonia, pela sua má sintonia mental, tenderá a ir com muito mais facilidade às chamadas regiões umbralinas, onde predominam os desequilíbrios e vícios. Entretanto, supondo que o amparador (ou mentor) do indivíduo o auxilie a chegar até o Astral Superior, neste caso o projetor realmente poderá receber energias harmonizantes. Mas, este tipo de auxílio se caracteriza apenas como um paliativo que a Espiritualidade usa, no intuito de socorrer o encarnado. A pessoa não ficará curada de seus problemas emocionais desta forma, pois justamente está na Terra para se conscientizar de suas deficiências, transformando-se paulatinamente, fundamentalmente pelos próprios esforços.

Destacamos, ainda, outra argumentação frequente na Internet, por parte das pessoas que acreditam que encontrarão a cura para seus males psíquicos: se equilibrariam através de regressões a vidas passadas no Astral. Quanto a isso, alertamos que não equivale a uma Terapia de Vidas Passadas. Embora seja interessante acessar alguma vida pretérita a partir de uma projeção astral, quase sempre não há continuidade do processo, e muitas vezes a rememoração das vivências é parcial ou distorcida. Neste caso específico de recordação de uma vida anterior, durante o período de uma experiência extracorpórea, pode-se ter algum ganho terapêutico ou no âmbito do autoconhecimento, mas, geralmente, são situações apenas pontuais.

Neste momento, é relevante frisar que realizar viagens astrais pode trazer benefícios no campo da expansão consciencial e do autoconhecimento, mas que isso não equivale a um procedimento psicoterapêutico. Se o indivíduo não apresenta problemas ostensivos em nível psíquico, poderá, por meio de experiências extrafísicas, compreender que é uma consciência se manifestando através de um corpo e que sua vida vai além da matéria. Além disso, poderá notar que já possuiu vidas pretéritas (o fenômeno da reencarnação) e, uma vez no Astral, também será confrontado com suas deficiências, evidenciando quem ele é de fato e o que precisa melhorar (autoconhecimento). Mas, tudo isso, embora seja muito positivo, não é uma forma de psicoterapia. Ou seja, para pessoas que apresentam problemas psicológicos/emocionais nítidos, o fundamental é procurarem tratamento/psicoterapia adequados. Somente após atingir um patamar mínimo de equilíbrio/harmonia, é que se deve pensar em experiências fora do corpo, pois apenas assim serão aproveitados os benefícios deste tipo de vivência.

Fonte consultada:

(1) Dicionário de Psicologia Prática, vol. II. Coordenação de Leonardo Pereira Lima. Honor

Relato “Projeção com retrocognição”

A seguir, apresento uma viagem astral em que passei por uma regressão a vida passada (consta no livro “Experiências extrafísicas II”), que complementa bem o artigo colocado aqui.

Retrocognição é, basicamente, a capacidade de recordação do passado. Nesta experiência que vou relatar, projetei-me no Astral e, na sequência, tive acesso a memórias de uma antiga vida minha, que ocorreu por volta do final da chamada Idade Média.

Naquela noite, mais uma vez saí do corpo físico durante o sono, encontrando-me com a amiga Tetê Souza e uma outra pessoa (não captei se era encarnada ou se já era livre da matéria) no Mundo Astral. Esta outra pessoa apresentava-se como uma mulher alta e bela, de pele morena, trajando um longo vestido de cor clara. Ela era uma presença que transmitia serenidade. Nós havíamos chegado a um lugar, que era uma espécie de estalagem rústica medieval, toda construída em pedras amareladas. Neste ambiente havia um homem, que era o responsável pelo local e uma moça de aparência jovem e humilde, que era uma “empregada” ou “serviçal” do lugar (trajava um vestido comprido, sobre o qual havia um avental branco). Num dado momento, comentei com Tetê Souza sobre o evento do qual participaríamos, denominando-o “Projeto Consciencial de Salamanca”. A partir desse ponto houve um lapso de memória e o que pude recordar, em seguida, foram fatos de uma vida pretérita minha. No entanto, destaco desta primeira fase da experiência, que fomos para um lugar extrafísico, que tinha correlação direta com uma antiga encarnação que vivi. Talvez isto fizesse parte do planejamento daquele evento, de maneira que aquela ambientação medieval, em pleno Astral, reativasse lembranças de fatos há muito esquecidos.

Bem, farei apenas um resumo do que recordei sobre o meu passado, já que esta vivência não faz parte do escopo desta obra. Tive uma vida beligerante numa localidade europeia, já que percebi na paisagem construções tipicamente medievais, em grande parte, realizadas com pedras de coloração amarelada. Eu possuía uma residência, que era como um pequeno castelo feudal, estruturado com as rochas já citadas. Revivenciei uma batalha com um armamento semelhante à maça medieval e lembrei, com alguma riqueza de detalhes, sobre a

relação de rivalidade e ódio que tinha com um desafeto, que volta e meia me preparava emboscadas. Rememorei também, com certo desagrado, alguns aspectos da minha própria personalidade arrogante e materialista. Após esta experiência, realizei uma pesquisa sobre maças na Internet, descobrindo que aquilo que usava no meu pretérito belicoso era uma espécie de mangual e não uma maça. Quando aquela bola metálica (com várias pontas de ferro) é presa por correntes ou tiras de couro (como no meu caso), ao invés de ser sustentada diretamente por uma haste rígida, o armamento em tela não é chamado maça, mas sim mangual. Um detalhe bem relevante, é que eu jamais soube nesta vida, que existiam maguais feitos com tiras de couro (os feitos com corrente são muito mais conhecidos). Portanto, a busca na Internet confirmou a minha retrocognição nesse aspecto.

Retornando à primeira parte deste relato, quando descrevi a viagem astral em si, há uma outra questão muito importante para mim, que é mais uma comprovação de cunho pessoal da experiência: a estalagem era plasmada com uma imitação perfeita das pedras amareladas, que vi durante a retrocognição, formando boa parte das construções da época. Resolvi, por este motivo, pesquisar sobre a região de Salamanca (Espanha), já que o evento do qual iríamos participar chamava-se “Projeto Consciencial de Salamanca”. Assim, através da Internet, encontrei referências que me asseguram que estive no “espaço astral” relativo à Salamanca, bem como na minha vida passada, brevemente citada aqui, vivi nesta região. Passo, então, a colocar alguns dados esclarecedores. A cidade de Salamanca ostenta o título de “La dorada” (a dourada), admitida pela UNESCO como patrimônio histórico da humanidade, pois muitas de suas construções são feitas com um raro tipo de arenito, rico em ferro, que se torna amarelado devido à exposição das pedras ao ar, através do conhecido processo da oxidação. Por isso, vislumbrei tantas estruturas amareladas, tanto no Astral como nas imagens retrocognitivas, inclusive na minha residência pretérita (as paredes e escadarias eram feitas com pedras do arenito assinalado). Sobre o aspecto medieval que pude perceber, cito que há muitos tesouros históricos na região que visitei/vivi, como por exemplo a Universidade de Salamanca (a segunda universidade mais antiga da Europa, fundada no ano de 1218, por Alfonso IX de Leão), as Catedrais Nova e Velha, a “Plaza Mayor”, dentre outros lugares, que pude ver por meio de fotografias, e que correspondiam ao que pude vivenciar nesta projeção e retrocognição inesquecíveis.

CAPÍTULO 16

Artigo “Viagem astral e mudança perispiritual”

Escrito em 19 de agosto de 2012.

Relato “Percepções de voo”

Data da experiência: 23 de junho de 2003.

Artigo “Viagem astral e mudança perispiritual”

Quando alguém se projeta de seu corpo físico para o Mundo Sutil, o faz através do chamado perispírito (ou corpo astral). Cabe, então, uma breve explicação sobre o que é o perispírito, do qual podemos dizer, de forma simplificada, que é um envoltório para a “essência do ser” (o espírito ou consciência). Portanto, o perispírito (corpo astral) é um veículo de manifestação da consciência no Mundo Extrafísico. Quanto à composição perispiritual, não nos atermos a essa questão no presente artigo, e apenas afirmamos que é um “corpo não material”, que possui grande **plasticidade** e, por isso, responde com desenvoltura aos comandos mentais da consciência que o dirige. Mas, o que é **plasticidade**? Bem, esta propriedade significa que o perispírito se altera com facilidade na sua forma de apresentação, conforme a vontade do ser. Ou seja, a aparência da pessoa que se apresenta no Astral pode variar fortemente, desde a infância até a velhice, passando pelo gênero feminino até o masculino, mudando também de acordo com as etnias terrestres, por exemplo.

A vasta literatura espírita/espiritualista aponta, com boa frequência, que os desencarnados modificam facilmente suas aparências. No entanto, muitos encarnados que se projetam, desconhecem a capacidade intrínseca de alterarem suas formas, enquanto estão no Astral, pois ainda estão muito presos aos condicionamentos mentais tipicamente terrenos. Principalmente, por isso, este artigo foi elaborado.

O livro “Nos domínios da mediunidade”, do espírito André Luiz, através do grande médium Francisco Cândido Xavier, assinala bem a limitação de mentalidade de nós encarnados, ao estarmos no Mundo Astral, quanto à aparência apresentada. Isto ocorre de forma especial, quando um instrutor espiritual comenta sobre um médium desdobrado, durante uma sessão espírita: ***Nosso amigo, então, se pudesse pensar com firmeza fora do campo físico, se já tivesse conquistado uma boa posição de autogoverno, com facilidade imprimiria sobre as forças plásticas de que se reveste a imagem que preferisse, aparecendo ao nosso olhar como melhor lhe aprouvesse, porque é possível estampar em nós mesmos o desenho que nos agrada.*** Ainda no mesmo livro citado é possível ler: ***Raros espíritos encarnados conseguem absoluto domínio de si próprios, em romagens de serviço edificante fora do carro de matéria densa.***

Bem, após esses esclarecimentos, uma pergunta natural que surge é a seguinte: por quê mudar de forma no Astral, durante uma experiência extrafísica? Em resposta, podemos dizer que há pelo menos dois bons motivos. Um deles é a situação em que precisamos assumir uma aparência que inspire confiança a entidades desencarnadas, que precisem de ajuda. Por exemplo, isto é

verdadeiro no caso em que vamos ao encontro de seres amedrontados/inseguros, e, assim, se nos apresentamos numa forma infantil ou idosa, teremos maior possibilidade de sucesso na atividade assistencialista (a figura de uma criança ou de um velho provavelmente não será interpretada como uma aproximação perigosa). Já um outro motivo para uma mudança perispiritual no Astral é uma questão de segurança própria. Explicando melhor, às vezes chegamos a ambientes pesados (umbralinos), onde é melhor não chamar a atenção dos frequentadores locais. Assim, será interessante apresentar-nos de maneira semelhante aos “moradores” dessas localidades, permanecendo disfarçados o quanto possível, e evitando sustos ou assédios bioenergéticos desnecessários.

Passo, a partir de agora, a compartilhar casos em que alterei a minha aparência perispiritual no Mundo Extrafísico, pois foram situações que estão bem correlacionadas ao tema deste artigo.

Numa oportunidade, estava numa região umbralina e confesso que senti medo. Após sair de um recinto fechado, onde ocorria uma festa desagradável (não sei como eu fora atraído para aquele lugar), dirigi-me para uma rua escura, onde o sentimento de insegurança tomou o meu ser. Pensei que estava muito exposto e não deveria permanecer no local. Parecia que, há qualquer momento, seria atacado. Antes que isso ocorresse, resolvi me movimentar. Comecei a correr numa marcha leve e veio-me à mente que deveria assumir uma forma feia, intimidadora, de maneira a evitar ser atacado por qualquer entidade daquela localidade. Assim, durante o meu percurso, enquanto acelerava meus passos, ia buscando sensações/sentimentos primitivos na minha memória ancestral. Conforme corria, notava que meu perispírito se alterava. Pelos cresciam rapidamente no meu corpo astral. Percebi, inclusive, com grande nitidez, pelos rompendo a superfície de todo o meu rosto. Meu peito se inflou e meus membros, antes magros como na forma física, se alargavam e se robusteciam sobremaneira. Entrei numa espécie de quase transe, e da minha garganta saíam grunhidos. Eu quase rosnava. Transformara-me num tipo de troglodita. Seria uma aparência que tivera numa vivência física primitiva, quando ainda não poderia ser considerado um hominídeo plenamente racional? Não tenho a resposta exata, mas creio que é possível. Deste modo é que eu saí daquele ambiente e, depois, quando despertei no meu corpo material, toda a experiência estava muito vívida na minha memória.

Numa outra época, quando eu atuava como médium no centro do velho amigo Néilson Vilhenna, ocorreu mais um caso de mudança perispiritual envolvendo a minha pessoa. Neste período, eu trabalhava muito com o chamado “descarrego”, ou seja, manipulava bioenergias densas com frequência, retirando “cargas negativas” do público que necessitava de ajuda. Então, talvez por

isso, o amigo e dirigente Néelson me abordou certo dia para contar-me uma experiência extrafísica dele. Disse-me que, na noite anterior, encontrara-me no Astral e eu queria mostrar-lhe algo. Relatou-me que eu falei-lhe para prestar atenção em mim. Em seguida, segundo Néelson, eu sacudi a cabeça vigorosamente por poucos segundos, para logo olhá-lo fixamente. Eu estava, então, com o rosto mais embrutecido e cabelos mais fartos na cabeça. Na sequência, Néelson narrou-me que novamente voltei a sacudir a cabeça, para tornar a fitá-lo com fixidez. Conforme o meu amigo, meu rosto ficou ainda mais grosseiro e a cabeleira cresceu muito. A seguir, eu aproximei-me de Néelson, baixei a cabeça na sua frente e abri a densa cabeleira com os dedos, dizendo-lhe que observasse. Meu amigo assinalou que viu diversas larvas e vermes no meu couro cabeludo, achando aquilo muito estranho. Ele finalizou, contando-me que não se lembrava de mais nada daquela estranha experiência, não conseguindo interpretá-la racionalmente. Eu, de minha parte, coloquei-lhe que não recordava de minhas recentes atividades noturnas no Astral, mas que a sua viagem astral fazia muito sentido para mim. Néelson ficou muito curioso em saber a minha explicação para o fato, e confessei-lhe que fizera algo não recomendável. Expliquei a ele que, durante o dia anterior, eu tentara ajudar um amigo (Leone) à distância, pois soubera que passava por problemas. Assim, de minha própria residência, eu mentalizara que estava absorvendo “miasmas” e “larvas astrais” que porventura estivessem perturbando a mente de Leone. Após os minutos em que eu me concentrara para ajudá-lo, realmente me tornei mais “pesado” o resto do dia, ficando com certo mal estar. Portanto, para mim, a viagem astral de Néelson confirmou que eu tivera sucesso em dividir a “carga negativa” que estava com Leone. O mais curioso nessa experiência, no entanto, foi a mudança perispiritual que mostrei ao Néelson no Astral, e da qual não me recordei ao retornar ao corpo físico. Mais uma vez eu utilizara uma forma “troglodita” no Mundo Extrafísico! Quantas vezes eu posso ter utilizado esta aparência no Astral? É algo difícil de responder, pois minhas memórias são limitadas, mas, contudo, creio que eu deva ter me valido dela por diversas vezes, nas atividades mais grosseiras das regiões umbralinas.

Em outras oportunidades recordo-me de ter usado, na Dimensão Sutil, aparências diferentes daquela que tenho na vida material. Uma das mais comuns é aquela em que apresento-me como oriental, quando, por diversas vezes que vi meu rosto refletido em espelhos, minha face era a de um típico japonês. Acredito que esta minha forma astral seja em decorrência de uma ou mais vidas passadas terem ocorrido na Ásia. Há pouco tempo, através de um processo psicoterapêutico que resolvi trilhar, por meio de regressões de memória, recordei vida pretérita como samurai no Japão feudal.

Finalizando o artigo, afirmamos que o tema “viagem astral e mudança perispiritual” é

bastante amplo e há outros aspectos não abordados aqui. Entretanto, compreendemos que o conteúdo colocado foi o suficiente para despertar a atenção de projetores e estudiosos da questão.

Relato “Percepções de voo”

A vivência que relato a seguir, e que faz parte do livro “Experiências extrafísicas II”, exemplifica adequadamente o tema do artigo apresentado.

Após adormecer naquela noite, tive um sono pesado, acordando de madrugada com memórias esparsas e sem muito sentido. Levantei-me e fiz uma visita ao banheiro. Voltei a dormir e somente tive sonhos estranhos e desconexos. Despertei mais uma vez e logo voltei a pegar no sono, para, finalmente, ter uma experiência lúcida com recordação.

Estava voando sobre uma região praiana, semelhante à cidade do Rio de Janeiro. Lá era dia e eu voava com prazer, divisando a bela paisagem, onde o mar estava a minha direita e os prédios da orla se localizavam à esquerda. Abaixo de mim se estendia uma longa praia de areias bem brancas. Era possível observar muitas pessoas caminhando pela calçada que ladeava a praia, bem como outras andando pelas ruas próximas. Um fato curioso, é que eu estava voando de pé. Normalmente percorro os “céus astrais” deitado, de barriga para baixo, de maneira a olhar diretamente para baixo, sondando o território curiosamente. Neste jeito diferente de voar, sentia-me deslizando pelo “ar”, ao comando firme de minha mente, detendo um controle muito bom do deslocamento. Pude meditar como era bom aquele “meio de transporte”. Como era bom ser livre! Isto sim era realmente viajar!

A lucidez daqueles momentos era grande, sobretudo com relação à percepção de domínio da direção e velocidade do voo, mas, num dado instante, notei que deveria deixar de lado a minha concentração em aspectos do voo em si. Eu tinha que chegar a um grande prédio, um hotel, e era necessário sair da orla marítima. É como se eu tivesse lembrado que tinha algo a fazer naquele outro lugar. Assim adentrei a cidade, passando por vários edifícios, até divisar o prédio-alvo. Então pensei: “não vou descer na frente da portaria do hotel, para evitar a curiosidade das pessoas.” Eu não queria causar qualquer espanto (talvez naquela parte do Astral a locomoção por voo fosse incomum), ou seja, não desejava ser o centro das atenções. Desta forma, planejei entrar no hotel pelo alto, por uma de suas sacadas abertas, que dava passagem para um corredor, e daí, para uma área interna da edificação. Executei a manobra, mas, a partir

de cerca de dois metros da sacada, notei que havia uma espécie de campo magnético no ambiente, o que dificultou a minha livre locomoção pelo ar. Uma vez dentro do corredor do hotel, a “aura” do lugar puxou-me para baixo. Resisti mentalmente, forçando-me a subir no âmbito da área interna do prédio. Eu acreditava que ao subir, distanciando-me mais do piso, livraria-me daquela sensação de atração para baixo. Insisti por um tempo em subir, para recuperar a “leveza” anterior, mas percebi que embora eu me elevasse a muito custo, não era o distanciamento do solo que melhoraria a situação. O que realmente causava a dificuldade em voar era a “aura” do prédio, onde eu estava. Em seguida tive um lapso de memória, mas, na sequência, recordo que estava andando pelos corredores do hotel. Eu ia em direção a um quarto, onde me encontraria com algumas pessoas, para conversar sobre assunto que agora não lembro mais. A partir deste ponto, as reminiscências do que ocorreu depois findaram, mas subitamente, ao final do registro deste relato, rememorei que antes de iniciar a viagem aérea, alterei a minha forma astral. Eu assumira a aparência de um um homem idoso e bem magro, com cabelo e barba quase totalmente brancos. Foi com esta “roupagem” que me dirigi àquele prédio, provavelmente porque com esta forma, de alguma maneira, eu teria uma atenção melhor das pessoas daquele quarto de hotel. Lamentavelmente, não pude trazer para o Plano Físico a memória integral desta experiência.

CAPÍTULO 17

Artigo “Lucidez extrafísica”

Escrito em 07 de setembro de 2013.

Relato “Percepções de voo”

Data da experiência: 23 de junho de 2003.

Artigo “Lucidez extrafísica”

Muitas pessoas acreditam que a maior dificuldade, numa viagem astral, é a manutenção de uma elevada lucidez extrafísica. Discorreremos, aqui, sobre vários aspectos desta questão. Mas, antes disso, é importante apresentar uma definição básica sobre este tema. De uma forma genérica, lucidez extrafísica nada mais é do que estar consciente fora do corpo físico, mantendo um raciocínio lógico sobre o que está acontecendo a sua volta, e compreendendo que está vivenciando uma experiência no Mundo Astral. Passemos, então, a aspectos específicos sobre a questão.

Inicialmente, é fundamental assinalar que a lucidez fora da matéria será proporcional à lucidez que o indivíduo desenvolve no seu dia a dia terreno. Não é possível “descolar” essas duas realidades. Se a pessoa, na sua vida material, sistematicamente foge das suas responsabilidades, procurando um viver inconsciente e instintivo, não poderá ser muito lúcida nas dimensões sutis. Por exemplo, alguém que consome álcool com frequência no seu cotidiano, acostumou a sua mente a ficar na semilucidez. Assim, no Astral, manterá seu padrão de consciência limitada. Também é possível exemplificar com o caso de pessoas que são muito emocionais nas suas relações terrenas, agindo frequentemente no sentido de promover conflitos, ao sabor de impulsos pouco racionais. Obviamente estas pessoas, no Mundo Extrafísico, não poderão ter uma lucidez adequada, pois dentro ou fora do corpo material, a personalidade em ação é a mesma.

Outro ponto importante a considerar, é que a lucidez extrafísica será maior e mais contínua, se a pessoa já desenvolveu esta característica em vidas passadas. Portanto, alguns indivíduos já nascem com esta condição, pois fizeram esforços neste sentido em épocas mais antigas. Uns pertenceram a ordens iniciáticas que estimulavam a prática da projeção astral. Outros, através de atividades ligadas à magia, descobriram ou aprenderam a se deslocar extrafísicamente pelas dimensões imateriais, conscientemente.

No entanto, é relevante ressaltar que os aspirantes às viagens astrais lúcidas, não devem desanimar, acreditando que se não tiveram uma boa prática em vidas pretéritas, não poderão ter sucesso. Manter um pensamento como esse, é o mesmo que alimentar uma crença limitante, que acaba por levar o indivíduo ao fracasso. Já está sendo divulgado, em boa escala, que a lucidez de alguém, no Astral, pode ser melhorada com a prática persistente de exercícios bioenergéticos. Além disso, ao se desenvolver certos hábitos, se poderá ter ótimos ganhos neste sentido. Por exemplo, a saturação mental com a leitura de textos sobre experiências extracorpóreas pode ter efeitos bem positivos, no incremento de lucidez extrafísica. Outros estudos de temas ligados à Espiritualidade, no geral, também são benéficos, pois expandem os horizontes e a consciência da pessoa. A mente

deste indivíduo passa a compreender realidades além da matéria, evitando choques com fatos típicos do Mundo Astral. Ou seja, este ser está melhor preparado para manter-se consciente, em dimensões vibratórias mais sutis que o Plano Terreno.

Um aspecto importante, e que não deve ser esquecido, é que a fase de vida que alguém está passando, influencia no seu grau de lucidez extrafísico. Se a pessoa vive momentos de tensão ou desequilíbrio, mesmo que tenha uma boa capacidade de estar consciente no Astral, ela poderá ter um baixo desempenho neste quesito. Por exemplo, um indivíduo que está em dificuldade financeira, provavelmente terá o foco de seus principais interesses em ganhar dinheiro. Assim sua mente estará, neste período, voltada para o campo material. Então, mesmo que esta criatura se projete, é bem possível que sua lucidez seja menor que o normal, ou flutue bastante.

Por fim, apontamos um fator crucial: a falta de lucidez não deve ser confundida com ausência de rememoração da experiência fora do corpo. Entendemos que muitas vezes as pessoas projetam-se, mantêm razoável consciência no Plano Astral, e ao retornarem ao corpo, simplesmente não se lembram de suas atividades. Já encontrei-me com amigos no Mundo Extrafísico, quando realizamos assistências extrafísicas conjuntamente, mas, posteriormente, quando os abordava no Mundo Terreno, constatava que suas recordações eram parciais ou praticamente nulas. Ou seja, não basta ter lucidez fora da matéria, é bastante relevante ter boa rememoração do que ocorre “do outro lado”, de maneira que estas experiências não fiquem armazenadas exclusivamente em nível inconsciente. Trazer à luz da vida física o que acontece no Mundo Espiritual, é primordial para que elevemos o padrão vibratório de nosso planeta.

Relato “Auxílio e sonolência no Astral”

A vivência colocada na sequência, e que faz parte do livro “Experiências extrafísicas III”, tem boa correlação com o artigo apresentado.

Numa determinada noite, resolvi fazer um exercício bioenergético. Em pouco tempo, já sentia o característico “formigamento” pelo corpo. No entanto, perdi a consciência.

Mais tarde, encontrei-me no Plano Extrafísico junto com minha mãe, desencarnada já há 19 anos atrás. Estávamos visitando o antigo prédio, onde moramos por muito tempo, e de onde me mudei alguns anos após o falecimento material de meus genitores. Lá, próximo à entrada de um apartamento de uma vizinha de outrora, a Sra. Carmem, encontramos com a

própria. Eu sabia que ela havia desencarnado há cerca de dois meses, por intermédio de um amigo que residia no referido prédio.

Eu e minha mãe cumprimentamos a Sra. Carmem, falando-lhe em seguida, que seríamos vizinhos dela novamente. Ela sorriu, satisfeita com a notícia. Logo raciocinei que ela, mesmo desencarnada, ainda estava no apartamento onde residira materialmente por mais de 50 anos. Provavelmente não percebera que havia perdido o corpo físico. Lembrei-me, neste momento, que depois que retornasse ao meu corpo denso, deveria anotar aquela experiência em andamento. Em seguida, despertei em minha cama, rememorando tudo o que foi possível, passo a passo. Compreendi que minha mãe e eu talvez tenhamos ido ali, para ajudá-la de alguma forma. Ainda deitado em meu leito, concluí que o meu grau de lucidez não foi dos melhores, mas foi o suficiente para entender o encontro e a situação. No entanto, não levantei-me para fazer o registro da vivência em papel, pois temi perder o sono totalmente. Mirei o relógio, que marcava 4:30 h da madrugada.

Fiquei deitado e tentei relaxar para dormir, pois no dia seguinte teria que chegar cedo ao trabalho. Peguei no sono, mas a minha mente não desligou-se da viagem astral que tivera com minha mãe. Eu desejava não esquecer a experiência.

Uma vez no Plano Extrafísico novamente, busquei a minha amiga Tetê Souza, com a intenção de relatar o ocorrido. Na casa dela, eu contava animadamente os fatos, mas a minha amiga tinha dificuldade de manter-se lúcida no Astral, naquela oportunidade. Alguns trechos ela ouvia atentamente, mas, logo em seguida, seus olhos iam se fechando. Cada vez que ela parecia que iria dormir em pleno Astral, eu dava uma sacudida em seus ombros. Então, ela arregalava os olhos e passava a prestar atenção a minha história, mas não conseguia manter-se alerta. E tudo se repetia novamente, tendo eu que intervir para chamar a sua atenção. Este “vai e vem” ocorreu por cerca de três vezes, até que eu retornei ao meu corpo.

Embora muitos projetores tenham uma consciência flutuante no Mundo Sutil, não me conformei com a situação da Tetê Souza naquela vivência. Como eu estaria junto a ela, no próximo final de semana, resolvi que lhe indagaria sobre o acontecimento. E assim fiz, perguntando-lhe se havia se projetado na madrugada entre os dias 18 e 19 de dezembro. Minha amiga respondeu que, na noite citada, tivera uma insônia até 1:00 h da madrugada, quando resolvera tomar um comprimido de um calmante, pois precisava ir trabalhar no dia seguinte, necessitando pelo menos de algumas horas de sono. Então, fiquei deveras surpreso. Ela ficou dopada nos dois níveis: tanto fisicamente, como em seu corpo astral. Isto me fez recordar que, anos atrás, tomei um remédio antes de dormir, que também me deixou muito sonolento no Astral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O LIVRO

Caros companheiros leitores, que seguiram nossas palavras até aqui, esperamos que estejam satisfeitos com os conteúdos expostos. Se não “convencemos” aos céticos da possibilidade de viajar além dos limites que o corpo físico nos impõe, queremos crer que pelo menos tenhamos despertado uma curiosidade sadia sobre o assunto. Se não ajudamos àqueles que almejam a ter uma projeção astral de fato, pelo menos desejamos ter estimulado a persistirem neste caminho, tão interessante. Se não agregamos novos conhecimentos aos que já vinham obtendo viagens astrais conscientes, pelo menos esperamos tê-los instigado a novos estudos e experiências.

Por fim expressamos o desejo de receber, daqueles que tenham lido esta obra, comentários, críticas construtivas e sugestões, via *e-mail*, de maneira que tenhamos uma noção do alcance do “Fases da projeção astral” e de como podemos melhorar nos próximos trabalhos neste tema, sobre o qual ainda pretendemos escrever em futuro breve. No mais, fica um abraço cordial a todos.

Pablo de Salamanca